

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA  
MESTRADO EM MÚSICA

FELIPE CAMARGO

O PERTENCER ATHLETICANO:  
UM ESTUDO ETNOMUSICOLÓGICO DAS TORCIDAS NA ARENA DA  
BAIXADA

CURITIBA

2026

FELIPE CAMARGO

O PERTENCER ATHLETICANO:  
UM ESTUDO ETNOMUSICOLÓGICO DAS TORCIDAS NA ARENA DA  
BAIXADA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual do Paraná, linha de Música, Cultura e Sociedade, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música. Orientador: Prof. Dr. Allan de Paula Oliveira.

CURITIBA

2026

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Camargo, Felipe  
O pertencer athleticano: Um estudo  
etnomusicológico das torcidas na arena da baixada /  
Felipe Camargo. -- Curitiba-PR, 2026.  
172 f.: il.

Orientador: Allan Oliveira.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação  
Mestrado em Música) -- Universidade Estadual do  
Paraná, 2026.

1. Etnomusicologia. 2. Club Athletico  
Paranaense. 3. Torcida de futebol. 4. Música de  
estádio. 5. Território sonoro. I - Oliveira, Allan  
(orient). II - Título.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

FELIPE DA SILVA CAMARGO

O PERTENCER ATHLETICANO:

UM ESTUDO ETNOMUSICOLÓGICO DAS TORCIDAS NA ARENA DA BAIXADA

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Música, do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Estadual do Paraná, linha de Música, Cultura e Sociedade, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

---

Prof. Dr. Allan de Paula Oliveira

UNESPAR

---

Prof. Dr. Marcelo Garson Braule Pinto

UNESPAR/UFPR

---

Profa. Dra. Fernanda Marcon

UFFS

Curitiba, 07 de maio de 2026

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Allan Oliveira, que topou esse tema até então incomum no PPGMUS, mas que nutro esperança de que ecoe de alguma maneira em pesquisas futuras. Além de aceitar, foi um exímio orientador durante toda a trajetória e respeitou, acima de tudo, a minha própria jornada durante todo o processo.

À minha esposa Pauline Goltz e aos demais familiares que deram todo o apoio sempre que necessário. De diferentes formas, com diferentes visões, mas sempre entendendo a minha imersão e desafios para a realização desta pesquisa.

Aos meus amigos que compartilharam momentos de distração e acolhimento sempre que necessário.

E, por último, mas não menos importante, aos meus cachorros, Mel e Moka, que estiveram comigo no escritório silenciosamente, e às vezes nem tão silenciosamente assim, durante todo o processo de escrita.

A vida imita o vídeo  
Garotos inventam um novo inglês  
Vivendo num país sedento  
Um momento de embriaguez  
**Humberto Gessinger**

## RESUMO

Esta pesquisa investiga os rituais e as performances musicais dos torcedores da arquibancada 321, do Club Athletico Paranaense (CAP) dentro do seu estádio, a Arena da Baixada. O estudo ocorreu entre o segundo semestre de 2024 e o final de 2025, abrangendo o final do ano em que se comemorou o centenário do clube, período em que observei os seis últimos jogos na Série A, e também o início da Série B e a Copa do Brasil de 2025. O referencial desta dissertação baseia-se na teoria do processo civilizador de Norbert Elias e na discussão sobre identidade na pós-modernidade de Stuart Hall. Além disso, a pesquisa contempla um levantamento das canções da Torcida Organizada Os Fanáticos (TOF), assim como uma proposta de categorização das músicas, segundo o conceito apresentado sobre o tema nos estudos de Luiz Henrique de Toledo. A metodologia se deu por meio de uma perspectiva etnográfica e também da coleta de dados nas redes sociais, em *streamings* de música e em outros *sites* que hospedam informações relevantes sobre as músicas e sobre os torcedores do clube. Para entender as práticas sobre os torceres athleticanos, primeiro, foi necessário investigar o que a legislação brasileira considera ser um torcedor e uma torcida organizada. Com esta ancoragem feita, inicia-se uma exploração em aspectos sociais, nos valores e na simbologia que o clube busca creditar a seus apoiadores. Em meio a essa construção da narrativa sobre o que é ser athleticano, apresento alguns pontos de resistência, de contradição e inflexão institucional e também nas culturas torcedoras observadas. Como resultado, a pesquisa identificou que a música, e seu poder simbólico, não apenas consegue unificar comunidades e auxiliar na criação de uma atmosfera catártica na Arena da Baixada, mas também pode impactar e diluir grupos, servindo como um exemplo do que não fazer, ou não cantar, dependendo de onde você se encontra no estádio, contrapondo os discursos populares de que a torcida é uma grande massa irracional que canta e agride sonoramente todos aqueles que podem ser considerados os seus adversários. Além disso, o estudo identificou alguns valores sociais aplicados sobre o cantar e as possíveis estratégias adotadas por esses membros para entrar na comunidade e se mostrar pertencente à Torcida Organizada, ou até mesmo ser visto como um torcedor tradicional, um “torcedor raiz”, na linguagem dos boleiros.

**Palavras-chave:** Etnomusicologia; Club Athletico Paranaense; Torcida de futebol; Música de estádio; Território sonoro.

## ABSTRACT

This research investigates the rituals and musical performances of the supporters in the 321 stand of Club Athletico Paranaense (CAP) inside its stadium, Arena da Baixada. The study took place from the second half of 2024 to the end of 2025, encompassing the end of the club's centenary year, a period during which I observed the last six matches in Série A, as well as the beginning of Série B and the 2025 Copa do Brasil. The theoretical framework of this dissertation is based on Norbert Elias's civilizing process theory and Stuart Hall's discussion on identity in postmodernity. Furthermore, the research includes a survey of the songs chanted by the organized supporters' group (Torcida Organizada) Os Fanáticos (TOF), as well as a proposal for categorizing these songs, based on the concepts presented in the studies of Luiz Henrique de Toledo. The methodology was conducted through an ethnographic perspective, along with data collection from social media, music streaming platforms, and other websites hosting relevant information about the club's songs and supporters. To understand the practices surrounding the different ways of supporting Athletico, it was first necessary to investigate what Brazilian legislation considers a supporter and an organized supporters' group. With this foundation established, an exploration begins into the social aspects, values, and symbology that the club seeks to attribute to its supporters. Amidst this construction of the narrative of what it means to be an Athletico supporter, I present points of resistance, contradiction, and institutional inflection, as well as within the observed supporter cultures. As a result, the research identified that music and its symbolic power not only manage to unify communities and assist in creating a cathartic atmosphere at Arena da Baixada, but can also impact and dilute groups, serving as an example of what not to do, or not to sing, depending on one's location in the stadium, countering the popular discourse that the crowd is a large, irrational mass that sings and sonically attacks anyone considered an adversary. Moreover, the study identified social values applied to singing and the possible strategies adopted by these members to enter the community and demonstrate belonging to the Torcida Organizada, or even to be seen as a traditional supporter, a “true football fan”, in football vernacular.

**Keywords:** Ethnomusicology; Club Athletico Paranaense; Football Supporters; Stadium Music; Sonic Territory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Banner exposto na Arena da Baixada sobre o teto retrátil.....	56
FIGURA 2 - Vista aérea da Arena da Baixada.....	57
FIGURA 3 - Mapa das cadeiras dos Sócios-Torcedores no estádio.....	66
FIGURA 4 - Palmas com os braços levantados e estendidos.....	74
FIGURA 5 - Palmas com os braços levantados e estendidos (2).....	75
FIGURA 6 - Braço estendido à frente do corpo quando cantam.....	76
FIGURA 7 - Braço estendido à frente do corpo quando cantam (2).....	76
FIGURA 8 - Mãos trêmulas enquanto se prolonga uma vogal ao cantar.....	77
FIGURA 9 - Mãos trêmulas enquanto se prolonga uma vogal ao cantar (2).....	77
FIGURA 10 - Abraços entre amigos em comemoração de gols e vitórias.....	78
FIGURA 11 - Abraços entre amigos em comemoração de gols e vitórias (2).....	79
FIGURA 12 - Aplausos.....	80
FIGURA 13 - Aplausos (2).....	80
FIGURA 14 - Bater em qualquer objeto que faça barulho após o gol.....	81
FIGURA 15 - Bater em qualquer objeto que faça barulho após o gol (2).....	82
FIGURA 16 - Arte promocional do Pacto.....	112

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Planos Sócio Furacão.....	65
TABELA 2 - Músicas publicadas no Spotify.....	93
TABELA 3 - Letras das músicas publicadas no site Letras.mus.....	95
TABELA 4 - Categorização do acervo digital da TOF.....	101
TABELA 5 - Jogos assistidos na Arena da Baixada.....	107

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 - VÍCIOS DE LINGUAGEM.....</b>	<b>16</b>
1.1. PENSANDO O FUTEBOL.....	16
1.2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	25
1.3. A PESQUISA.....	31
1.4. CONCEITOS DE TORCEDOR.....	35
1.4.1 Torcida Organizada (TO).....	40
1.4.2 Movimento.....	46
1.5. A ETNOMUSICOLOGIA NO CONTEXTO DAS MÚSICAS EM ESTÁDIOS NO BRASIL.....	48
<b>CAPÍTULO 2 - SURFANDO KARMA &amp; DNA.....</b>	<b>53</b>
2.1 CONTEXTUALIZANDO O FUTEBOL DE ELITE DO PARANÁ.....	53
2.1.1 Club Athletico Paranaense.....	53
2.1.1.1 Arena da Baixada.....	54
2.1.2 Coritiba Foot Ball Club.....	58
2.2 O TORCEDOR ATHLETICANO.....	60
2.2.1 O torcedor ideal ou o torcedor imaginado.....	60
2.2.2 O sócio-torcedor.....	65
2.2.3 Torcedor Organizado: Os Fanáticos (TOF).....	68
2.2.4 Torcedor comum ou não organizado.....	72
2.3 GESTOS DOS TORCEDORES.....	74
2.4 MÚSICAS ATHLETICANAS.....	83
2.4.1 Músicas da Arena da Baixada.....	83
2.4.2 Músicas da Torcida Organizada Os Fanáticos (TOF).....	84
2.4.3 Categorização das músicas da TO “Os Fanáticos”.....	92
<b>CAPÍTULO 3 - A BOLA DA VEZ.....</b>	<b>103</b>
3.1 O ATHLETICANISMO: INTRODUÇÃO À MINHA PESQUISA DE CAMPO.....	103

3.2 PRÉ-JOGO: CONTEXTOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	106
3.3 AQUECIMENTO.....	107
3.4 COMEÇA O JOGO.....	108
3.4.1 O Pacto.....	111
3.4.2 Bem-vindo ao Caldeirão.....	116
3.4.3 Impedimento?.....	121
3.4.4 Acréscimos.....	125
3.5 TORCER & PERTENCER.....	127
<b>FIM DE JOGO.....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>137</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>148</b>
APÊNDICE A - CAP x Cruzeiro - Caderno de campo nº 1.....	148
APÊNDICE B - CAP x Atlético Mineiro - Caderno de campo nº 2.....	153
APÊNDICE C - CAP x Atlético Goianiense - Caderno de campo nº 3.....	160
APÊNDICE D - CAP x Criciúma - Caderno de campo nº 4.....	164
APÊNDICE E - CAP x Brusque - Caderno de campo nº 5.....	167
APÊNDICE F - CAP x São Paulo - Caderno de campo nº 6.....	169

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda as transformações e os comportamentos dos torcedores do Club Athletico Paranaense (CAP) nas arquibancadas do setor 321 da Arena da Baixada por um viés etnomusicológico. No mundo contemporâneo, o ato de torcer e cantar as músicas de sua torcida no estádio pode ser mais que apenas o ato de acompanhar o seu time favorito, tornando a performance do torcer um complexo entrelaçamento de culturas torcedoras. Hans Ulrich Gumbrecht (2023) relata em seu livro sobre suas percepções em estádios que a experiência do esporte e o engajamento do torcedor criam um sentido de presença, um espaço de imersão onde o corpo e a emoção assumem o protagonismo frente a uma realidade racionalizada fora do estádio. Torcer torna-se, assim, uma forma de ancoragem emocional e de construção de identidades coletivas sólidas. O estádio pode oferecer não apenas um palco de entretenimento, mas um espaço essencial para a catarse e a reafirmação do pertencimento comunitário em prol da construção de sentidos através de uma partida de futebol. Essa ideia de uma multidão homogeneizada e ensandecida durante a efemeridade de um entretenimento será debatida durante toda a imersão de campo e contraposta com alguns indícios de novas formas de se torcer em nossa contemporaneidade.

A pesquisa, em seu início, não possuía esse propósito, visto que a primeira proposta se tratava de estudar a Torcida Organizada Tricolor Independente, do São Paulo Futebol Clube (SPFC), clube pelo qual torço e ao qual pertenço, mas devido a entraves logísticos, foi necessário buscar uma nova torcida e um novo olhar sobre o objeto “músicas de torcida de futebol”.

Dada a realidade, encontrei no período de desenvolvimento da pesquisa uma oportunidade única: estudar um clube que nutre uma rivalidade pelo meu time no ano em que se comemorou o centenário da instituição, uma data emblemática e muito estimada por todos os entusiastas do CAP. O clube havia se destacado na última década, dentro do cenário sul-americano, após conquistar duas Copas Sul-Americanas e uma Copa do Brasil. Além disso, o Athletico conseguiu, ano após ano, resultados econômicos positivos para a realidade brasileira, visto que normalmente os clubes de futebol, salvo exceções, acumulam dívidas. Por apresentar essas características, mergulhei no universo rubro-negro buscando compreender o que poderia vir a ser considerado um torcedor athleticano, pois apesar de a instituição dar exemplos administrativos, parte de sua torcida resiste e confronta a diretoria

do CAP devido às mudanças de 2018 que envolveram a grafia do nome (de Atlético para Athletico), a alteração do brasão, o aumento do valor médio dos ingressos e a falta de apoio às festas dos torcedores de forma geral.

A busca pela estruturação e profissionalização, em meio ao fenômeno da espetacularização do futebol, lançou o CAP como uma espécie de arauto da modernização do esporte no Brasil. As políticas econômicas aplicadas nos ingressos, cobrando R\$150 em média por jogo, afastaram uma parcela significativa dos torcedores que não possuíam esse poder aquisitivo, assim como não conseguiam disponibilizar uma parcela de seu salário para pagar mensalmente o plano de sócio-torcedor, que custa um valor semelhante. Esse processo de elitização, ou gentrificação, dos estádios brasileiros não é uma prática exclusiva da diretoria do Athletico, mas encontrou nela uma representante orgulhosa por hastear esta bandeira. Em meio à pesquisa, o contraste entre o que a instituição almeja e o que o torcedor comum quer é visível mesmo para quem é de fora da comunidade.

O clube sonhou grande no centenário, mas amargou o rebaixamento na principal competição brasileira. Como uma espécie de Ícaro<sup>1</sup>, a direção do CAP, assim como o seu torcedor, viu a sua ambição se derreter rodada após rodada, eliminação após eliminação e o que restou para a instituição foi arriscar: ela tentou desligar o Modo Arena e ligar o Modo Caldeirão no final do Campeonato Brasileiro de 2024, mas já era tarde para recuperar os resultados dentro do campo<sup>2</sup>.

Em meio a esse período turbulento da história do Athletico Paranaense, estar nas arquibancadas do setor 321 me possibilitou conhecer mais do athleticismo praticado fora da Torcida Organizada, fora da internet e da televisão. Conheci, mesmo em um ambiente estranho para mim, um local confortável e seguro para acompanhar uma partida de futebol, um lugar no qual eu não precisava ser para poder torcer pelo clube momentaneamente. Para ser, e ser reconhecido com mais facilidade, a música se tornou uma estratégia de afirmação do athleticismo para os meus pares de arquibancada, porém, ela também foi uma prática segregadora no setor 321: dependendo de onde você está, não cantar também é um símbolo de pertencimento.

Foi em meio a essa busca de aprender, reconhecer e performar o meu torcer athleticano que conheci outros torceres, outros saberes e principalmente os significados da

---

<sup>1</sup> Ícaro é um personagem da mitologia grega que buscou voar próximo ao Sol e teve as suas asas derretidas, ocasionando a sua morte.

<sup>2</sup> O “Modo Arena” e o “Modo Caldeirão” são culturas torcedoras que serão melhor explicadas na página 107.

música e do silêncio em meio a uma arena cinza que abriga um pulsar rubro-negro, repleto de signos transitórios, opostos e também complementares durante uma briga por reconhecimento e ressignificação do pertencer athleticano.

Para captar essas dinâmicas e compreender as múltiplas formas de pertencer, a pesquisa foi conduzida por meio de uma perspectiva metodológica etnográfica, além de análises de fontes disponíveis em *sites* e páginas de redes sociais especializadas em músicas e torcidas athleticanas. O trabalho de campo baseou-se na observação participante no setor 321 da Arena da Baixada, aliado a uma imersão atenta às interações, aos gestos corporais e às performances sonoras no estádio. Essa vivência presencial me permitiu experienciar e analisar as dinâmicas de poder, os afetos e as tensões socioculturais que permeiam o ambiente da arquibancada. Nas redes sociais X e Instagram, acompanhei e analisei perfis de athleticanos, em especial o perfil de um dos líderes e responsáveis pela bateria da Torcida Organizada Os Fanáticos (TOF), João Azevedo (Instagram: @joaoulandovski, X: @joaofilippe).

A fim de apresentar as reflexões e os resultados encontrados, esta dissertação está dividida em três capítulos:

No primeiro capítulo, construo as bases teóricas que fundamentam a pesquisa, além de abordar aspectos conceituais acerca do que pode ser considerado um torcedor e uma torcida de futebol no Brasil. Encerro o capítulo introduzindo a Etnomusicologia como uma abordagem fundamental para se pensar o território sonoro e as performances musicais nos estádios.

No segundo capítulo, foco na construção e definição dos públicos da Arena da Baixada e na análise dos gestos corporais e na categorização das músicas da TOF. Além disso, contextualizo o futebol de elite paranaense e realizo um primeiro mergulho nas especificidades do que é ser um torcedor athleticano segundo as narrativas da diretoria do clube e de alguns grupos de torcedores.

O terceiro capítulo é focado no detalhamento e desdobramentos práticos da minha pesquisa de campo etnográfica no setor 321 da Arena da Baixada. Neste momento, descrevo as minhas percepções e análises sobre a torcida nos dias em que pude participar da experiência de assistir a um jogo da arquibancada. Sendo assim, abordo alguns comportamentos espontâneos dos torcedores e outros incentivados e comandados pelo DJ/locutor do estádio. Este capítulo evidencia e reforça a existência das múltiplas formas de

torcer e de pertencer a um clube e como a música, e o performar do cantar e dançar, facilita ou prejudica a construção de uma cultura torcedora de arquibancada. Além disso, realizo uma análise sobre a campanha de marketing chamada de “Pacto”, que a diretoria do CAP criou no fim de 2024, assim como também pontuo sobre os seus desdobramentos e resquícios que perduraram até 2025.

No “Fim de jogo” reforço a ideia de que, hoje, é improvável pensarmos nas culturas torcedoras como algo homogêneo ou como um único fenômeno de multidões. Através das análises feitas, destaco a existência de uma pluralidade de torceres nas arquibancadas da Arena Baixada, não sendo possível sequer afirmar que os torcedores que frequentam o estádio torcem para um mesmo Athletico Paranaense devido às múltiplas faces e narrativas que transitam pelos símbolos que representam a instituição. Esse estudo etnomusicológico, realizado distante fisicamente da Torcida Organizada, apresenta um lado até então pouco explorado por estudos acadêmicos, mas, ao mesmo tempo, busca dialogar com as mudanças culturais que atravessam as torcidas com o passar dos anos.

## CAPÍTULO 1 - VÍCIOS DE LINGUAGEM<sup>3</sup>

### 1.1. PENSANDO O FUTEBOL

As manifestações de torcidas de futebol no Brasil são amplamente exploradas por veículos de mídia esportiva especializadas, como, por exemplo, nos jornais, blogs, rádio, televisão e em páginas de futebol nas diversas redes sociais existentes. No campo acadêmico, a torcida de futebol é observada por algumas áreas acadêmicas e, dentro deste objeto, existe uma vasta gama de assuntos já explorados, mas existem algumas perspectivas que carecem de uma maior discussão. Os temas mais explorados são em torno da violência e suas consequências sociais, mas esses grupos não se limitam apenas a essa tônica como será exposto a seguir.

A primeira pesquisa que destaco é dissertação de Luiz Henrique de Toledo, de 1994 e publicada como livro em 1996. O antropólogo realiza uma incursão no universo das torcidas organizadas (TO) e compõe um dos primeiros olhares sobre essas comunidades cantantes e, por vezes, marginalizadas em São Paulo.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo de aproximadamente três anos entre alguns agrupamentos de torcedores circunscritos à cidade de São Paulo. Optou-se, num primeiro momento, pela observação direta do comportamento de algumas Torcidas Organizadas dentro das praças esportivas: Gaviões da Fiel e Camisa 12 do Sport Clube Corinthians Paulista. Mancha Verde e Torcida Uniformizada do Palmeiras - TUP, Torcida Jovem do Santos Futebol Clube, Tricolor Independente e Dragões da Real do São Paulo Futebol Clube e a Serpente da Associação Atlética Ponte Preta da cidade Campinas. Num segundo momento, e de maneira mais sistemática, foi realizada uma observação participante em duas dessas torcidas: Torcida Tricolor Independente, Camisa 12 (TOLEDO, 1996, p. 13).

Nesta pesquisa, Toledo identifica práticas e representações das TO's que se distinguem dos torcedores comuns, como, por exemplo, a importância que se dá para uma caravana, gestos performáticos durante o cantar nos estádios e o cuidado que um torcedor organizado tem com seu instrumento musical. A dissertação apresenta, através de uma abordagem etnográfica, uma perspectiva do que representa pertencer a esse grupo que, até

---

<sup>3</sup> A definição dos títulos desta pesquisa deu-se de forma meramente lúdica, baseando-se em músicas da banda Engenheiros do Hawaii e de seu vocalista Humberto Gessinger, que serviram de trilha sonora para a construção deste estudo. As letras das canções que dão nome aos capítulos dialogam simbolicamente com o conteúdo de cada parte, embora demandem certa licença poética em suas interpretações. Fica o convite para ouvi-las antes da leitura de cada capítulo.

então, era pouco explorado. Essa pesquisa serviu de inspiração para o surgimento de novas imersões nessas comunidades.

Viviane Hansen (2007) realizou, em seu mestrado em Educação Física pela UFPR, uma etnografia sobre a TO Os Fanáticos, do Clube Atlético Paranaense, focada em compreender alguns aspectos ligados à sociabilidade do grupo.

A bateria sempre se localiza no mesmo espaço dentro do pedaço da TOF. Os integrantes, muitas vezes, entram no Estádio faltando poucos momentos para o início da partida e são saudados pelos demais, com palmas. No mesmo instante, o lugar de cada um dos membros é liberado e eles ocupam suas posições. Fazer parte da bateria faz com que o indivíduo seja mais conhecido e respeitado dentro do grande grupo, tendo assim, certos privilégios oriundos somente da relação associado-associado, pois perante a TOF, eles são associados da mesma forma que os outros, tendo que, inclusive, bancar seus ingressos (HANSEN, 2007, p. 48).

A pesquisa foi feita em um período que antecedeu dois grandes marcos da história recente do clube, sendo eles: a reforma e modernização de sua Arena, de 2011 a 2014, e ao rebranding da marca, em 2018, passando de Clube Atlético Paranaense para Club Athletico Paranaense, modificando não apenas o nome, mas a logomarca e consequentemente parte do público e das estratégias de representações sociais a partir deste ato<sup>4</sup>.

Carlos Eduardo Capestrani (2009) fez o seu mestrado na PUC-SP em Ciências Sociais tentando entender como os membros da TO Tricolor Independente (TTI) do São Paulo Futebol Clube usam as festas e os dias de jogos para expressarem suas emoções e para reafirmar seu pertencimento ao grupo.

O batuque e o samba são os elementos utilizados nas arquibancadas pelas Torcidas Organizadas para fazer a festa que vai além do apoio ao time, representando também uma manifestação popular de resistência e protesto contra as diferenças sociais do cotidiano. Neste sentido, as festas nas arquibancadas ganham vida própria independente das partidas de futebol, surgindo até Escolas de Samba que representam estas torcidas. Nas arquibancadas, a Torcida Independente tem músicas específicas para cada situação do jogo. De início, sempre cantam aquelas que servem para reafirmar o poder que exercem sobre os são-paulinos comuns, ao clube e ao próprio time (CAPESTRANI, 2009, p. 73).

A pesquisa de Capestrani ocorreu logo após a volta dos torcedores organizados para os estádios, depois de serem proibidos de entrar, proibição esta que foi fruto de uma briga e

---

<sup>4</sup> Estratégia de marketing que, em suma, consiste em ressignificar uma marca perante ao público consumidor. Para saber mais, acesse: <https://br.hubspot.com/blog/marketing/rebranding>

invasão de campo que resultou na morte de um torcedor durante um jogo de futebol de base entre torcedores do São Paulo e Palmeiras em 1995<sup>5</sup>.

Existem outras pesquisas etnográficas sobre torcidas de diversos outros times, como, por exemplo, a do Botafogo Futebol Clube da Paraíba e a da TO Gaviões da Fiel, do Corinthians<sup>6</sup>. De todas as pesquisas mapeadas, a metodologia etnográfica se fez presente, tendo cada pesquisa suas particularidades devido aos contextos e necessidades de adaptações, mas sempre focados em entender e mapear aspectos ligados à sociabilidade dos grupos e seus ritos, que poderiam conter descrições e estudos de características musicais, mas nunca focadas nesse último elemento destacado.

Em relação às pesquisas relacionadas à área da Música, destaco o trabalho, realizado em Comunicação Social, do pesquisador Pedro Silva Marra que analisou aspectos técnicos do som no estádio do Clube Atlético Mineiro e de como as torcidas organizadas do clube utilizam o som, e das músicas, como estratégias de violência contra os adversários, a comunidade em torno do estádio e contra a própria torcida mineira que não são da mesma TO.

O espetáculo futebolístico – sobretudo em seu aspecto acústico, mas não só – é largamente hipersensório. Enquanto a voz de uma única pessoa não possui a capacidade de produzir um impacto perceptível sobre a pele, uma multidão vociferando a mesma palavra de ordem, ou sonoridades muito graves e intensas, têm tal potência. No Brasil, onde diversas torcidas organizadas de um mesmo time ocupam regiões distintas da arquibancada em formações instrumentais que incluem instrumentos de percussão e de sopro e executam muitas vezes canções e gritos diferentes, o estádio soa de maneira intensa e frequentemente caótica. Torcidas, assim, delimitam seu território no setor da arquibancada que ocupam, suas fronteiras se estendendo até o ponto do público em que o som alcança. Parte da vizinhança desses espaços reclama da balbúrdia que toma de assalto suas ruas e quarteirões. É, portanto, por meio do som – e não só pelo conteúdo semântico das

---

<sup>5</sup> O jogo ocorreu em 20 de agosto de 1995, na final da 2ª Supercopa São Paulo de Futebol Júnior, no estádio Pacaembú, que estava em obras. Essa partida terminou com o gol de Rogério, atacante do Palmeiras, na morte súbita. A competição previa a regra do gol de ouro se o jogo terminasse empatado no tempo normal. Poucos segundos após o gol, a torcida palmeirense, composta majoritariamente pela TO Mancha Verde, invadiu o gramado para comemorar com os atletas. Em meio a festa, torcedores são-paulinos, da TO Independente, conseguiram acessar o setor que estava em reforma e se municiaram com restos de paus, pedras e metais e começaram a jogar em direção aos torcedores que estavam no gramado. Após esse estopim, os são-paulinos quebraram o alambrado que cercava o campo e invadiram o gramado para continuar com as agressões. A confusão foi televisionada, inclusive mostrando as armas e os feridos. Os efeitos catastróficos que resultaram em diversos feridos e em uma morte, junto a exibição e cobertura jornalística gerou diversas ações do Estado, entre elas, a proibição da entrada dos torcedores organizados nos estádios paulistas e um intenso debate público sobre a violência no futebol. Além disso, houve um aumento do temor social em relação às TO's, que na década de 90 já era algo existente, mas não tão nítido e generalizado como passou a ser após o episódio no Pacaembú. Para ver as imagens, de extrema violência, do episódio, acesse: <https://youtu.be/d2FYmrFrXSs?si=7hUUD6EP4nQB9vB0>

<sup>6</sup> Nascimento & Goldfarb (2011), Silva (2018).

mensagens e palavras entoadas – que as torcidas realizam atos de violência, não só simbólica, mas também física (MARRA, 2023, p. 11).

Pensando o futebol brasileiro a partir de uma perspectiva histórica, existem diversos pesquisadores que trabalham com os objetos “futebol” e “torcidas”. Ressalto o trabalho do historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda que elaborou, em sua tese, um resgate histórico do futebol e seus torcedores no Rio de Janeiro através de jornais e de outras fontes que tornaram possível uma compreensão do período do surgimento das práticas das torcidas em território carioca.

Torcidas Organizadas que desde os anos de 1940, 1950 e 1960 já estavam estabelecidas nas arquibancadas e que já tinham seu lugar reconhecido no cenário desportivo do Rio de Janeiro. Esses tradicionais agrupamentos, criação dos clubes para o incentivo ao time e para a animação da plateia nos dias de jogos, eram fomentados pelos concursos de torcida promovidos pelo Jornal dos Sports desde a época de Mário Filho. De forma unificada e homogênea, eles se fixaram nas arquibancadas como representantes oficiais dos torcedores, sendo cada torcida conduzida por um único líder. Os chefes de torcidas tornaram-se, no decorrer das décadas, os principais interlocutores entre o público espectador e os demais protagonistas do futebol, como dirigentes, repórteres e jogadores (HOLLANDA, 2008, p. 185).

Hollanda também pesquisou e publicou artigos científicos com profissionais de outras áreas de conhecimento, como com a antropóloga Rosana da Câmara Teixeira que estudaram o processo de enraizamento do futebol na cultura popular brasileira e como isso influenciou na criação e surgimento de lideranças nas torcidas.

O crescimento das paixões clubísticas no ambiente urbano se deve tanto à profissionalização do futebol de espetáculo quanto ao vertiginoso processo de urbanização e de industrialização vivenciadas no eixo Rio – São Paulo, entre os anos 1930 e 1980. A mudança acarretou enormes alargamentos da malha urbana, com os influxos de migrantes internos, vindos sobretudo do Nordeste brasileiro (TEIXEIRA & HOLLANDA, 2021, p. 8).

Com o passar dos anos, o futebol e seus agentes sofreram alterações em suas representações sociais. Com a sua popularização e disseminação no mundo, o esporte e seus interessados passaram a sofrer cada vez mais influências de agência econômica de grandes empresas e veículos de mídia. Esse fenômeno é chamado de “Espetacularização do Futebol”. Essa linha de pesquisa trabalha o fato com um viés majoritariamente crítico e contrário ao movimento, alegando, em linhas gerais, que a influência capitalista dilui as características populares do esporte. No Brasil, existem alguns pesquisadores que trabalham com este tema,

sendo um deles, por exemplo, Agnaldo Kupper, que observa um movimento de padronização, arquitetado por agentes do meio, de alguns comportamentos.

Assim, dentro do processo de transformação do futebol em espetáculo esportivo globalizado, atletas são vistos como mercadoria, torcedores como consumidores e o jogo como ativo financeiro. Isto significa dizer que, com sua modernização total, o futebol progressivamente abandonou o lúdico para tornar-se uma indústria de entretenimento que movimenta bilhões de dólares em todo o planeta (KUPPER, 2021, p. 555).

Na visão de Kupper, por exemplo, a espetacularização do futebol tende a manter as raízes da rivalidade entre times, pois essa característica faz parte da história do futebol e fomenta a paixão do torcedor, que agora é visto como consumidor, aumentando dessa forma a probabilidade de gerar mais receita e engajamento para os clubes.

Como tal, necessário que sejam mantidas as rivalidades entre os clubes e a história de uma agremiação (de sucessos e fracassos) deve ser preservada e contada por gerações, uma vez que pela história de uma entidade de futebol se torce, se briga, se luta. Ou seja, para a manutenção das intenções de lucro, de acordo com os contornos adquiridos pela FIFA a partir da década de 1970, recorre-se ao processo identitário construído historicamente como forma de fortalecimento de vínculos, tais como descendência, marginalização de grupos periféricos urbanos, segmentos sociais específicos, identificação local, entre outros. Aos torcedores, a ideia de pertencimento; aos atletas profissionais, de passagem. Desta forma, a produção do espetáculo de futebol, tal qual o temos em dias globalizados capitalistas, também se torna obra de empresários, patrocinadores, promotores caracterizando intermediação e uma divisão de trabalho (KUPPER, 2021, p. 558).

O pesquisador dialoga com o tema com um viés pessimista, porém, observa-se que o movimento de espetacularização conta com a adesão de uma parte dos torcedores do Athletico Paranaense e, por isso, é interessante observar na pesquisa de campo as relações do torcedor com a arena, visto que a compra de ingressos pode ser uma forma de validação dessas transformações. A crítica de Kupper é pertinente, mas a influência de agentes com interesses predominantemente econômicos no futebol brasileiro, não é um fato recente. Toledo (1996), em sua dissertação, destaca a influência do capital no futebol ainda no início do seu processo de profissionalização.

O futebol, por seu turno, torna-se um grande investimento e um poderoso polo para se obter recursos governamentais e benefícios políticos. Antes do surgimento do Campeonato Brasileiro veio a criação da Loteria Esportiva que, por exemplo, em 1974, segundo dados fornecidos pelo Banco Central, havia movimentado, em um ano, 20.8 bilhões de cruzeiros (487 milhões de cartões vendidos), cerca de 10% de todo o dinheiro em circulação do país (TOLEDO, 1996, p. 25).

Para Kupper, os torcedores são vistos e apreciados como consumidores. Eles fazem parte da ativação da marca e de estratégias de marketing e, por isso, é preciso pensar no comportamento do consumidor. Quando eles agem de forma prejudicial a empresa, eles estão expondo o clube a uma situação de crise de imagem frente às instituições legislativas e aos potenciais novos consumidores. Ou seja, para lucrar e conseguir novos clientes, é preciso controlar o comportamento de uma torcida. Nesse sentido, torna-se necessário não apenas exercer um controle externo sobre os torcedores, mas também potencializar o autocontrole dos mesmos. Essa dinâmica é a premissa central do processo civilizador de Norbert Elias que será utilizado durante toda a pesquisa. Assistir uma partida de futebol no estádio tem se tornado uma atividade cada vez mais controlada e punitiva se comparado a outrora. A violência de torcedores e entre torcedores, física e/ou verbal, é tratada como uma manifestação criminosa de acordo com o Estatuto do Torcedor, ou seja, a violência não possui aprovação e é passível de punição tanto para quem realiza, quanto para o clube se isso for realizado dentro ou ao entorno do estádio. Logo, esse comportamento não deve possuir mais espaço e o clube tem como um de seus objetivos, ajudar as empresas responsáveis pelas mídias que transmitem os jogos e pelas instituições de segurança a erradicar tal ação durante os jogos.

Nos dias contemporâneos, os choques entre torcidas são reprovados pela mídia, porém espetacularizados, mesmo que agindo a favor do afastamento de torcedores dos estádios. Em verdade, a ética dos meios de comunicação é distinta dos envolvidos diretamente ao esporte, sejam eles jogadores, torcedores ou profissionais clubísticos (KUPPER, 2021, p. 561).

José Ivan de Paula Prohmann, cientista social, também contribui nessa área e analisa o futebol paranaense, dando ênfase ao Club Athletico Paranaense (CAP) e seu principal rival, o Coritiba Foot Ball Clube, popularmente conhecido como Coxa. Para Prohmann, a espetacularização do futebol também atinge os clubes do Sul do país. Em Curitiba, ele destaca as ações de marketing do CAP para firmar a marca como referência no estado e a nível nacional.

Outro elemento da dinâmica do esporte que apareceu de modo marcante no Atlético Paranaense e no Coritiba FC foi a sacralização, também por causa da tradição dos dois clubes. Esse elemento é que faz o esporte ter apelo sobre o torcedor, é o que fideliza esse torcedor. É atrás dessa fidelização que a mídia/tv e o patrocinador/anunciante vêm, pois quase nenhum produto consegue provocar o

nível de envolvimento com o consumidor, que o futebol consegue com o torcedor. O Atlético Paranaense, dos três, é o clube que mais ações desenvolve explorando a sacralização (PROHMANN, 2001, p. 150).

Hollanda também participa desse debate e reforça o caráter comercial que tem sido predominante no pensar sobre o esporte. Ele, junto às outras pesquisadoras, observa uma mudança significativa no perfil do torcedor para a mídia e a importância de se pensar o uso da tecnologia de transmissão para os espectadores nesse momento de forte influência capitalista.

Com o advento da televisão no Brasil, a figura do telespectador passa a constituir uma peça-chave no espetáculo esportivo, cada vez mais convertido em espetáculo midiático. De maneira progressiva, a audiência futebolística tornou-se o principal meio de acesso e a fonte de renda mais importante dos torneios. Em termos quantitativos, o torcedor de televisão supera, de há muito, o espectador nos estádios. Recentemente, a introdução de telões nas novas arenas esportivas mostra quão forte é a influência da linguagem imagética, por meio dos monitores televisivos, na determinação do modo de acompanhamento dos jogos, mesmo dentro dos estádios (HOLLANDA; AZEVEDO; QUEIROZ, 2014. p. 23).

André Capraro, historiador que escreve sobre o futebol paranaense, analisa o processo de modernização da arena do Athletico. Esse estudo perpassa a temática da espetacularização e reforça, como principal mudança e paralelamente ao rebranding da marca, a alteração da escrita do nome, a preocupação da instituição em se preparar e tornar o clube um agente de vanguarda em meio ao fenômeno no Brasil.

A primeira norma foi estabelecida já no dia da inauguração: como os camarotes – que renderam ao clube parte substancial dos recursos para reconstrução do estádio – ficavam na parte superior das arquibancadas inferiores, o local de melhor visibilidade, exatamente onde, logo abaixo, as Torcidas Organizadas (TO'S) se estabeleciam, foram proibidas as grandes bandeiras utilizadas pelas TO'S. Também foi proibida a entrada das faixas, outro adereço comumente utilizado pelas TO'S, já que estas faixas, por sua vez, prejudicariam a visibilidade das placas de publicidade (CAPRARO, 2004, p. 143).

Essas medidas, com o passar do tempo, foram revistas e flexibilizadas dependendo dos interesses políticos dos administradores do clube e, também, das necessidades de ter maior, ou menor, apoio das manifestações populares dos torcedores nas arquibancadas durante os jogos pelos campeonatos que o clube disputou. Capraro (2004), também contribui

com sua pesquisa sobre a Arena da Baixada, suas reformas e suas simbologias para o torcedor athleticano<sup>7</sup>.

No âmbito nacional, o estádio da Arena da Baixada pode ser considerado o aliciador de dois novos paradigmas. O primeiro consiste na valorização de estádios de capacidade menor, com as arquibancadas próximas ao gramado de forma a facilitar o incentivo e a pressão exercida pela torcida. Este modelo de estrutura passou a ser mais considerado do que o velho modelo, iniciado com a construção do Maracanã, no qual a grandiosidade da obra (monumentalização) era um sinônimo ideológico do progresso do país. Tais estádios, com a decrescente média de espectadores na última década, passam a ser considerados obsoletos. Estádios como a Vila Belmiro (do Santos), Alfredo Jaconi (do Juventude de Caxias do Sul) e Orlando Scarpelli (do Figueirense de Florianópolis) são exemplos enquadrados no novo modelo. Surge, em relação ao novo paradigma, um novo conceito: “caldeirão”, que significa estádio (espaço físico) com condições ideais para que a torcida possa exercer pressão sobre os adversários. O termo, apropriado da alcunha do antigo Joaquim Américo, o Caldeirão do Diabo, passou a ser usado para designar, por exemplo, os estádios citados acima.

O segundo paradigma é o da modernidade. Também substituindo o antigo modelo dos grandes estádios, hoje considerados desconfortáveis, distantes, mal-acabados e desestruturados. Conceitos como funcionalidade, conforto, consumo, marketing, organização e tecnologia passam a compor a lista de quesitos do novo padrão de estádio (CAPRARO, 2004, p. 145).

Essa perspectiva, do clube priorizar um público cujo potencial aquisitivo seja maior, é validada por outros estudos, onde destaco o trabalho da educadora física Vera Lucia Delfino (2019). Em seu trabalho de conclusão de curso, ela expõe uma pesquisa feita por uma instituição britânica que referencia o CAP como a segunda maior potência econômica entre os clubes brasileiros.

Segundo Coimbra (2019) o relatório anual da Soccerex (Organização britânica especializada em negócios do futebol), cujo principal objetivo é fornecer um novo modelo analítico para avaliar a solidez financeira de clubes de futebol em todo o mundo, o Athletico está entre os 100 clubes mais poderosos financeiramente no mundo, o Clube paranaense ficou na 72<sup>a</sup> colocação do ranking, sendo o segundo entre os brasileiros, atrás apenas do Internacional (COIMBRA, 2019 apud DELFINO, 2019, p. 18).

Além disso, ela teve acesso à pesquisa oficial que o CAP utilizou, em 2019, para mapear o perfil social e demográfico de seus sócios-torcedores ativos. Esses dados são úteis para conhecermos as preferências e a visão política de um percentual da torcida que não

---

<sup>7</sup> O atual nome comercial da arena, Ligga Arena, é devido à compra dos *naming rights* do estádio por 15 anos pela empresa que oferece serviços relacionados à conexão de internet no Brasil. Para entender melhor o acordo comercial feito pelo Club Athletico Paranaense, acesse: <https://ge.globo.com/pr/futebol/times/athletico-pr/noticia/2023/06/22/athletico-oficializa-venda-do-naming-right-s-da-arena-da-baixada-contrato-e-de-15-anos.ghtml>

possui apenas voz nas arquibancadas, mas também possui influência direta na política e no financeiro do clube.

Por fim, existem outros campos que se relacionam diretamente com a temática das torcidas, mas não serão abordados nesta pesquisa. Destaco dois trabalhos interessantes e complementares ao tema: o primeiro é a pesquisa do cientista social Enrico Spaggiari que estudou, com um viés antropológico, o universo da formação de um jogador de futebol na várzea em São Paulo. O segundo trabalho é do antropólogo, e meu orientador, Allan de Paula Oliveira, que realizou um estudo sobre um campeonato de futebol amador em Curitiba e publicou, junto com seus pares, o livro “O futebol da contracapa”, em 2012.

O centro do evento, sem dúvida, são os jogadores, mas um espectador perde muito do que é a Suburbana se ele não olhar para os lados durante as partidas. Há de tudo: pessoas que são assíduas frequentadoras do universo do futebol amador curitibano; torcedores; dirigentes dos clubes; familiares dos jogadores; pessoas que estão ali por puro passatempo numa tarde de sábado ou domingo; vizinhos dos estádios onde ocorrem os jogos; estudantes (geralmente, de jornalismo) fazendo trabalhos para universidade; vendedores ambulantes; comerciantes; jornalistas que cobrem a Suburbana - alguns, há décadas, e que são enciclopédias vivas do futebol em Curitiba; ex-jogadores tanto da Suburbana quanto do profissional. Cada um deles, por si, daria um livro (OLIVEIRA et al., 2012, p. 34).

Pensando na música como protagonista, encontrei somente um trabalho com este enfoque, de João Manuel Casquinha Malaia Santos, onde aborda aspectos da memória e o trabalho com fontes orais utilizando torcidas de futebol, o que ressalta a necessidade de explorarmos a música do campo do esporte. Como o objeto “futebol” permite diversos diálogos sobre os seus subcampos, hoje, destaco três plataformas que podem ser fundamentais para, não apenas conhecer, mas também se aprofundar na discussão, sendo estas, o Ludopédio<sup>8</sup>, que reúne mais de sete mil arquivos, a revista de História do Esporte da UFRJ, Recorde<sup>9</sup> e o Museu do Futebol<sup>10</sup>. Em suma, é possível encontrar diversos trabalhos etnográficos sobre torcidas e suas culturas, com foco nos costumes e comportamentos.

---

<sup>8</sup> <https://ludopedio.org.br/>

<sup>9</sup> <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde>

<sup>10</sup> <https://museudofutebol.org.br/>

## 1.2. REFERENCIAL TEÓRICO

O futebol como objeto de estudo é um tema difundido em diversos campos de pesquisa e, no Brasil, é explorado vastamente por áreas como, por exemplo, da Saúde, nas Ciências Sociais Aplicadas e Humanas. Por ser um esporte, e um produto, de massa e enraizado na cultura brasileira, é possível analisarmos através de alguns prismas acadêmicos. A partir disso, quando recortamos o tema para o comportamento do torcedor de futebol, as produções acadêmicas começam a se tornar mais escassas e espaçadas nas últimas décadas.

Como referencial teórico para esta pesquisa, farei uso de duas teorias da área das Ciências Humanas, sendo estas: a ideia sobre a identidade na pós-modernidade do sociólogo Stuart Hall e o processo civilizador do sociólogo Norbert Elias. Com relação à pesquisa de campo, a prática da antropologia urbana do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani.

Stuart Hall (2006), em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, escreve a respeito das transformações das identidades dos indivíduos, em especial, após o início do processo de globalização no Ocidente. Nesta obra, o autor faz algumas reflexões pertinentes para esta pesquisa e nos apresenta as primeiras características do que ele considera uma identidade pós-moderna: ela é flexível, por vezes contraditória e é criada e desenvolvida através de interesses particulares e pode ser momentânea.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

Esse conceito de identidade, agora interpretada como algo que pode ser efêmero e transitório, se aplica perfeitamente a representação social de uma torcida ou de um torcedor, que em um espaço de poucos minutos consegue, por exemplo, apoiar, criticar, cantar músicas que se autorreferenciam, ficar em silêncio e voltar a cantar e apoiar o time se a torcida adversária cantar mais alto que eles mesmo se o time não estiver correspondendo às suas expectativas naquele momento.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

Este jogo de identidades, e as possíveis resistências criadas por grupos locais às suas transformações, permite entendermos, por exemplo, a existência e o poder simbólico de uma torcida organizada (TO) no estádio. A TO, que pode ser interpretada como um grupo que nutre e performa uma cultura similar ao que Hall (2006) pontua como cultura nacional, tem como um de seus objetivos, controlar o modo de cada associado torcer. Este processo, pode ser orientado por meio de estratégias que podem ou não envolver violência física e/ou psicológica, e normalmente evocam comportamentos que fazem referência a cultura e tradições criadas e importadas de torcidas estrangeiras. Eles atuam e se referenciam, como uma espécie de representantes dos verdadeiros torcedores do clube, como uma espécie de promotores do verdadeiro modo de torcer, ou na gíria futebolística, do torcedor raiz, que sabe “apoiar o time de verdade”, pois sentam no mesmo setor, cantam músicas e performam comportamentos que outrora eram vistos como corretos, que, em suma, simbolizam poder, dominância sobre o outro e também masculinidade.

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 2006, p. 59).

Os fenômenos sociais manifestados pelo torcedor perpassam as representações das identidades pós-modernas e, também, simbolizam a manipulação e controle das emoções decorrente do processo civilizatório nas sociedades. Conforme Stuart Hall, a pós-modernidade fragmenta as referências tradicionais do sujeito, podendo gerar uma crise em sua identidade. Diante dessa instabilidade, o pertencimento a uma torcida ganha relevância como uma espécie de refúgio, pois oferece ao indivíduo uma identificação coletiva e um sentido de comunidade. O sociólogo Norbert Elias (1993), que tem entre seus estudos mais difundidos academicamente a tese sobre o processo civilizador, onde observou as transformações nos comportamentos dos indivíduos conforme o passar dos anos através de diversas manobras de controle das emoções que foram exercidas, majoritariamente, através de atos análogos a violência psicológica, ao, por exemplo, reprimir um comportamento ou emoção.

[...] o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica. Mas, evidentemente, pessoas

isoladas no passado não planejaram essa mudança, essa “civilização”, pretendendo efetivá-la gradualmente através de medidas conscientes, “racionais”, deliberadas (ELIAS, 1993, p. 181).

Este controle das emoções surgiu por diversos motivos, e entre eles, estão relacionados às necessidades de tornar a sociedade mais previsível e segura para a manutenção de poder político e hierarquização social.

Geralmente sob uma forte pressão social, membros dos estratos mais baixos acostumam-se a controlar suas emoções momentâneas e a disciplinar sua conduta com base numa compreensão mais profunda da sociedade total e de sua posição nela. Por isso mesmo, seu comportamento é impelido cada vez mais na direção inicialmente limitada aos estratos superiores. Aumenta seu poder social em relação a este último, mas, simultaneamente, seus membros são treinados a assumir uma visão de longo prazo, pouco importando por quem ou de acordo com quais modelos tal treinamento se dê. Eles, também, são cada vez mais submetidos ao tipo de compulsões externas que se transformam em autocontrole individual; neles, também, aumenta a tensão horizontal entre a agência de controle do ser, o “superego”, e as energias da libido que agora são transformadas, controladas ou reprimidas, com maior ou menor sucesso. Dessa maneira, as estruturas civilizadoras estão se expandindo constantemente na sociedade ocidental. As camadas superior e inferior tendem a tornar-se uma espécie de estrato superior, e o centro da rede de interdependências estende-se por mais e mais áreas, povoadas e não povoadas do resto do mundo (ELIAS, 1993, p. 196).

Elias, junto com o seu contemporâneo Eric Dunning, pesquisador sobre a violência e comportamentos dos Hooligans, também contribuem no campo dos saberes sobre torcidas ao mergulharem suas atenções sobre o entretenimento<sup>11</sup>. Eles escreveram sobre as ideias e práticas do “lazer” e como ele é utilizado dentro desse contexto de controle e repressão emocional durante as transformações culturais nas sociedades urbanizadas na Europa.

Na coletânea “A busca da excitação” (1992), os pesquisadores discorrem sobre os conceitos do que é considerado uma atividade de lazer e, dentro desse espaço, como uma parte da sociedade, majoritariamente composta por homens, faz uso do futebol como uma ferramenta para diversos fins, entre eles, como um meio de descompressão do estresse gerado no trabalho. No livro, o primeiro capítulo é dedicado a explicar a busca da excitação no lazer e, no decorrer do texto, os autores defendem a ideia de que determinados comportamentos sociais são esperados conforme o ser humano envelhece e que, principalmente, quando estes

---

<sup>11</sup> O termo “hooligan” está associado normalmente aos torcedores da classe operária inglesa que, durante o século XIX, manifestaram-se de formas violentas em contextos envoltos do futebol. Apesar de ser costumeiramente associado à prática, e ritual, de torcer, existem outros motivos que proporcionaram a existência deste fenômeno, como, por exemplo, tensões culturais e também questões econômicas próprias das realidades dos operários que, com o passar do tempo, passou a ser um tema de interesse, e combate, do Estado.

alcançam a fase adulta, espera-se que a pessoa já tenha consciência de que explosões emocionais não são bem estimadas na sociedade urbana europeia.

Nas sociedades industriais mais avançadas, ainda que esta situação não se tenha verificado no quadro das suas relações entre si, algumas das circunstâncias mais elementares de crise da humanidade, como a fome, as inundações, as epidemias e a violência efectuada por pessoas de condição social mais elevada ou por estranhos, foram submetidas progressivamente a um rigoroso controle, mais acentuado do que havia sucedido no passado. E o mesmo aconteceu com as paixões. Explosões incontroláveis de forte excitação coletiva tornaram-se menos frequentes. Os indivíduos que agem de forma bastante excitada, sujeitam-se a serem conduzidos a um hospital ou a prisão. A organização social do controle da excitação individual, no sentido de conter excitações apaixonadas em público, e até em privado, tornou-se mais forte e mais efetiva. A comparação é significativa. Nas sociedades contemporâneas altamente desenvolvidas, os padrões de controle da excitação, tal como a excitação de uma maneira geral, podem parecer desequilibrados e reduzidos se considerados em si mesmos. A diferença só se revela com toda a nitidez quando se utiliza uma medida de comparação que os confronta com os padrões de controle das sociedades num estágio de desenvolvimento anterior (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 101).

Com o desenvolvimento da pesquisa, eles identificaram que a repressão dos corpos e sentimentos foi se tornando mais segmentada. Um adulto normalmente não seria benquisto ao se expressar de forma acentuada, mas se fosse uma criança, não seria um grande problema, pois esse comportamento era esperado e aceito nessa faixa etária, mas seria necessário que ela aprendesse a se portar de forma controlada e culturalmente adequada dentro de seu grupo social rapidamente.

Mesmo nas situações de grandes crises da vida privada dos indivíduos, quando ocorrem erupções repentinas de sentimentos fortes, estas escondem-se, de um modo geral, na intimidade do círculo mais íntimo. Rituais sociais e cerimônias de casamentos e funerais, por ocasião do nascimento das crianças ou da entrada na maioridade e situações semelhantes, dificilmente proporcionam já assinalável excitação pública como acontecia nas sociedades mais simples. Enorme medo e profunda alegria, acentuado ódio e extremo amor, terão de apresentar-se sob outra aparência. Só as crianças saltam e dançam com excitação, apenas estas não são censuradas de imediato como descontroladas ou anormais, se choram e soluçam publicamente, em lágrimas desencadeadas pelos seus sofrimentos súbitos, se entram em pânico num medo selvagem, ou se cerram os punhos com firmeza e batem ou mordem o odiado inimigo, num total abandono quando se excitam. Ver homens e mulheres adultos agitarem-se em lágrimas e abandonarem-se as suas amargas tristezas em público, ou entrarem em pânico dominados por um medo selvagem, ou a baterem-se uns aos outros de forma selvagem debaixo do impacto da sua excitação violenta, deixou de ser encarado como normal. Habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e, com frequência, motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação. Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 103).

No mesmo capítulo, os autores propõem uma primeira tentativa de categorização das principais atividades do lazer considerando o contexto de controle social. Os autores definem cinco subtipos, sendo que o futebol se encontra na 5ª opção, definida como “a categoria da atividade mimética ou jogo”. Esta denominação vai abranger diversas atividades lúdicas como, por exemplo, o teatro, a caça e o futebol. Durante a reflexão, Elias e Dunning defendem que essas atividades proporcionam um espaço seguro para que as pessoas possam externalizar suas emoções e, por um momento, ter a sensação de não precisar se restringir emocionalmente em meio ao convívio social, pois elas se sentem pertencentes ao grupo, logo, podem verbalizar e gesticular de formas mais espontâneas sem perder o respaldo e a aprovação de seus pares. Esse jogo social onde é necessário interpretarmos a todo instante o ambiente e o que os contextos nos permitem expressar sem sermos censurados ou punidos por infringir alguma regra, do campo legal ou cultural, também permite compreendermos outras características interessantes deste fenômeno, como, por exemplo, a geração do sentimento de pertencimento ao grupo, ou mesmo a criação de determinados rituais.

Para pensar a etnografia no contexto do futebol brasileiro, este trabalho ancorou-se em diversas metodologias de pesquisa. No entanto, a central foi um trabalho de campo guiado pela ideia de uma etnografia urbana, muito praticada, no Brasil, pela antropologia e pela sociologia. Entre os referenciais teóricos deste tipo de trabalho estão os textos de José Guilherme Cantor Magnani. Ele publicou em 1996 um dos textos base para a prática etnográfica que utilizo nesta pesquisa. No livro “Na metrópole: textos de antropologia urbana”, o autor mergulha nos prazeres e problemas de se viver em grandes cidades brasileiras e como grupos sociais distintos, vindos de diferentes regiões e realidades, coexistem entre os mesmos espaços.

Trata-se de uma metrópole, com suas mazelas e também com os arranjos que os moradores fazem para nela viver (ou sobreviver), combinando o antigo e o moderno, o conhecido e a novidade, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro. Sem negar a realidade daqueles fatores, nem procurar amenizar suas consequências, é possível mostrar que a cidade oferece também lugares de lazer, que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados (MAGNANI, 1996, p. 3).

Magnani, assim como Dunning, olha para o futebol como um objeto que vai além do esporte. Ele observa o fenômeno do ponto de vista do lazer dos trabalhadores, das elites nos

clubes, das comunidades em uma metrópole. O resultado do jogo, apesar de crucial se pensarmos somente na competição, não é o único fator importante nessas dinâmicas sociais. O futebol ocupa o tempo ocioso do trabalhador. O esporte potencializa tensões durante o jogo e minimiza o estresse quando o futebolista, e agora operário, trabalha. A prática passa a ser vista como diversão enquanto o trabalho se torna uma obrigação para as classes menos abastadas.

Para muitas tendências do movimento operário organizado o tempo livre era de suma importância, pois representava não apenas a necessária reposição da energia gasta, mas ocasião de desenvolvimento de uma cultura própria e independente dos valores burgueses. Representações teatrais, competições desportivas, sessões de canto e música, leituras, passeios, além de debates e cursos de formação - tais eram as formas através das quais os militantes preenchiam seu tempo livre. A questão do lazer, portanto, surge dentro do universo do trabalho e em oposição a ele: a dicotomia é, na verdade, entre tempo de trabalho e tempo livre ou liberado, e por lazer entende-se geralmente o conjunto de ocupações que o preenchem (MAGNANI, 1996, p. 12).

A partir da compreensão dos espaços do futebol na metrópole é possível começarmos a mergulhar nas reflexões sobre o que é ser um torcedor no Brasil, na década de 2020, no período do centenário do clube da capital paranaense de maior relevância nacional, futebolisticamente falando, e em um momento onde a tecnologia está em voga, não somente nos celulares e nas redes sociais, mas nas estruturas físicas de uma Arena e no discurso de um torcedor que olha para o futebol europeu como referência da prática do esporte e da administração de clubes.

Em suma, os pesquisadores utilizados como referenciais teóricos de minha pesquisa observam o futebol, majoritariamente, através de um viés social, antropológico e historiográfico, não tendo nenhum musicólogo como referência em análises técnicas da produção musical das torcidas brasileiras.

### 1.3. A PESQUISA

O estudo foi realizado através de uma perspectiva etnográfica e da coleta de dados nas redes sociais, em *streamings* de música e em outros *sites* que hospedam informações relevantes sobre as músicas.

A etnografia é vastamente explorada e validada por diversas áreas de pesquisa, sendo mais comumente utilizada no campo das Humanas e Ciências Sociais. Dentro do método, existem algumas referências que são cruciais para a construção da prática no campo da música, e mais especificamente, de como os torcedores produzem, performam e ensinam um repertório musical para seus pares.

Para iniciar essa conceituação, trago um dos principais antropólogos, responsável por aplicar e pensar essa prática, Anthony Seeger (2008), que ressalta a etnografia como uma abordagem privilegiada para explorar os contextos sociais onde a música está sendo performada e/ou criada.

A definição de música como um sistema de comunicação enfatiza suas origens e destinações humanas e sugere que a etnografia (escrita sobre música) não somente é possível, mas é uma abordagem privilegiada no estudo da música (SEEGER, 2008, p. 239).

Pensando nos meios e nas configurações urbanas de uma capital brasileira, o trabalho de Seeger não deixa de ser relevante, porém, ressalto as pesquisas de José Guilherme Cantor Magnani (1996), que utilizou da etnografia para entender algumas realidades urbanas em São Paulo. Nesse contexto, ele conceitua o que é uma metrópole e descreve alguns dos desafios que enfrentamos não apenas por viver nela, mas também de se estudar comunidades inseridas nas rotinas urbanas. O antropólogo ressalta a importância de estar atento e vigilante para não confundir as realidades particulares de alguns membros pesquisados como um padrão de toda a comunidade onde ele está inserido. Esse jogo de estar por perto para entender as dinâmicas e ao mesmo tempo distante para não perder de vista os demais contextos é constante e necessário na visão do autor.

Para captar essa dinâmica, contudo, é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido (MAGNANI, 2009, p. 153).

Magnani, ao ter o seu foco em grandes cidades, se deparou com grupos de trabalhadores, que inevitavelmente se preocupavam em ocupar o seu tempo vago, ou seja, a vida é mais do que o trabalho, esse parece ser um fato social quase incontestável, mas o que os trabalhadores poderiam fazer nesse período onde não possuíam obrigações claras de funções para executar? Nesse momento, existe um diálogo claro entre o lazer de um brasileiro periférico com o de um trabalhador inglês que Dunning (1992) observou.

O tempo livre, se usado em um campo de futebol para jogar uma partida, transforma o trabalhador em um jogador de futebol amador ou mesmo em um aspirante a profissional? Se o trabalhador está na arquibancada, ele se torna um torcedor? Se ele for torcer para um grupo de amigos em um jogo de futebol suburbano e cantar algo que só os seus pares entendem, ele se torna um torcedor organizado? Essas interações carecem de análises específicas dentro de seus contextos. Hoje, é inevitável não considerar os efeitos sociais do advento da internet como, por exemplo, as novas formas de se comunicar e as variações nas relações entre lazer e trabalho com o uso das redes sociais e suas ferramentas. O uso destas novas tecnologias dificulta uma clara definição das barreiras entre o tempo do lazer e o tempo de trabalho, que na década de 90 eram tratadas como opostas. Porém, independente da época e dos grupos onde o pesquisador faça sua imersão, a etnografia se mantém como uma estratégia assertiva para estudar as comunidades urbanas, pois um espaço, como a rua, pode ser vivida e utilizada para fins muito específicos. Um trabalhador utiliza a avenida no entorno do estádio para fazer o seu percurso da casa para o escritório, mas em dia de jogo, o percurso se transforma. A rua se torna uma passarela onde a torcida desfila, e performa, com suas camisetas representando o time enquanto cantam e dominam o território por um tempo específico e passageiro, visto que o mesmo grupo, se passassem pelo mesmo trajeto em um dia que não tem jogo no estádio, seria detentor de outros comportamentos. Do vestuário ao gestual.

Ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, torna-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em local de compra e venda, o viaduto é usado como local de passeio a pé, a esquina recebe despachos e ebós, e assim por diante. Na realidade são as práticas sociais que dão significado ou ressignifica tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa / rua; masculino / feminino; sagrado / profano; público / privado; trabalho / lazer e assim por diante. Uma classificação com base nesses eixos de oposições não produz tipologias rígidas (rua como pista de rolamento; calçada, área de circulação de pedestres, etc.) porque não opera com sentidos unívocos: às vezes, o espaço do trabalho é apropriado pelo lazer, o do passeio é usado como local de

protesto em dia de manifestação, o âmbito do masculino é invadido pelo feminino, a devoção termina em festa (MAGNANI, 1996, p. 18).

Agora, sendo mais específico, pensando na etnografia em minha pesquisa de campo, nas arquibancadas de uma arena esportiva, os contextos podem se tornar ainda mais complexos, apesar do espaço ser bem delimitado. O próprio clube divide os espaços conforme o seu poder aquisitivo. Existem espaços pré-determinados: locais prioritários para o Sócio Red, para o Sócio Gold e para o sócio Black<sup>12</sup>. Os espaços que sobram são para o torcedor não sócio, comum, além do espaço para a torcida visitante. Essas dinâmicas e segregações permitem, de imediato, entendermos a possibilidade de se estudar, ou seja, vivenciar, os jogos a partir de diferentes espaços da Arena. É possível que cada área tenha uma cultura torcedora diferente?<sup>13</sup> As músicas, de torcedores não organizados, se existem, são performadas de forma semelhante ou são ignoradas dependendo do grupo que iniciar os cânticos? O lado oposto de onde se reúnem os organizados se preocupam em aprender e cantar as canções dos Fanáticos ou eles estão no extremo oposto para não ouvi-los? Essas e outras questões só podem ser observadas com mais profundidade em um estudo etnográfico.

Os grandes eventos esportivos cristalizam, à maneira de caricaturas, as dimensões salientes da experiência social e cultural (a relação com o corpo, a afirmação das identidades, o lugar da competição nas sociedades contemporâneas, as novas formas de heroísmo...) e daí não vemos como evitar o esporte enquanto objeto de estudo, mesmo que a prática e o espetáculo continuem a conotar o fútil e o acessório para um bom número de estudiosos (BROMBERGER, 2008, p. 241).

Pensando nessas interações e na construção de identidades enquanto torcida, e enquanto comunidades dentro de uma mesma torcida que é segmentada pelo seu poder aquisitivo através do programa de sócio-torcedor, no estudo de campo, assisti os jogos do CAP no setor designado para os torcedores não sócios ou sócios Red, sendo mais específico, no setor 321, um dos setores populares e também um dos mais distantes da torcida organizada. Estar nessa área, pré-determinada pela própria Arena, permitiu observar e descrever os comportamentos relacionados à sociabilidade, as performances musicais e o processo de aprendizagem das canções dentro do estádio em um setor distante do epicentro das festas de arquibancada. A partir desta perspectiva, se tornou possível compreender e

---

<sup>12</sup> Cada categoria de sócio-torcedor possui um preço e uma série de vantagens. Quanto maior o valor pago anualmente, maior as vantagens que o clube oferece. Para saber mais detalhes, acesse: <https://socio.athletico.com.br/>

<sup>13</sup> Considero a cultura torcedora como o conjunto de práticas e representações relacionadas ao ato de torcer.

refletir sobre os diversos públicos que compõem uma torcida, sobre as possíveis motivações que os levam a cantar e, principalmente, como o comportamento, e o jogo das identidades, se colocam à prova a cada jogada de seu time. Todas as incursões foram gravadas majoritariamente, em áudio e vídeo através de um celular. Esses registros estão hospedados em um canal próprio no YouTube e serão utilizados para expor alguns exemplos práticos dos materiais que serão descritos ao longo do trabalho descritivo<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Link do canal no Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCCXRF40cZ7xWqRvlcFJOOyw>

#### 1.4. CONCEITOS DE TORCEDOR

Para iniciar a discussão, é necessário contextualizar que as definições que serão expostas foram estudadas antes da minha pesquisa de campo, ou seja, é possível que um novo conceito seja elaborado a partir das observações na Arena da Baixada, e, se for, será discutido em um segundo momento. Esclarecido esse ponto, a definição utilizada nesta pesquisa, advém do Estatuto do Torcedor, revogado em 2023 e atualizado para a Lei Geral do Esporte<sup>15</sup>. Conforme descreve o Artigo 2: Torcedor é toda pessoa que aprecie, apoie ou se associe a qualquer entidade de prática desportiva do país e acompanhe a prática de determinada modalidade esportiva (BRASIL, 2012, p. 9). A descrição é generalista e muito abrangente. De acordo com o texto de apresentação assinado pelo Presidente da Câmara dos Deputados da época, Marco Maia, torcedor é qualquer pessoa que assista e admire um esporte. Porém o texto de apresentação realça, adiante, a importância do futebol no esporte nacional: é notória a dimensão cultural do esporte no Brasil, especialmente do futebol, vigoroso elemento da identidade nacional (MAIA, 2012, p. 7). No tocante ao entendimento do comportamento do torcedor, não é possível encontrar o que o estatuto afirma ser favorável, mas encontramos o que não é.

Conforme consta logo no início do texto, a intenção deste conjunto de leis, de acordo com Maia (2012), é especificar o que é proibido: no conjunto, trata-se de coibir excessos, impondo às paixões os necessários limites para evitar a violência (MAIA, 2012, p. 7). Nesta sentença, é possível identificar a teoria de Dunning e Elias, sobre o controle das emoções em sociedade, em sua essência e também em toda a prática pautada na legislação. Ressalto o final da frase. As paixões sem limites levam à violência. Será? Partindo da própria definição oferecida no documento, torcer é apoiar ou apreciar uma prática esportiva. Então torcer demais é perigoso? Quais são os limites que uma pessoa precisa ter para poder apoiar o time A ou B? Cito três exemplos: um brasileiro, um argentino e um uruguaio. Em 2023, Bruno Gomes percorreu 3 mil quilômetros de bicicleta, de Recife até São Paulo, para assistir uma partida válida pela Copa Sul-Americana entre Corinthians e Estudiantes, da Argentina.

Em entrevista ao ESPN.com.br, Bruno contou que teve que passar por vários perrengues no trajeto. O corintiano disse que dormiu em barracas montadas em

---

<sup>15</sup> O Estatuto do Torcedor serviu como base para a Lei Geral do Esporte, criada em 2023. Esta lei utilizou as definições contidas no documento e atualizou alguns pontos que para essa pesquisa não são muito relevantes. Por isso, mantive as definições do Estatuto como base da análise.

postos de gasolina, já que não tinha recurso para se hospedar em hotéis e pousadas durante toda a viagem.

Mas, segundo ele, nada foi pior do que o frio que teve que enfrentar na estrada, principalmente quando passou pelo sul de Minas Gerais (CYRILLO & TORRES, 2023).

O segundo exemplo é um torcedor argentino do River Plate, que mora na Venezuela. Em 2024, ele viajou mais de 6700 quilômetros de carona, da Venezuela até o Brasil, até chegar em Belo Horizonte. Ao todo, levou 4 dias para assistir uma partida de futebol entre River Plate e Atlético Mineiro. O time argentino perdeu de 3 a 0 para os mineiros. O terceiro, e último, exemplo pertence a um jovem estudante de 19 anos chamado Guido Ceriani, que mora em Montevidéu. Ele saiu, de bicicleta, rumo ao Brasil. Sem ingresso para o jogo.

O torcedor do Peñarol contou que sua bicicleta não era apropriada para encarar os mais de 2.000 km de estradas do percurso. Com uma bagagem limitada a poucas roupas, garrafas de água e peças de reposição para sua câmera, Guido chegou a pedalar uma média de 120 quilômetros por dia. Sua jornada terminou na última segunda-feira, quando chegou na praia da Barra da Tijuca (BARCELLOS, 2024).

Entre pedaladas e caronas solidárias, ele levou 18 dias para chegar ao Rio de Janeiro na esperança de assistir Botafogo x Peñarol, o time uruguaio que ele torce, válido pela Copa Libertadores de 2024. O jogo terminou 5 a 0 para os cariocas.

Esses 3 exemplos demonstram atitudes incomuns: longas viagens, em condições atípicas, com equipamentos não necessariamente apropriados e às vezes sem ingresso, só para tentar assistir um jogo de futebol do seu time de coração. O que pode ser visto como loucura para alguns, para outros isso é apenas uma demonstração de amor, de paixão. Isso também é torcer. E isso me faz refazer a pergunta: uma paixão sem limites é perigosa? Nesse caso, talvez seja para quem realiza essas viagens sem muito planejamento, mas nenhuma das matérias relatam arrependimentos, mas sim realizações e esperanças de ver o time ganhar naquele evento. Os problemas relacionados a violência podem estar conectados a alguns torcedores, mas tem suas raízes em outros setores que não cabe a essa pesquisa discutir ou mesmo investigar.

Continuando com o estatuto, encontramos muitos artigos falando sobre a questão da segurança nos estádios e quem são os responsáveis por garantir que isso, de fato, aconteça. Citarei, a seguir, os artigos que julgo como aqueles que mais simbolizam essa preocupação em limitar e punir qualquer ação considerada excessiva por parte dos torcedores. O artigo nº 1 delimita quem são os agentes responsáveis pela segurança do espetáculo.

Art. 1o-A. A prevenção da violência nos esportes é de responsabilidade do poder público, das confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entidades recreativas e associações de torcedores, inclusive de seus respectivos dirigentes, bem como daqueles que, de qualquer forma, promovem, organizam, coordenam ou participam dos eventos esportivos (BRASIL, 2012, p. 9).

O artigo nº 13 delimita o espaço e o tempo em que o torcedor tem direito à segurança do evento, impondo algumas limitações quanto ao uso de bandeiras e cartazes que fazem alusão a expressões preconceituosas, proibindo o uso de fogos de artifício e/ou itens pirotécnicos como, por exemplo, sinalizadores. Ele também proíbe cânticos preconceituosos, além de também reforçar a proibição da invasão ao campo.

Art. 13. O torcedor tem direito a segurança nos locais onde são realizados os eventos esportivos antes, durante e após a realização das partidas. Parágrafo único. Será assegurado acessibilidade ao torcedor portador de deficiência ou com mobilidade reduzida. (...) IV – não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, inclusive de caráter racista ou xenófobo; V – não entoar cânticos discriminatórios, racistas ou xenófobos; VI – não arremessar objetos, de qualquer natureza, no interior do recinto esportivo; VII – não portar ou utilizar fogos de artifício ou quaisquer outros engenhos pirotécnicos ou produtores de efeitos análogos; VIII – não incitar e não praticar atos de violência no estádio, qualquer que seja a sua natureza; e IX – não invadir e não incitar a invasão, de qualquer forma, da área restrita aos competidores (BRASIL, 2012, p. 14).

Por fim, cito o artigo 41-B, onde estão descritas as principais penas para as infrações listadas acima.

Art. 41-B. Promover tumulto, praticar ou incitar a violência, ou invadir local restrito aos competidores em eventos esportivos: Pena – reclusão de um a dois anos e multa (...) § 1o Incorrerá nas mesmas penas o torcedor que: I – promover tumulto, praticar ou incitar a violência num raio de cinco mil metros ao redor do local de realização do evento esportivo, ou durante o trajeto de ida e volta do local da realização do evento; II – portar, deter ou transportar, no interior do estádio, em suas imediações ou no seu trajeto, em dia de realização de evento esportivo, quaisquer instrumentos que possam servir para a prática de violência. § 2o Na sentença penal condenatória, o juiz deverá converter a pena de reclusão em pena impeditiva de comparecimento às proximidades do estádio, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, pelo prazo de três meses a três anos, de acordo com a gravidade da conduta, na hipótese de o agente ser primário, ter bons antecedentes e não ter sido punido anteriormente pela prática de condutas previstas neste artigo. § 3o A pena impeditiva de comparecimento às proximidades do estádio, bem como a qualquer local em que se realize evento esportivo, converter-se-á em privativa de liberdade quando ocorrer o descumprimento injustificado da restrição imposta. § 4o Na conversão de pena prevista no § 2o, a sentença deverá determinar, ainda, a obrigatoriedade suplementar de o agente permanecer em estabelecimento indicado pelo juiz, no período compreendido entre as duas horas antecedentes e as duas horas posteriores à realização de partidas de entidade de prática desportiva ou de competição determinada (BRASIL, 2012, p. 23).

Apesar da legislação, ela não garante a extinção dos comportamentos criminosos, assim como não garante a punição prevista. Cito, como exemplo, o caso de cânticos homofóbicos no jogo entre Palmeiras e São Paulo, válido pelo Campeonato Brasileiro de 2024. O time tricolor denunciou o caso e, após julgamento, o clube alviverde pagou uma multa de 50 mil reais. Em relação aos torcedores que entoaram os cânticos, nada foi noticiado, nem mesmo se eles foram identificados e/ou se foram punidos.

A partir dos conceitos e regras previstos no estatuto é possível pensarmos no torcedor através do que não está descrito, ou seja, podemos tentar entender o que ele é através do oposto, do que ele não é. Porém, como no exemplo acima, não seria muito preciso, visto que as pessoas que frequentaram o estádio e foram homofóbicas se enquadram no conceito descrito do documento. Afinal, ele apreciou e apoiou um clube de futebol, mesmo que seu apoio tenha sido exercido de modo discriminatório. É possível pensarmos até mesmo se isso pode ser visto como uma forma de apoiar, ou se o torcedor pode prejudicar enquanto exerce essa função. A partir disso, o contraste deixa de ser esclarecedor. Então o que é e o que representa a figura do torcedor?

Para pensar no torcedor como indivíduo, proponho dar um passo para trás e olharmos para esse agente incluído no grupo, na torcida. A torcida de um time cria e reproduz seus próprios costumes. Por vezes, performam comportamentos originados por uma torcida de outro time, mas a ação é adaptada para dar sentido e embasamento à comunidade. Uma torcida produz sua própria cultura. Ela possui seus próprios eventos, sua própria história, cria e performa músicas que falam da sua realidade e da realidade do time, elaboram suas próprias danças e modos de torcer. Uma torcida contém diversos subgrupos, diversas culturas que dialogam e, por vezes, entram em conflitos. Através deste contexto, Stuart Hall, dialoga em sua obra com o conceito de “nação”, que se transportado para esta pesquisa, pode definir o que é uma torcida.

Em primeiro lugar, há a narrativa da *nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal "comunidade imaginada", nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte (HALL, 2006, p. 52).

Torcer para um time, por vezes, não significa apenas ocupar um horário de lazer, mas também de gerar pertencimento entre grupos que, se não fosse pelo fato de torcer pelo mesmo time, não se conheceriam ou se conectariam com a mesma facilidade e finalidade. Torcer, para alguns, não é um meio, mas sim um fim. Se sentir pertencente a um grupo, a uma nação, pode completar uma existência de um indivíduo que até então era vista como um pária social, por exemplo. Nesse sentido, diversos times, e torcidas organizadas, trabalham essa relação através de um processo estruturado de comunicação. O Clube de Regatas do Flamengo, por exemplo, trabalha com a ideia de que todos os torcedores fazem parte da “Nação rubro-negra”. O Athletico Paranaense iniciou uma campanha de marketing, no final de 2024, afirmando que o clube e a torcida possuem um “pacto”, um vínculo que não é fácil de ser quebrado.

O torcedor faz parte de um grupo, de uma comunidade, mas quem é o torcedor? Toledo (1996), em sua dissertação, apresenta uma definição interessante. Torcedor não é um emprego, um título, mas sim uma prática social que perpassa classes econômicas, gênero e raça.

O torcedor é o trabalhador, o estudante, a dona de casa, o malandro, o marginal, o policial, o dirigente, o político. A condição de torcedor de futebol é apenas mais uma entre tantos outros papéis sociais desempenhados. E a partir dela existe a possibilidade de se pensar através da maneira como a sociedade é classificada pela preferência por times e torcidas de futebol, sobre os modos de vida nela contidos (TOLEDO, 1996, p. 12).

Fontenelle e Pinto (2021) reforçam o uso do papel social de torcedor como um meio de identificação social. Quando incorporado, rótulos como, por exemplo, o “fulano que é faxineiro” e o “fulano que é diretor de uma multinacional” podem se tornar apenas o “fulano athleticano” ou só como o “athleticano”.

Ter um time de futebol muitas vezes faz com que o/a torcedor(a) seja identificado(a) por sua filiação clubística. Frases do tipo: “fulano, que é gremista”, “sicrana que é rubro-negra”. Essa espécie de simbiose indivíduo / clube se dá porque as demais pessoas observam sua ligação com a agremiação de futebol. Desta forma, o esporte assume um aspecto tribal, unindo pessoas que comungam das mesmas histórias e experiências, gerando assim, a ideia de pertencimento (FONTENELLE & PINTO, 2021, p. 1).

A prática de torcer por um time, dependendo do contexto, se sobressai a qualquer outra característica de uma identidade. Em alguns meios, é possível pensar que o ato de torcer

representa um ato de se igualar ao próximo, mesmo que seus comportamentos e suas origens sejam distintos. Em outros casos, torcer para um determinado time pode ser interpretado como um símbolo de poder, de status. Esse jogo de identidades é constante e orgânico. Do ponto de vista comercial, abordado por pesquisadores do fenômeno de Espetacularização do Futebol, o torcedor é acima de tudo, um consumidor, independente de seu potencial aquisitivo.

Em síntese, a figura “torcedor” não possui um padrão de características pré-estabelecidas, nem mesmo possui exclusividade por um único time, podendo torcer por dois times de Estados ou países diferentes, por exemplo. O papel social “torcedor” tem múltiplas faces. Dentro de um estádio, alguns comportamentos podem ser adaptados para facilitar a identificação com seus pares como uma forma de buscar aceitação e de demonstração de afeto ao clube, mas ainda assim, existe uma gama de atitudes particulares em cada indivíduo, mas que, em alguns momentos, podem reproduzir gestos em coletividade como, por exemplo, ao cantar uma música. Entretanto, é possível identificar padrões de comportamentos e a reprodução de comportamentos oriundos de uma cultura torcedora específica de um coletivo: nas Torcidas Organizadas.

### 1.4.1 Torcida Organizada (TO)

Segundo o Estatuto do Torcedor, uma torcida organizada pode ser entendida como:

Art. 2o-A. Considera-se torcida organizada, para os efeitos desta lei, a pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade. Parágrafo único. A torcida organizada deverá manter cadastro atualizado de seus associados ou membros, o qual deverá conter, pelo menos, as seguintes informações:

- I – nome completo;
- II – fotografia;
- III – filiação;
- IV – número do registro civil;
- V – número do CPF;
- VI – data de nascimento;
- VII – estado civil;
- VIII – profissão;
- IX – endereço completo; e
- X – escolaridade (BRASIL, 2012 p. 9).

O conceito e os limites para uma TO ser considerada como tal, perante a legislação, é claro: precisa ser, antes de mais nada, uma pessoa jurídica<sup>16</sup>. O controle sobre os agentes organizados, em teoria, também é de interesse político. Todo afiliado ao grupo deve ter seus dados pessoais devidamente atualizados e armazenados na instituição. Porém, em caso de punições, não somente quem violentou poderá ser punido, como também a torcida como um todo. Um exemplo disso é a recente emboscada protagonizada por membros da TO Mancha Verde, do Palmeiras, que ocasionou na morte de um torcedor cruzeirense e outros feridos, além de um ônibus incendiado, enquanto a torcida mineira retornava de Curitiba, após o jogo contra o Athletico Paranaense pelo Campeonato Brasileiro de 2024. Nesse caso, não somente alguns torcedores identificados estão sendo processados, mas a justiça também solicitou o banimento da TO dos estádios de São Paulo por 2 anos.

Na história brasileira, os primeiros registros encontrados sobre o surgimento de um grupo semelhante ao que entendemos, hoje, como uma TO datam da década de 1930 e início da década seguinte. De acordo com Toledo (1996), a primeira surgiu para apoiar o São Paulo Futebol Clube.

Em São Paulo, a primeira notícia que se tem sobre agrupamentos de torcedores organizados ou uniformizados data do fim dos anos 30 e começo dos anos 40. Em 1940, Manoel Porfirio da Paz e Laudo Natel fundam a Torcida Uniformizada do São Paulo, considerada por muitos a mais antiga do Brasil, inspirada e originada no *Grêmio São-Paulino*, fundado em 1939 por Manoel Raymundo Paes de Almeida (TOLEDO, 1996, p. 22).

No Rio de Janeiro, outro polo do esporte, os registros apontam a primeira TO no início da década de 40, para apoiar o Clube de Regatas do Flamengo.

No Brasil, sabe-se que existem grupos fieis de torcedores desde os anos 40. Em 1942, um funcionário federal no Rio de Janeiro chamado Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor do Flamengo, funda a famosa *Charanga*, uma banda musical que animava os jogos do time. O termo *charanga* é muito comum para nomear as pequenas *bandas* (denominação usada em São Paulo) que frequentam os estádios no estado do Rio de Janeiro e nos estados do nordeste do país (TOLEDO, 1996, p. 21).

Nesse contexto, ter uma das TOs mais antigas do Brasil também é um ativo político e cultural para os clubes, pois reforça e valida a ideia de um clube tradicional. Em 2022, por exemplo, o Flamengo, via *site* institucional, parabenizou a torcida “Charanga Rubro-Negra”,

---

<sup>16</sup> No caso da TOF e de outras TOs, também a considero uma empresa pois comercializa produtos e serviços para arrecadar dinheiro dos seus sócios e apoiadores.

como “a primeira torcida organizada do Brasil”. Hollanda e Teixeira (2021) apontam que existe uma diferença de nomenclatura das torcidas em São Paulo e no Rio de Janeiro e, por isso, é difícil precisar historicamente qual foi a primeira e os motivos que incentivaram os torcedores a se mobilizarem nessa dinâmica de se organizarem como TO ou Torcida Uniformizada (TU), pois cada torcida surge em situações particulares as suas próprias realidades.

A partir dos anos 1940, começam a surgir de modo até certo ponto espontâneo, ou sob o beneplácito dos dirigentes de clube, as primeiras torcidas de futebol. Em São Paulo, chamavam-se “torcidas uniformizadas”, uma vez que os torcedores passavam a portar o uniforme dos jogadores em campo, vestimenta não usual nas arquibancadas. No Rio, o nome dado foi “torcida organizada”, uma vez que, diante de plateias tão numerosas, o desafio era “organizar” o apoio coletivo torcedores aos seus clubes, por meio de instrumentos musicais e de adereços festivos e carnavalescos (TEIXEIRA & HOLLANDA, 2021, p. 9).

Algumas torcidas surgem com apoio da diretoria do clube, outras por mobilizações sociais e interesses de grupos de torcedores. Porém, sabe-se que a TO hoje é considerada contemporânea das Uniformizadas, uma nomenclatura e comunidade pouco explorada que ainda existem nos estádios, mas são substancialmente menores do que uma Organizada e não representam mais a “voz predominante do estádio” como em seu início.

Conforme o avanço do tempo e as transformações no futebol, e na sociedade, as TOs também se transformaram. Ocorreram mudanças nos comportamentos, nas músicas, as charangas perderam espaço para as baterias, a influência dos torcedores no clube cresceram significativamente, as relações institucionais entre Organizada e clube deixaram de ser harmônicas em diversos momentos. Uma TO deixou de ser dependente unicamente do clube, agora eles operam dentro de sua própria realidade cultural e financeira, podendo captar suas receitas e apoiar seus times seguindo suas próprias estratégias.

Para alguns, as Torcidas Organizadas constituem-se em verdadeiros braços armados de dirigentes de clubes de futebol, de onde teriam se originado. Ou mesmo constituem-se em eficazes cabos eleitorais de políticos. Para outros, entretanto, o movimento de emergência das primeiras torcidas fez parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período da ditadura militar vivido pelo país. E que, portanto, juntamente com outras formas de organização e associação, formaram canais de participação populares diante da ausência de partidos e representações legais. É corrente também associá-las a gangues juvenis, que promover a desordem e o caos urbano, afugentando outros torcedores dos estádios de futebol, depredando equipamentos urbanos, congregando desocupados, malandros e marginais de toda espécie (TOLEDO, 1996, p. 28).

A partir disso, é preciso considerar o jogo de poder entre os grupos internos da torcida, os comportamentos com base nos regimentos propostos, e aceitos na hora de se associar, e principalmente no uso de estratégias para influenciar a opinião pública sobre a imagem de uma TO. No exemplo dado sobre a Mancha Verde, a ação violenta e a divulgação, de forma massiva na mídia esportiva e nas redes sociais, situam o grupo, hoje, no campo criminal. Eles não são mais vistos apenas como uma TO por parte da opinião pública, agora eles são uma organização criminosa que planejam assassinatos e protagonizam atos de extrema violência. Apesar do assassinato de uma reputação, eles também jogam com o poder que isso gerou. A mensagem da Mancha Verde se tornou clara: eles são perigosos, violentos e não vão “abaixar a cabeça” para seus rivais. Esse tipo de imagem era comumente associada à maior parte desses grupos na década de 80 e 90 quando a violência entre TOs estava em seu auge na história brasileira.

Entre o final dos anos de 1980 e início da década de 1990, uma série de embates entre integrantes de torcidas rivais e, destes, com as forças policiais, colocaram estes grupos na mira dos meios de comunicação e das autoridades. Assim, passam a ser classificados como “delinquentes” e “vândalos” (por se ferirem fisicamente, incluindo o uso de armas de fogo), sendo responsabilizados por disseminar a insegurança e o medo (TEIXEIRA & HOLLANDA, 2021, p. 12).

A temática da violência, dentro do contexto das Organizadas, é recorrente, é importante, mas como já dito anteriormente, não é simples. Em entrevista ao programa Tricolaços, o presidente, André Azevedo (2024), da TO Dragões da Real, a segunda Organizada do São Paulo Futebol Clube (SPFC), foi questionado pelos jornalistas sobre o fenômeno do ponto de vista de quem vive essa realidade<sup>17</sup>. André não se esquivou do tema, e explicou, que do seu ponto de vista, o problema é maior que as TOs.

A questão da violência, atrela a violência à Torcida Organizada, às vezes é um erro porque a sociedade como um todo é violenta né. A gente tá vendo guerras, tá vendo guerra urbana. Nós consumimos violência no nosso dia a dia. Então assim, você quer que a torcida tenha um comportamento diferente da sociedade como um todo chega a ser até muito contraditório porque quem faz parte da torcida é o cidadão que tá no dia a dia. Então, infelizmente, o mundo é violento, a sociedade é violenta e a torcida absorve esse tipo de comportamento. Eu digo que, por mais que eu não queira, eu não tenho poder sobre todas as pessoas e os comportamentos de todas as pessoas. Hoje a gente vive uma crise de hierarquia que não tinha na década de 90, que não tinha no passado. O que existe agora é que os filhos não respeitam mais os pais, os alunos não respeitam mais os professores, a gente vê direto aí vídeos de alunos, inclusive, batendo nos professores e nós somos uma geração que quem nos

---

<sup>17</sup> Assista ao trecho: [https://youtu.be/vi61KOe\\_g68?t=1478](https://youtu.be/vi61KOe_g68?t=1478)

educava eram os professores. Não to falando de ensinar, tô falando de educar, porque nosso pais trabalhavam e nós passávamos muito tempo com os professores. Hoje já não é assim cara. Hoje as pessoas estão menos sensatas, as pessoas estão mais violentas né, consomem violência, então hoje é um problema para as próprias torcidas conter a violência. Acho que agora com essa volta do diálogo, os presidentes, as diretorias, elas podem contribuir para minimizar o problema. Erradicar o problema não vai erradicar porque como eu afirmei no início da minha fala, é um problema social, é um problema comportamental e nós não vivemos numa bolha. A torcida não tá numa bolha diferente, social. Ela é o que a sociedade é. Infelizmente a sociedade é violência né. A nossa violência urbana no dia a dia: roubo de celular, arrastão no trânsito, arrastão na praia. Isso tudo faz parte do contexto social e a torcida absorve isso (AZEVEDO, 2024).

Porém, existem outras atitudes, como a da torcida rival a alviverde, a Torcida Tricolor Independente (TTI), do SPFC, que tem se colocado como um grupo que, aparentemente, tenta se resolver com o seu passado violento e agora quer ser vanguarda em relação a administração de empresa do segmento e apoio ao clube paulista. Em entrevista a jornalistas e setoristas são-paulinos, Henrique Gomes, o “Baby”, membro influente da TTI, conta um episódio simbólico, em 2017, que originou o início da mudança de mentalidade do grupo:

Quando foi no ano de 2017, o São Paulo Futebol Clube naquela draga de novo cara, não ganhou nada e novamente todo mundo olhou para nossa cara e falou “e aí?” O que que eu fiz? Eu fiz uma assembleia geral e convoquei todas as lideranças da torcida, convoquei todo mundo, anunciei na internet, nas redes sociais da torcida que nós iríamos fazer uma assembleia geral e decidir o caminho que vamos seguir. Foi feita uma assembleia geral, reunimos todo mundo. Aí eu peguei o microfone, olhei todo mundo, agradei todo mundo e fui bem claro: família, temos três opções: Se o São Paulo Futebol Clube cair e a gente ir lá e quebrar tudo, o culpado é nós. Se o São Paulo Futebol Clube cair e a gente não ir lá e protestar, o culpado é nós. Se a torcida, a Independente e os 20 milhões de torcedores apoiarem o São Paulo Futebol Clube e ele não cair, aí é todo mundo. E aí vocês? Todo mundo levantou a mão e decidiu apoiar. Aquele 2017 foi o ponto inicial. Foi o pontapé mesmo que transformou o torcedor são-paulino ali (GOMES, 2024).

Essa mudança de atitude, dentro e fora do estádio, é dada como um marco para o presidente. Em 2023, a TTI lançou o primeiro banco digital de uma Torcida Organizada. Agora, eles têm planos de apoiar o SPFC com outras ações, seja na área social ou na captação e formação de novos jogadores ao criar sua própria escolinha de futebol. Essas e outras ações situam a Independente como uma referência de uma transformação no segmento. Menos violência, mais apoio. Porém, isso não isenta a torcida de novos episódios envolvendo violência física, mas demonstra, com ações práticas e intermediações com os agentes de mídias esportivas, uma tentativa de transformar a realidade. Caberá às pesquisas futuras observar os efeitos desse fenômeno.

Como demonstrado acima, existem diversas maneiras de se definir uma Torcida Organizada, e dentro dessas representações, diversos códigos, comportamentos e rituais próprios de cada cultura. Existem poucas características unânimes encontradas nos discursos sobre o tema. De acordo com Hollanda e Teixeira (2021), o conceito de torcedor organizado gira em torno majoritariamente do apoio.

Vista no imaginário como o “12º jogador”, a torcida era regida pelo princípio da unidade indivisível: um líder e uma torcida por clube. O lema das torcidas era o apoio incondicional ao time, nas vitórias e nas derrotas (TEIXEIRA & HOLLANDA, 2021, p. 10).

Outra característica em comum, de acordo com Marra, entre as TOs dos principais clubes brasileiros é a presença da performance e controle da música vindo das arquibancadas.

No Brasil, onde diversas torcidas organizadas de um mesmo time ocupam regiões distintas da arquibancada em formações instrumentais que incluem instrumentos de percussão e de sopro e executam muitas vezes canções e gritos diferentes, o estádio soa de maneira intensa e frequentemente caótica. Torcidas, assim, delimitam seu território no setor da arquibancada que ocupam, suas fronteiras se estendendo até o ponto do público em que o som alcança (MARRA, 2023, p. 11).

A influência de uma Organizada é tanta que, atualmente, elas já possuem um lugar próprio e delimitado, numa tentativa de controle do clube, de um lugar privado que não os pertence. Eles não são os donos do estádio, mas ocupam e agem como se aquele ambiente os pertencessem. É raro, mas não inexistente, exemplos de dirigentes que tentam diluir a influência desse grupo dentro e fora do estádio, coincidentemente, o Athletico Paranaense sob direção de Mário Celso Petraglia, já tentou esse feito, mas não durou muito tempo, visto que Os Fanáticos (TOF) estão presentes e exercem sua influência ainda hoje<sup>18</sup>.

Por fim, se considerarmos a pluralidade de perfis de torcedores, é possível que um clube possua duas ou mais TOs e estas não precisam ser necessariamente aliadas, apesar de apoiarem o mesmo time<sup>19</sup>. Na realidade do CAP, existem Os Fanáticos, representando a principal força em números e representatividade na Arena, mas também existem os Ultras, que outrora já rivalizaram com a TOF, mas atualmente as torcidas não possuem mais

---

<sup>18</sup> Acesse a matéria sobre a repercussão:

<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/atletico-pr/petraglia-fala-de-vitoria-do-bem-contra-o-mal-so-bre-organizada-emm76pncblefdu0bobjcrqxj/>

<sup>19</sup> Acesse a matéria sobre a briga:

<https://ge.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/2024/06/21/torcidas-organizadas-do-ceara-brigam-entre-si-e-m-empate-na-arena-castelao.ghtml>

conflitos claros e expostos publicamente. Os Ultras se localizam, na arena, no setor ao lado da TOF, mas não juntos. Eles possuem suas próprias faixas e local no estádio.

Em suma, uma Torcida Organizada é dinâmica e bem estruturada se analisada apenas pelo ponto do Estatuto do Torcedor. Além do que dita a lei, as TOs possuem hierarquias bem definidas, regimentos internos que explicitam as regras, comportamentos aceitos e também punições, caso haja uma infração. Também possuem uma sede física e um local estabelecido nas arquibancadas de um estádio; tem sua própria identidade visual; compõe suas próprias músicas e podem se organizar, culturalmente e financeiramente, de forma independente ou com apoio do clube ao qual torcem.

### 1.4.2 Movimento

O Movimento é um fenômeno recente no Brasil e tenta se diferenciar das Torcidas Organizadas através de uma nova nomenclatura e também de discursos contra a violência que as TO'S praticaram e ainda praticam.

As Torcidas Jovens costumam ser reconhecidas como as tradicionais e principais associações de torcedores. Elas ficam situadas atrás do gol e constituem uma referência histórica, posto que fundadas em fins dos anos 1960. Além da tradição, elas contam com a supremacia em termos quantitativos e são responsáveis pelos principais cânticos entoados nas arquibancadas. Não obstante, são reputadas negativamente pelos *mass media* e vistas como as promotoras de badernas e atos de vandalismo. Já os “movimentos” são grupos recém-fundados. Trata-se, em alguns casos, de dissidentes das torcidas organizadas tradicionais. Em sua maioria, são compostos por jovens frequentadores de estádios, insatisfeitos com os padrões de conduta adotados pelas Torcidas Jovens ao longo do tempo. Surgidos em fins dos anos 2000, eles passaram a preconizar a exaltação exclusiva ao clube, em detrimento dos cânticos autorreferidos às torcidas (HOLLANDA; AZEVEDO; QUEIROZ, 2014, p. 20).

O caso mais relevante deste fenômeno é o “Movimento Verde e Amarelo (MVA)” da Seleção Brasileira de Futebol. Em seu *site*, a torcida se propõe a revolucionar o modo do brasileiro torcer<sup>20</sup>.

O Movimento Verde Amarelo (MVA) é uma organização criada em 2008 por um grupo de amigos entusiastas por esporte, com a missão de revolucionar a forma como o brasileiro torce por suas seleções e atletas. Desde sua criação, o MVA esteve

---

<sup>20</sup> *Site* do Movimento: <https://movimentoverdeamarelo.com.br/>

presente em três Copas do Mundo, Copa do Mundo feminina, além de edições da Copa América, Jogos Olímpicos, Copa das Confederações e outros eventos com participação de atletas e seleções do Brasil (MVA, 2024).

No discurso, a presença no estádio e o apoio estão presentes. Torcer, para eles, perpassa pela presença física nos estádios, ou nas embaixadas. Características idênticas a de uma TO. Outro fator interessante do MVA é que eles disponibilizam as músicas do grupo no *site*<sup>21</sup>. Como uma TO, eles possuem uma bateria e também ensinam quem estiver interessado e for parte do grupo.

É uma oficina de percussão para jovens, que se inicia nas comunidades do Rio de Janeiro com duração de 6 meses. As aulas são conduzidas por mentores altamente capacitados para garantir a qualidade de ensino dos jovens, celebrando a cultura brasileira através dos tambores e da torcida. Além de oferecer uma educação musical, os ritmos e instrumentos, essa galera estará presente tocando e torcendo nas arquibancadas junto com o MVA, fazendo parte desse grande movimento de apoio aos nossos atletas, ao mesmo tempo que abre portas para novas oportunidades que a música e o esporte oferecem (MVA, 2024)!

Em suma, um Movimento aparenta ser mais uma ramificação de torcedores que gostam de torcer juntos e tentam, dentro e fora do estádio, alcançar uma validação e reconhecimento enquanto grupo. Aparenta ser um processo semelhante ao que já aconteceu na transição de TU para TO: alguns comportamentos são parecidos, mas com novas figuras nas lideranças. Dentro do contexto da minha pesquisa, não encontrei, até o momento, um relato sobre a existência de um Movimento na torcida do CAP. A TO Fanáticos ainda prevalece sob as mudanças e rebranding do clube e seus públicos.

Apesar das possíveis distinções entre os grupos, ambos compartilham, como produto e totem da cultura torcedora, a música como símbolo de identificação e, conseqüentemente, legitimação da sua performance enquanto torcedor de futebol. Em linhas gerais, podemos identificar essa característica em um exemplo prático: um torcedor consegue reconhecer determinadas camisetas de times de futebol na rua, mas teria mais dificuldade em reconhecer uma música de TO ao ouvir a letra fora do estádio. Esse é um elemento chave para entendermos a importância da música na cultura torcedora. Se um torcedor reconhece a letra, podemos pressupor um dualismo: ou ele é um dos seus pares, ou ele é o outro. Hoje, na

---

<sup>21</sup> Área destinada às músicas do Movimentos: <https://movimentoverdeamarelo.com.br/musicas/>

realidade das principais Torcidas Organizadas do Brasil, a música está enraizada e é determinante para a disseminação da cultura torcedora.

### **1.5. A ETNOMUSICOLOGIA NO CONTEXTO DAS MÚSICAS EM ESTÁDIOS NO BRASIL**

A utilização de uma abordagem etnomusicológica nesta pesquisa se fez necessária para auxiliar na compreensão de grupos de torcedores que não possuem muitas semelhanças além de torcer para um mesmo time de futebol, mas que, através da música conseguem, por alguns momentos, torcer e se apoiarem rumo a um objetivo comum: a vitória ou ao protesto contra o seu clube. O estudo da música e da produção sonora na arena, como prática e produto, é uma, entre outras possíveis estratégias, para tentar compreender o que se está em jogo, além do resultado e performance dos atletas dentro das quatro linhas do campo de futebol.

As músicas ocupam os estádios e arenas do Brasil há mais de cem anos, antes mesmo do surgimento das Torcidas Uniformizadas e, posteriormente, Organizadas. O primeiro registro encontrado por Hollanda (2008) é da década de 1910, da torcida do Fluminense:

Enquanto o primeiro sublinhava a interjeição de apoio observada no estádio do Fluminense no decênio de 1910, o estrangeirado hip-hip-hurrah!, o segundo narra o surgimento do primeiro hino de guerra entre os torcedores do Paulistano. O cronista ítalo-paulista referia-se ao ale-guá-guá, um abrasileiramento onomatopaico do grito francês allez-gohack, que significava “para frente, avante”. Pouco se sabe de que maneira a interjeição foi aclimatada no Brasil, embora seu traço de paródia e de onomatopeia fique evidente (HOLLANDA, 2008, p. 519).

Já em seu início é possível destacar algumas características que sobreviveram às transformações nos estádios: o uso de onomatopeias e a criação de paródias com base em cânticos estrangeiros. Esta última característica será melhor observada a posteriori, mas a circulação das músicas entre torcidas é um fenômeno constante e comum. Apesar dos registros históricos, Hollanda (2008) ressalta que não foi possível encontrar registros sobre como eram executadas as performances ou mesmo como eram ensinadas essas músicas entre os torcedores.

No período de 1940, surge o movimento das criações das Torcidas Uniformizadas e das Organizadas no país e, conseqüentemente, a criação de uma série de comportamentos próprios, que incluía a composição e reprodução de músicas que representassem o apoio do grupo ao clube. Dentro desse contexto, nascem as charangas, as primeiras bandas de torcedores nos estádios.

O aparecimento da Charanga inseria-se nesse contexto de expansão dos esportes e de alteração da condição inicial da assistência – palavra com que a imprensa designava o público dos estádios, por equivalência à ideia de audiência, utilizada em concertos e outros espetáculos. As torcidas assumiam um caráter ativo nas disputas, seja a encorajar seus times, seja a intimidar seus oponentes (HOLLANDA & SILVA, 2007, p. 4).

Credita-se que a primeira charanga criada seja a “Charanga Rubro-Negra”, pertencente à torcida do Flamengo, criada por Jaime Rodrigues de Carvalho<sup>22</sup>.

Assim, uma primeira geração de torcedores organizados constituiu-se no Rio e em São Paulo, entre a década de 1940 e 1960. Eram grupos por assim dizer comunitários, entre cinquenta e duzentos componentes, que se reuniam em dias de jogo para incentivar os seus respectivos times. Em geral, as torcidas tinham o comando de um líder, figura o mais das vezes carismáticas, ou “folclóricas”, conhecidas por todos nas arquibancadas, em razão da assiduidade e do fervor na demonstração de seu apoio ao clube. Desta forma, eram organizações com baixo grau de formalidade. Portavam bandeiras, insígnias dos clubes, estandartes e eram regidos por uma banda de música chamada “charanga”. Nestes grupos, havia mulheres e crianças, mas a predominância era de jovens e adultos do sexo masculino (TEIXEIRA & HOLLANDA, 2021, p. 10).

A charanga Rubro-Negra era uma banda formada por músicos amadores e, acima de tudo, por torcedores flamenguistas. Em uma série de vídeos publicados, em 2012, no canal do YouTube “Fla TV”, canal oficial do clube, é possível compreender um pouco do que foi essa banda, da sonoridade e do que foi esse movimento que possuía como figura de liderança o próprio criador, Jaime Rodrigues, e sua esposa, dona Laura, que após o falecimento do marido, assumiu a liderança da torcida<sup>23</sup>. Em uma série de 4 vídeos, totalizando aproximadamente 5 minutos, é possível identificar um pouco de como a comunidade se portava no estádio, mas há, principalmente, duas falas que merecem destaque. No primeiro vídeo da série, “Guigui”, líder da charanga na época da gravação, fala sobre o motivo da criação e de como era o estádio em 1940: “Ela foi criada nisso porque era silêncio, os

---

<sup>22</sup> A charanga é uma *brass band* (banda de sopros), elemento popular na cultura urbana do Rio de Janeiro (e de outras cidades) desde o século XIX.

<sup>23</sup> Vídeo do depoimento: <https://youtu.be/HfxctXDjdvM?t=4>

primeiros jogos era aquele silêncio. Aí o Jaime criou para acabar com essa monotonia né. O principal objetivo da charanga é fazer a festa, é sempre fazer a festa (Guigui, 2012)”<sup>24</sup>. O segundo trecho consta no terceiro vídeo da série, onde a narradora destaca que a banda, apesar de animada, era bastante desafinada, recebendo o apelido, provocativo ou mesmo pejorativo, de “Charanga” pelo locutor, Ari Barroso. Para Antônio, cunhado de Jaime e co-fundador da charanga, o apelido, e a crítica, não foram vistos como demérito: “mas a charanga não é demérito, é um sinônimo de uma banda que não toca afinada segundo o avô de Chico Buarque de Hollanda né (2012)”<sup>25</sup>. O desafinado, característica marcante da identidade do grupo, não era rechaçado apenas pelo locutor de rádio, mas isso não impediu que o grupo continuasse e inicia-se uma tendência, que a posteriori se tornou tradição nos estádios.

Rechaçada por uns, apreciada por outros, a música deixou aos poucos de ser um fato pitoresco e incorporou-se ao cenário dos estádios. A difusa excitação de uma partida de futebol – dos aplausos, apupos e assovios até o primeiro coro de hip-hip-hurrah! – era agora coordenada por uma sonoridade mais forte e intensa (HOLLANDA & SILVA, 2007, p. 3).

Hollanda e Silva (2007), descrevem que a Charanga, em seu início, além de ser um meio de animar a torcida, também era usada como uma estratégia para atrapalhar e irritar os adversários. A desafinação e o fato de ser um ruído incomum nos estádios, dificultava a comunicação entre os jogadores rivais, além de desconcentrá-los.

Em 1943, a Charanga enfrentaria resistências por parte do meio esportivo. Isto porque a tal desafinação revelou-se um recurso estratégico não só para prestar apoio ao Flamengo como sobretudo para atrapalhar a concentração dos adversários. À exceção de São Januário, a maioria dos estádios da época era de pequeno ou médio porte, sem ultrapassar a capacidade de quinze mil espectadores. Na maioria deles, havia uma área destinada ao público que ficava muito próxima do gramado, a chamada Geral, a permitir a comunicação direta entre torcedores e jogadores, sendo constantes até as invasões de campo. Por isto a Charanga colocou-se de forma intencional atrás do gol onde atacava o clube e as marchinhas executadas, mais do que distrair, irritavam o goleiro rival. Em um jogo contra o São Cristóvão, no momento em que o Flamengo meteu o seu quarto gol, o arqueiro do time da zona norte perdeu a paciência e foi reclamar com o juiz acerca da presença inoportuna da torcida naquele lugar. O árbitro ordenou a retirada imediata do local e o caso terminou na justiça desportiva, desencadeando calorosa polêmica. Além de impugnar a partida, alguns dirigentes queriam banir a orquestra em definitivo. Para os adversários, aquela bossa de grupos musicais nos estádios do Rio “era a maior chatice descoberta pelo homem” (HOLLANDA & SILVA, 2007, p. 2).

---

<sup>24</sup> Trecho do depoimento: <https://youtu.be/HfxctXDjdvM?t=23>

<sup>25</sup> Trecho do depoimento: [https://youtu.be/j0zDRSLf\\_h8?t=4](https://youtu.be/j0zDRSLf_h8?t=4)

Apesar dos registros publicados pelo canal Fla TV, não foi possível encontrar reproduções da época e, novamente, não encontrei dados que relatem como as composições eram feitas e como foram ensinadas, por exemplo. Esses problemas são uma constante quando pensamos na historiografia dessas músicas. Hollanda (2008) credita essa dificuldade a pouca importância que se dava à cultura oral.

[...] pode-se dizer, no entanto, que são escassas as fontes indicativas do repertório musical das charangas, como de resto o são todas aquelas informações referentes à linguagem dos torcedores nos estádios. A pouca importância creditada à cultura oral fez com que apenas umas raras expressões da fala torcedora, passadas de geração a geração, fossem incorporadas à tradição (HOLLANDA, 2008, p. 519).

Com a popularização das músicas em estádios e as transformações sociais, as torcidas se adaptaram, aos poucos, às realidades das arquibancadas. Entre as décadas de 1980 e 1990, as bandas, que tocavam majoritariamente marchinhas carnavalescas, começam a perder espaço para novos grupos que tinham como inspiração, o samba e o funk, além de influências de músicas internacionais. Nesse período, iniciou-se a ascensão das formações de baterias. Costuma-se chamar de bateria o conjunto somente de instrumentos percussivos, nomeação oriunda da linguagem do samba (TOLEDO, 1996, p. 21).

Além das novas influências musicais, este período também é marcado pelo crescimento e fortalecimento das torcidas organizadas. Os motivos dessas transformações terem acontecido ainda não são claros e carecem de maior aprofundamento, porém, resalto algumas hipóteses que podem servir como *insights* para entendermos as mudanças das performances musicais nos estádios: 1) a facilidade de aprender, ensinar e performar instrumentos de percussão frente aos instrumentos de sopro metálicos; 2) facilidade de acesso e confecção dos instrumentos; 3) legislação e permissões de entrada de determinados objetos/instrumentos nos estádios.

Em relação a tipificação das músicas, Toledo (1993) contribui com uma primeira tentativa de segmentação:

Poderíamos classificar estes cantos e *gritos de guerra* em quatro categorias: aqueles de *incentivo* ao time preferido (ou a jogadores individualmente, os heróis e ídolos), os de *protestos* (em virtude de situações variadas), outros que aqui denomino de *intimidadores* (diante de adversários, juizes, jogadores do outro time, etc) e os de *auto-afirmação* das próprias torcidas, particularmente das torcidas denominadas Organizadas (TOLEDO, 1993, p. 23).

Hansen (2007), em sua etnografia com Os Fanáticos, mapeia e descreve um pouco das dinâmicas que presenciou ao observar a bateria da torcida.

É nesse espaço, mais precisamente ao meio dele, que se localiza a bateria, composta essencialmente por instrumentos de percussão, responsáveis pelas batidas que dão o ritmo às músicas entoadas pela TOF durante todo o jogo. Em frente a ela, está um enorme caixote de madeira que o “comandante” da TOF utiliza como espaço seu. É seu dever agitar a torcida e transmitir a música que deverá ser cantada em determinados momentos da partida. Essa função é exercida por algum dos membros da diretoria, alternando entre o presidente e os diretores. O escolhido é, geralmente, um indivíduo conhecido da maioria dos associados, com uma boa entonação de voz e uma comunicação impecável com os membros da bateria. É nesse espaço que se realizam rituais como o grito da escalação do time, a mostra de sinalizadores coloridos e as coreografias de determinadas músicas (HANSEN, 2007, p. 27).

A descrição feita pela pesquisadora ressalta a importância do líder de bateria, que além de conhecer as músicas, precisa ser um exímio comunicador e regente para organizar músicos amadores em meio a um jogo de futebol, rodeado por milhares de torcedores com os mais diversos tipos de comportamentos. Não o bastante, os torcedores não organizados, por vezes, esperam o comando e o ritmo da bateria para prestar seu apoio, cantar junto ou pelo menos aproveitar a música como um entretenimento a parte do jogo de futebol que ocorre no gramado. A bateria, apesar de estar associada à popularização do futebol no Brasil, por serem contemporâneas as TOs, não representa, de forma alguma, um empobrecimento da música nos estádios devido aos seus instrumentos e performers. Creio que, sequer, é possível compará-la com as charangas da década de 40 ou com uma orquestra sinfônica. Ela vive, performa, educa e pulsa em sua própria realidade, com seus próprios maestros e músicos.

## CAPÍTULO 2 - SURFANDO KARMAS & DNA<sup>26</sup>

### 2.1 CONTEXTUALIZANDO O FUTEBOL DE ELITE DO PARANÁ

Neste capítulo abordarei aspectos históricos gerais de dois clubes, Athletico e Coritiba, com caráter de apresentação da instituição, da Torcida Organizada e da torcida não organizada para fins de contextualização, visto que o futebol paranaense não é uma referência no país, ou fora dele, e é possível que os clubes representantes do estado não sejam reconhecidos fora de seu território. Não me aprofundarei na história e na trajetória dos títulos visto que a extensão desses fatos históricos não agregou para o desenvolvimento do estudo.

#### 2.1.1 Club Athletico Paranaense

O Club Athletico Paranaense (CAP) é um clube de futebol brasileiro, situado em Curitiba, tendo sua origem em 1924 e, no ano de início desta pesquisa, está comemorando o seu centenário. Segundo a pesquisa realizada pelo instituto Paraná Pesquisas e publicada pelo jornalista Fernando Rudnick (2017), via Gazeta do Povo<sup>27</sup>, o Athletico possui a maior torcida da capital paranaense<sup>28</sup>, tendo 31,2% da população sendo simpática ou torcedora do clube, enquanto seu principal rival municipal, o Coritiba, possuindo 26,7% e em terceiro lugar está o Paraná Clube, com 9% de torcedores. Essa pesquisa identificou que 31,1% dos entrevistados não torcem para um time da capital, portanto, é possível considerarmos o Athletico Paranaense como principal representante do estado na esfera do futebol, visto que seus rivais não conseguem se manter, com frequência, na elite nacional ou mesmo disputar competições internacionais com regularidade.

A partir dos dados listados acima, é possível traçarmos uma estimativa do número total de torcedores da instituição. Segundo o IBGE (2022), a cidade de Curitiba possui 1.773,718 habitantes, sendo assim, 31,2% representa aproximadamente 553 mil torcedores

<sup>26</sup> A partir deste capítulo citarei os nomes das músicas em itálico para facilitar a identificação das canções.

<sup>27</sup> Acesse a matéria:

<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/pesquisa-mostra-indice-alto-de-pessoas-de-curitiba-que-nao-torcem-para-times-da-capital-dv78eayd2rtskoo984hyhmvjv/>

<sup>28</sup> Acesse a matéria:

<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/pesquisa-revela-que-torcida-do-atletico-ampliou-vantagem-sobre-a-do-coritiba-8l0fgdbewiztjj86czyzw4rwb/>

em solo curitibano. Porém, uma torcida pode não se fazer presente apenas na cidade onde está constituída o clube, então é razoável considerar um número maior, visto que o CAP tem se destacado no cenário futebolístico a nível nacional há poucos anos, com conquistas e marketing esportivo focado em expandir sua marca, tendo como principais conquistas as Copas Sul Americana de 2018 e 2021 e a Copa do Brasil em 2019<sup>29</sup>.

Segundo a pesquisa da AtlasIntel (2024), após o período dos grandes títulos, a torcida do CAP passou a ser representada por 0,7% dos brasileiros, ocupando, de acordo com a pesquisa, o 19º lugar no ranking das maiores torcidas no país<sup>3031</sup>. Este indicador, apesar de refletir um aumento significativo de 2017 para 2024, demonstra que a torcida ainda é pequena se comparada a de outros clubes, como por exemplo os times do eixo Rio-São Paulo, porém, também indica que o Athletico possui a maior torcida dos clubes paranaenses. Apesar da baixa relevância no ranking, o clube tem se tornado referência em outros critérios como, por exemplo, na gestão administrativa do futebol e também na estrutura que o clube oferta para os profissionais e para a torcida, sendo válido destacar o Estádio Mário Celso Petraglia (Arena da Baixada) e o Centro de Treinamento (CT) do Caju.

### **2.1.1.1 Arena da Baixada**

Antes de elaborar sobre a sua estrutura e outros dados pertinentes ao tema, é importante, primeiro, reforçar que o estádio possui vários nomes oficiais que são utilizados em paralelo e, conseqüentemente, cada grupo de torcedor utiliza um ou mais nomes comumente, dependendo do seu interesse, do espaço e com quem está falando. O primeiro, que é o mais tradicional e ainda utilizado por alguns, é o antigo nome oficial da arena, o Estádio Joaquim Américo Guimarães<sup>32</sup>. Esse nome foi substituído, em 2024, após o Conselho

---

<sup>29</sup> A Copa Sul Americana existe desde 2002 e é organizada pela CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol). De maneira simples, ela é vista como a segunda competição internacional mais importante entre os clubes sul-americanos no continente. Já a Copa do Brasil é um dos torneios mais tradicionais dos clubes de elite do país, tendo seu início em 1989. A nível nacional, ela é reconhecida e desejada pelos clubes, pois além do valor simbólico do título, ela é a copa que oferece a maior premiação financeira da atualidade.

<sup>30</sup> Para saber mais, acesse:

<https://ge.globo.com/futebol/noticia/2024/08/21/maiores-torcidas-do-brasil-pesquisa-mostra-flamengo-na-ponta-e-palmeiras-mais-perto-do-sao-paulo.ghtml>

<sup>31</sup> Como existe essa diferença numérica entre a quantidade de torcedores entre as pesquisas, utilizei o menor valor encontrado como base, considerando os 553 mil torcedores como o mínimo de athleticanos em Curitiba.

<sup>32</sup> Ele foi o criador de um dos clubes que, posteriormente, gerou o Athletico Paranaense e idealizador do primeiro estádio do clube.

Deliberativo do clube aprovar a alteração para fazer uma homenagem ao então presidente Mário Celso Petraglia, sendo assim, o local passou a ser oficialmente chamado de Estádio Mário Celso Petraglia. Porém, essa alteração apesar de oficial, parece não ser reconhecida para os torcedores, que chamam o estádio por outros nomes. Comercialmente, o Athletico vendeu o direito de exposição e vinculação do nome de seu estádio para uma empresa, ou seja, vendeu os naming rights para a Ligga, empresa do ramo de telecomunicações, por 15 anos. Sendo assim, comercialmente e midiaticamente, o estádio se chama Ligga Arena. Apesar desta alcunha ser a mais comum nas publicações midiáticas, devido ao acordo financeiro entre as partes, o nome mais popular, e culturalmente aceito pelos torcedores, é o Arena da Baixada. A origem deste termo está intimamente ligada ao bairro onde situa-se o estádio.

No período histórico compreendido entre as décadas 1930 e 1980, o estádio Joaquim Américo, que já havia recebido o pseudônimo de “Baixada”, devido às características topográficas do bairro, não poderia ser considerado um elemento constitutivo ou, pelo menos, fundamental na identidade do torcedor atleticano em relação ao próprio clube (CAPRARO, 2004, p. 136).

Outro nome popular e que gera identificação semelhante ao último citado, é o apelido Caldeirão.

Muitos desses “gritos de guerra” passaram a se referir ou citar o amor, o valor e a importância que o Estádio representava para a torcida: “UH! Caldeirão” – referência ao Estádio que também é denominado “Caldeirão do Diabo”, devido à proximidade das arquibancadas em relação ao campo, proporcionando ao torcedor a possibilidade de pressionar as equipes adversárias e a arbitragem. “Não é mole não, nem o diabo ganha aqui no Caldeirão!” – referência à dificuldade dos adversários de vencer devido às condições do estádio. Até mesmo a exaltação direta ao estádio é visualizada nos jogos do Atlético: “Baixada! Baixada! Baixada!” (CAPRARO, 2004, p. 140).

A partir dessas cinco denominações, é possível interpretar e até mesmo pensar nos signos que cada nome evoca no torcedor. Nesta pesquisa, utilizarei com maior frequência três deles: Arena da Baixada, Ligga Arena e Caldeirão. Os dois primeiros serão utilizados majoritariamente ao fazer referência ao espaço físico, já o terceiro, Caldeirão, estará presente nas músicas, visto que o nome fala sobre um ambiente criado através das performances de culturas torcedoras.

Com o estádio situado no bairro Água Verde, a Arena da Baixada tem capacidade, segundo Machado (2024), para abrigar 42 mil pessoas em dias de jogos e 60 mil em shows, é uma referência tecnológica no país devido a sua estrutura e ao teto retrátil.

FIGURA 1 - Banner exposto na Arena da Baixada sobre o teto retrátil<sup>33</sup>



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2025)

A região, segundo o *site* especializado em vendas e alugueis de imóveis QuintoAndar (2021), é uma das mais caras de Curitiba, sendo considerada como área nobre por ter uma localização geográfica próxima ao centro.

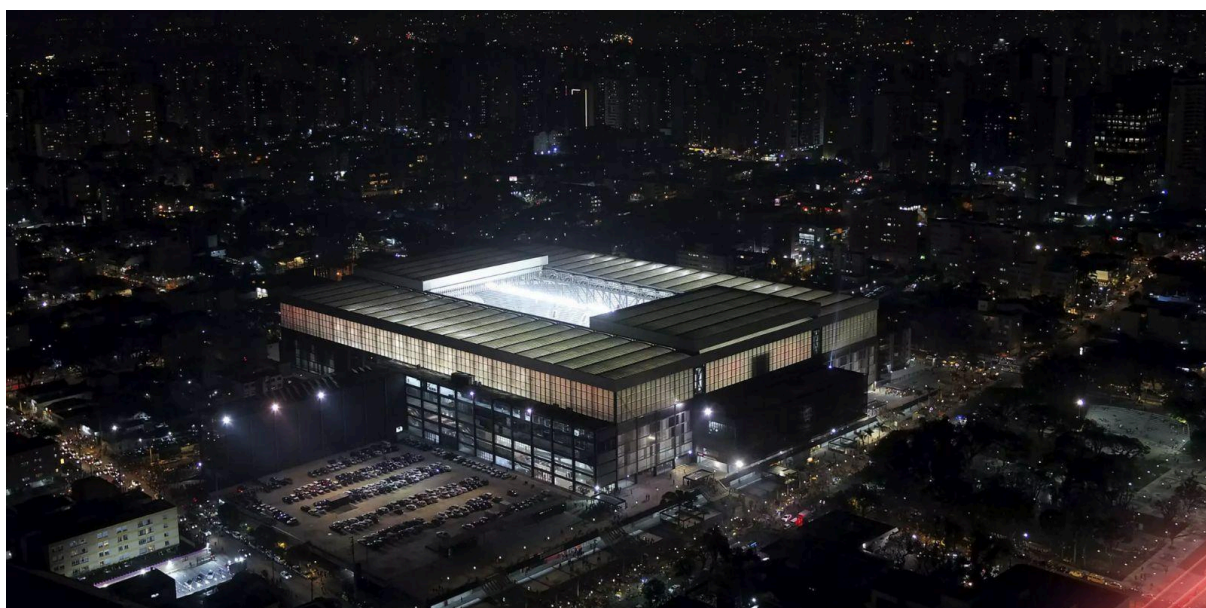
<sup>33</sup> No banner está escrito: Único estádio da América Latina com teto retrátil e na foto da arena, consta o banner, em azul, mostrando que eles foram sede de jogos da Copa do Mundo de 2014 em Curitiba.

A região – considerada um dos melhores bairros de Curitiba – possui mais de 5km de extensão, é arborizada e tem praças e áreas de lazer. Os moradores contam com diversas linhas de ônibus, incluindo expressos biarticulados, que fazem a ligação do eixo Norte-Sul da cidade. É também no bairro nobre da Água Verde que fica o famoso estádio do Athletico Paranaense, palco de grandes atividades esportivas (QUINTOANDAR, 2021).

Segundo Capraro (2004), o estádio que foi reformado no início da década de 2010 para fazer parte dos estádios sede da Copa do Mundo no Brasil de 2014, modificou uma realidade arquitetônica no futebol do país: o CAP optou por fazer a estrutura no formato arena e com a capacidade de público significativamente menor se comparado aos principais estádios brasileiros como, por exemplo, o Maracanã (Jornalista Mário Filho, no Rio de Janeiro) e o Morumbi (Cícero Pompeu de Toledo, em São Paulo).

A modernização da estrutura buscou, entre outros objetivos, preparar o clube para receber espetáculos de entretenimento de outros segmentos, oferecendo mais conforto e praticidade aos torcedores não somente em dia de jogos, mas também no dia-a-dia, ofertando no entorno do estádio uma loja oficial para venda de produtos licenciados do CAP e uma área gourmet (boulevard) onde empresas da área da alimentação alugam o espaço e comercializam comidas, bebidas e atividades de lazer como, por exemplo, show ao vivo de diversos gêneros musicais.

FIGURA 2 - Vista aérea da Arena da Baixada



FONTE: ATHLETICO PARANAENSE (2020)

Essa estrutura se tornou um fator que gera orgulho, *status* social e poder político para legitimar o Athletico como o maior time do Paraná e um dos maiores do sul do país.

### 2.1.2 Coritiba Foot Ball Club

Clube centenário, criado em 1909, o tradicional Coritiba, o Coxa como é popularmente conhecido na capital paranaense, é reconhecido como um dos principais clubes do Sul do Brasil e, em Curitiba, como uma potência futebolística, além de ser o rival mais tradicional do Athletico Paranaense<sup>34</sup>. Atualmente, possui a segunda maior torcida da capital, totalizando 26,7% da preferência por clube entre os curitibanos, ou seja, possui uma torcida de aproximadamente 473 mil torcedores. O Coxa, entre 2024 e 2025, disputou a segunda divisão do Campeonato Brasileiro e a primeira divisão do Campeonato Paranaense, onde a rivalidade se acentua por conter jogos diretos entre os times, o clássico chamado de “AtleTiba”.

Assim como o CAP, numericamente, a torcida não está entre as maiores do Brasil, mas como no caso do rival, a comunidade é bem estabelecida e reconhecida na cidade. A sua principal TO se chama Império Alviverde e protagonizam, assim como rivalizam, o cenário das torcidas junto aos Fanáticos, tanto na quantidade membros, quanto na presença nos estádios e também no campo musical. O seu estádio, o Major Antônio Couto Pereira, situado no bairro nobre Alto da Glória, possui uma estrutura antiga se comparada a Arena da Baixada, se aproximando mais do design dos grandes estádios sul-americanos. Com capacidade para 37.182 lugares, o estádio também oferece uma estrutura para eventos e shows musicais.

A rivalidade entre os clubes não se dá somente no campo e nas ruas, mas também na narrativa histórica entre os duelos.

A rivalidade teve início em 1924, e a divergência fica por conta da data do primeiro clássico. O Athletico considera que isso ocorreu no dia 20 de abril, quando venceu

---

<sup>34</sup> Para saber mais, acesse: <https://www.coritiba.com.br/artigo/11/fundacao>

por 2 a 1, pelo que era chamado Torneio Início. Já o Coritiba tem como base o dia 8 de junho: vitória alviverde por 6 a 3, pelo Campeonato Paranaense (DARIN; MARCHIORI; PIVA, 2004).

Apesar do clássico centenário não possuir a mesma repercussão midiática que os duelos realizados pelos times do eixo Rio-São Paulo, em dia de AtleTiba existe toda uma preparação por parte da gestão pública e também dos transeuntes curitibanos que conhecem o histórico violento entre as torcidas não somente nos arredores estádios, mas também nos encontros organizados por membros das TOs em alguns bairros da cidade. O clássico, é muitas das vezes, um sinônimo de guerra, de caos urbano, de jogos disputados e de excitação máxima ao que se refere ao futebol paranaense para o imaginário dos torcedores mais apaixonados.

## 2.2 O TORCEDOR ATHLETICANO

Considerando os dados já expostos, o CAP possui aproximadamente 553 mil torcedores em solo curitibano. Dentro do estádio, é possível dividir os torcedores em, ao menos, três categorias: 1) torcedores organizados, sendo a maior representação destes os membros da TO Os Fanáticos; 2) sócios-torcedores e 3) torcedores comuns. Porém, antes de entrar nas características de cada grupo, é válido realizar uma análise da comunicação de duas peças publicitárias criadas pela instituição que será útil para fomentar a discussão acerca das possíveis características que eles idealizam encontrar em seus públicos, agora também vistos como clientes, e após a descrição destes elementos, discorrerei sobre os demais grupos de torcedores tendo como base os mesmos valores, salvo alguma exceção que será destacada quando e se necessário.

### 2.2.1 O torcedor ideal ou o torcedor imaginado

O CAP promoveu no primeiro semestre de 2025, por meio de campanhas publicitárias visando a aquisição de novas receitas e fidelização de clientes, alguns valores que creditam ao torcedor athleticano. Na primeira campanha publicitária, intitulada “Eu vou voltar”, publicada em suas redes sociais e no YouTube em janeiro de 2025, o CAP divulgou uma nova promoção, chamada de “Modo Caldeirão”, para os torcedores<sup>35</sup>: por um curto período de tempo, antes do início da Série B do Campeonato Brasileiro, seria possível comprar vouchers, que posteriormente seriam trocados por ingressos válidos durante o ano corrente, no valor de R\$30 a unidade, limitado a 30 vouchers por CPF<sup>36</sup>. Uma das propostas desta campanha era incentivar o torcedor a ir ao estádio apoiar o clube na série B e também garantir uma renda dos clientes que não pagariam o preço médio dos ingressos (R\$150) em uma situação normal<sup>37</sup>. Nesta campanha, os atores contam relatos sobre como se tornaram

---

<sup>35</sup> Assista ao vídeo da primeira campanha analisada em:

[https://www.youtube.com/watch?v=lyzcluUt4I4&ab\\_channel=AthleticoParanaense](https://www.youtube.com/watch?v=lyzcluUt4I4&ab_channel=AthleticoParanaense)

<sup>36</sup> Acesse as regras da campanha: <https://modocaldeirao.com.br/>

<sup>37</sup> Considerando esse o valor do ingresso, praticado nas primeiras rodadas da série B, como o mais barato para torcedores que não são sócio do clube. Saiba mais em: <https://ge.globo.com/pr/futebol/brasileirao-serie-b/noticia/2025/04/16/ingressos-na-serie-b-confira-o-menor-e-o-maior-preco-cobrado-pelos-times-nas-primeiras-rodadas.ghtml>

torcedores do clube e como eles o apoiam. Aos 35 segundos de vídeo, um casal, heterossexual, relata que, agora com dois filhos, tiveram que abandonar o estádio após o nascimento das crianças devido a questão financeira.

Mulher: E como a nossa impossibilidade financeira acabou dificultando pra gente ser sócio, a gente arrumou outras maneiras para que a gente pudesse estar lá, sentir o calor do Athletico. De alguma forma, a gente pode não estar lá dentro fisicamente, mas o nosso coração, o nosso sentimento está lá.

Homem: Por um bom tempo foi só eu e ela, mas daí não teve como. É, a gente acabou parando de ir, sabe... porque tem que ir a família inteira junto, sabe? (CAP, 2025)

A campanha que tem o caráter de promover a garantia de ingressos a valores “acessíveis” para torcedores de menor poder aquisitivo, serviu também para reforçar uma das características dos clientes que a instituição normalmente deseja ter presente no estádio: o sócio-torcedor ou aqueles que possuem um poder aquisitivo maior para pagar os preços tradicionais dos ingressos. O clube só deseja contar com a presença de torcedores mais populares em promoções, quando o time se encontra em situações complicadas nas competições e sabe que o estádio não lotará caso não realize tais ações. Posteriormente, no mesmo vídeo, uma torcedora mais velha conta a sua história e, durante o discurso, descreve o que é ser *athleticana*:

[...] O Athletico é isso... Você sentir no sangue, na alma da gente, toda aquela vibração, porque a gente sabe do amor, da raça que tem o torcedor, que não abandona, que não esquece do time. [...] Eu sou *athleticana* e vou ser *athleticana* até o final. O time pode estar bom, o time estando ruim, a gente vai sempre estar junto com ele. Eu sempre vou querer que os estádios estejam cheios, que a nossa arena esteja cheia, que o torcedor vá, que não se afaste neste momento de Série B (CAP, 2025).

A peça publicitária, repleta de apelo emocional, narra um amor ao clube pela ótica de torcedores que não frequentam ou que deixaram de frequentar a Ligga Arena por questões financeiras. Com a campanha, eles tentaram captar esses torcedores, e suas rendas, para preencher o estádio nos jogos da segunda divisão, que, com a exceção do clássico contra o Coritiba, não costumam apresentar jogos muito atrativos e prazerosos de assistir do ponto de vista esportivo ou mesmo da rivalidade entre clubes e torcidas.

De acordo com o *site* da campanha Modo Caldeirão, os torcedores compraram 100.129 vouchers dos 600 mil disponibilizados<sup>38</sup>. Esse levantamento é útil para

<sup>38</sup> Página informativa sobre a campanha: <https://www.athletico.com.br/noticia/1-milhao-no-modo-caldeirao/>

questionarmos se o ingresso a R\$30 foi de fato acessível, ou se o CAP procurou alcançar todos os perfis de torcedores nesta promoção. Como a arena é situada na região central da cidade, um torcedor que mora em regiões periféricas gastaria no mínimo R\$12 de transporte público, se optasse por comer dentro do estádio, a alimentação não sairia por menos de R\$10. Só com esta conta básica, o valor total para se frequentar o estádio, ao morar longe dele, sairia no mínimo R\$42, sem considerar qualquer gasto com alimentação. Por mais que para uma pessoa de classe média, como é o caso deste pesquisador que vos escreve, esse valor possa não impactar diretamente na saúde financeira familiar, é possível questionarmos o impacto financeiro deste investimento em comunidades mais carentes e, se analisarmos com o discurso do vídeo e também com o valor do ingresso fora da promoção, não seria incomum concluirmos que o Athletico Paranaense não quer vincular a imagem do torcedor pobre em sua arena. Apesar de aplicar esse raciocínio à realidade do CAP, essa prática de aumentar o valor dos ingressos para afastar determinados grupos sociais dos estádios não é exclusiva do clube, visto que tem se tornado um padrão não apenas nos clubes de elite do futebol brasileiro, como de todos os principais clubes a nível mundial, sendo uma característica da influência capitalista no fenômeno que, atualmente, referenciamos como a espetacularização do futebol.

Todos os elementos da espetacularização do futebol são originários no mercado e estão envolvendo o esporte moderno. Os elementos da espetacularização são assentados sobre os mesmos elementos da dinâmica do esporte, pois a espetacularização precisa da racionalidade, porque o seu fim é econômico, mas precisa também da paixão, seja no amor pelo time ou na disputa com o adversário. O esporte moderno é lazer, é entretenimento e por isso precisa proporcionar a satisfação de desejos e necessidades não materiais, mas de sentimento e emoção. Mas também é negócio e precisa ser viável economicamente para que possa continuar existindo (PROHMANN, 2001, p. 150).

Uma segunda característica é que parte dos torcedores não tem interesse em apoiar o clube presencialmente na segunda divisão, ou seja, é possível que para uma parte da torcida só é interessante torcer se o clube estiver na primeira divisão ou em competições internacionais, onde o acesso perpassa o fato de terminar bem colocado no final dos principais campeonatos nacionais.

Em relação aos comportamentos esperados, não há menções claras. No vídeo institucional publicado, nas redes sociais e no YouTube, em comemoração aos 101 anos do CAP, o narrador faz a seguinte afirmação<sup>39</sup>:

Ninguém imaginava que resistiríamos ao tempo, às derrotas, às quedas. Que seríamos testados, desafiados, questionados. Disseram que seria impossível, provamos que não, acreditamos. Criamos um legado. Nossa camisa carrega a história de quem nunca desistiu. De quem em tempos difíceis, torceu sob o Sol e chuva porque ser Athletico não é só sobre vencer, é sobre resistir, sobre acreditar, sobre reescrever a história quando ninguém espera. E o amanhã? Se há algo que aprendemos é que enquanto houver Athletico, haverá luta. Acredite, sempre. Nosso futuro começa agora (CAP, 2025).

Através desta narrativa, é possível deduzir que o torcedor ideal deve ser resiliente, não se abalar nas derrotas e nos possíveis rebaixamentos nos campeonatos. A instituição aposta na fidelidade do cliente e crê na necessidade de que eles possuam inteligência emocional a ponto de reprimir determinados comportamentos a ponto de não se expressar, de modo que as câmeras das emissoras de televisão, do sistema de segurança do estádio, que inclui reconhecimento facial, e do policiamento não identifiquem atos infracionais que possam prejudicar o clube.

Apesar dos gestos serem moderados continuamente, as falas dos torcedores não seguem a mesma rigidez, salvo exceções as de caráter criminal, principalmente de teor racista, quando denunciadas midiaticamente. Os discursos proferidos na arena, normalmente são permitidos, independente da intenção do orador. Em minha pesquisa de campo, me deparei com um caso que exemplifica essa característica: na partida válida pela Copa do Brasil, em 2025, contra o Brusque Futebol Clube, observei atentamente o diálogo de dois senhores que estavam sentados há poucas cadeiras ao meu lado. Eles observavam o jogador colombiano Kevin Velasco do CAP, um atleta negro, que errou passes e dribles continuamente. Nos primeiros lances, eles apenas emitiram algumas reações negativas ou palavrões, após a repetição das falhas do jogador, os senhores começaram a comentar, por alguns segundos, em um tom de voz alto, mas não alto o bastante para gritar, mas era alto o suficiente para todos que estavam ao redor ouvir: “Esse cara é o Canobbio negro! Ele é o Canobbio negro!” e após as sentenças, riram<sup>40</sup>. De imediato, observei ao redor: nenhuma

---

<sup>39</sup> Assista o segundo vídeo da análise em:

[https://www.youtube.com/watch?v=jUs\\_BCI4hU&ab\\_channel=AthleticoParanaense](https://www.youtube.com/watch?v=jUs_BCI4hU&ab_channel=AthleticoParanaense)

<sup>40</sup> Agustin Canobbio é um ex-atleta uruguaio do Athletico, um homem branco, loiro e que saiu do clube no início de 2025.

reação adversa aos comentários. Os senhores foram racistas por reforçar uma característica física do atleta e associar a cor da pele às características do jogador num momento ruim, que não soube executar gestos técnicos dentro do campo? Ou eles estavam apenas comparando um jogador com o outro? Na minha interpretação, sim, houve uma fala racista e existia um protocolo para denunciá-lo. Na interpretação dos demais ouvintes, aparentemente foi apenas um comentário comum e, talvez, por isso, a cena passou despercebida. Nenhuma denúncia foi realizada e não houve repercussão midiática. Nos momentos após presenciar o ato, fiquei reflexivo sobre o que ocorreu e como não houve mobilização. Entendi que para aqueles torcedores, se eu expressasse uma reação adversa de repúdio poderia ser um erro e até mesmo perigoso. O jogo continuou, os idosos terminaram de assistir e foram embora após o encerramento da partida. Esse caso é apenas mais um dentre tantos outros que ocorrem nos estádios, e fora dele. Existem outros exemplos explícitos e midiáticos, como o episódio de racismo que o goleiro Aranha sofreu na Arena Grêmio, em 2014, ou dos cânticos homofóbicos da torcida do Corinthians no jogo contra o São Paulo, em 2023. Essas tensões, entre os comportamentos repudiáveis, proibidos, os permitidos e aqueles que no passado eram permitidos e agora, para alguns, não são mais, fazem parte do processo civilizador e estão em constante construção e em desconstrução nas sociedades.

Gritos de motivação, ofensivos ou de expressões variadas sobre alguma jogada não são mediadas por autoridades e, como normalmente não são intensos o suficiente para aparecer em uma transmissão na televisão ou no *streaming*, são tolerados e, portanto, não apresentam um alto grau de risco para a imagem da instituição, visto que o vocabulário regado de gírias e preconceitos, fazem parte da cultura dos estádios brasileiros e tais comportamentos foram parcialmente normalizados com o tempo.

A primeira e mais recorrente interação verbal ocorre entre torcedores. Além das conotações sexuais (...), os xingamentos evocam alguns outros princípios e grades classificatórias que permeiam diversos atributos observados nas sociedades complexas. Porém, o conteúdo utilizado nestas interações verbais apresenta-se de modo dinâmico e varia conforme a provocação e sua recepção, não adquirindo, *a priori*, uma configuração rígida (TOLEDO, 1993, p. 24).

A partir das análises dos vídeos é possível pensar na performance do torcedor imaginado, ou esperado, pela instituição: alguém que seja sócio-torcedor ou que pague altos valores para estar na arena e que se comporte adequadamente para não prejudicar a imagem do clube midiaticamente. Além disso, espera-se que ele apoie e continue consumindo

produtos do Athletico, independente dos resultados futebolísticos, pois entende-se que o CAP vai além do time de futebol, ele faz parte de um estilo de vida, ou sendo mais específico, torcer para o Athletico Paranaense configura um estilo de consumo próprio na cultura do torcedor curitibano e isso possui um valor simbólico, que perpassa as quatro linhas do campo, e dialoga diretamente com as identidades dos cidadãos fora da Arena da Baixada.

### 2.2.2 O sócio-torcedor

Para definir quem é o sócio-torcedor athleticano, primeiro, é necessário conhecer o atual programa do clube. Existem 3 categorias que o torcedor pode adquirir: Red, Gold e Black<sup>41</sup>. Cada plano oferece benefícios exclusivos para quem se associa e também garante descontos com empresas parceiras que fazem parte do “clube de vantagens”. A seguir listarei os preços e as principais vantagens destacadas no próprio *site*.

TABELA 1 - Planos Sócio Furacão<sup>42</sup>

<b>RED</b>	<b>GOLD</b>	<b>BLACK</b>
A partir de R\$105 por mês (R\$1260/ano)	A partir de R\$175 por mês (R\$2100/ano)	A partir de R\$405 por mês (R\$4860/ano)
Direito a voto nas eleições do clube	Direito a voto nas eleições do clube	Direito a voto nas eleições do clube
Clube de vantagens	Clube de vantagens	Clube de vantagens
Descontos na loja oficial	Descontos na loja oficial	Descontos na loja oficial
Participação em ações exclusivas	Participação em ações exclusivas	Participação em ações exclusivas
	Cadeira com nome em todos os jogos (exceto Buenos Aires inferior) <sup>43</sup>	Lounge ambientado
		Acesso exclusivo

FONTE: CLUB ATHLETICO PARANAENSE (s.d.)

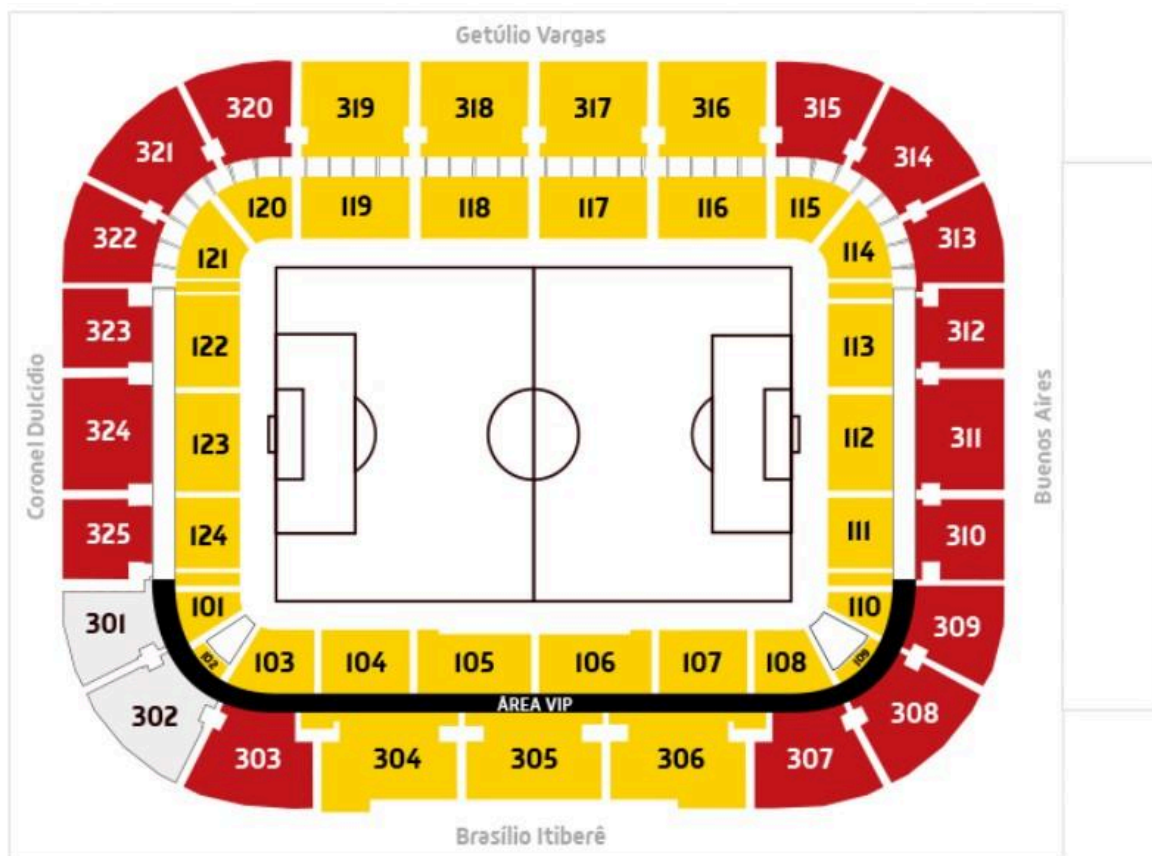
<sup>41</sup> Acesse o *site* para conhecer mais detalhes: <https://socio.athletico.com.br/>

<sup>42</sup> Crianças e idosos pagam 50% do valor de acordo com o informado no *site*.

<sup>43</sup> Setor da Torcida Organizada.

Além das vantagens destacadas, a publicação reforça os setores onde cada sócio poderá sentar em situações normais.

FIGURA 3 - Mapa das cadeiras dos Sócios-Torcedores no estádio



Confira os setores disponíveis para cada plano, e garanta seu lugar em todos os jogos oficiais do CAP.

■ Sócio Furacão Red    ■ Sócio Furacão Gold    ■ Sócio Furacão Black

FONTE: CLUB ATHLETICO PARANAENSE (s.d.)

O sócio Red, que paga o menor valor, tem direito a sentar nos setores laterais e fundos (atrás dos gols) do estádio no anel superior, onde a vista do campo é mais distante e de um ângulo não tão privilegiado quanto àqueles que sentam em setores centrais ou no anel inferior, onde a proximidade com o campo é maior. Esse sócio não tem cadeira cativa, ou seja, ele garante a presença no jogo com antecedência, fazendo o *check-in* pelo aplicativo do clube, mas ele não escolhe a cadeira onde vai sentar, apenas o setor, então a experiência dentro da arena deste sócio é muito próxima a de um torcedor não sócio, salvo a praticidade e

prioridade para adquirir um ingresso. Essa categoria de cliente pode, dentro do estádio, entrar no setor do Gold que possuem cadeiras com os nomes dos sócios da categoria, mas caso o proprietário da cadeira chegue, o cliente Red terá que ceder o lugar para evitar problemas com a segurança e também problemas administrativos.

O sócio Gold, como já dito, adquire uma cadeira fixa no ato de se associar, então ele não precisa chegar mais cedo ao estádio para procurar um bom lugar para se sentar, ele já sabe qual é o seu assento antes mesmo de decidir se vai ao jogo. Além dessa comodidade, ter o seu nome no estádio pode ser visto como uma forma de demonstrar poder, de ostentar. Outra vantagem é a possibilidade de criar pequenas comunidades entre os torcedores, pois, em teoria, eles assistirão aos jogos juntos durante o ano.

O sócio Black, o que possui o plano mais caro, tem acesso ao estádio por entradas exclusivas e também a uma área específica apenas para eles, não sendo possível outra modalidade de sócio entrar, por exemplo. Além do acesso VIP, a área oferece mais proteção e mais conforto, tendo assentos com acabamentos especiais para garantir uma melhor experiência do cliente. Existem outras vantagens administrativas, mas ao que se refere a experiência dentro da Arena da Baixada, essas são as principais diferenças observadas na prática.

A título de curiosidade, em outubro de 2024 e durante a série A do Campeonato Brasileiro, quando tentei me associar ao clube para garantir a minha entrada ao estádio e, conseqüentemente, a viabilidade da minha pesquisa de campo, o quadro de sócios estava completo, não sendo possível adquirir esses benefícios. Em janeiro de 2025, com o clube rebaixado para a série B, havia vagas nas três categorias para me associar. No mesmo ano, em maio, o Sócio Furacão Black já estava esgotado, mesmo sem alteração nos preços de um ano para o outro. Apesar de não ter acesso aos dados, é possível deduzir que houve uma grande evasão dos sócios. Os motivos podem ser diversos: a frustração com o rebaixamento, a falta de reajuste nos preços agora que o entretenimento terá uma queda de qualidade visto o nível dos campeonatos, a falta de disputa por um ingresso ou mesmo uma forma de protestar contra a diretoria que gerenciou o clube até este momento turbulento. A falta de acesso aos dados não permite uma análise minuciosa, mas tais deduções podem ser consideradas ao ler, por exemplo, os comentários nas redes sociais dos torcedores após a queda do time para a série B.

Em relação aos comportamentos e as preferências dos sócios, o estudo de Delfino (2019), baseado na pesquisa institucional do clube com os seus sócios em 2019, é um

referencial para os compreendermos com mais profundidade. Apesar das informações terem sido disponibilizadas na época, o mesmo não aconteceu quando, em 2024, solicitei o documento mais recente via assessoria de imprensa do clube. O pedido foi prontamente negado alegando ser uma questão de *compliance* e de LGPD.

Segundo a pesquisa obtida por Delfino (2019), a maioria dos sócios são homens, residentes em Curitiba e possuem ao menos uma formação de ensino superior. Além disso, quase a metade dos entrevistados preferem assistir aos jogos com seus familiares. Em relação às questões que fazem o Athletico Paranaense ser um clube único, 45% citam a torcida como elemento principal e 16% citam a estrutura, porém, ao mesmo tempo, a maioria dos votantes (64%) consideram que falta ao estádio uma melhor ambientação e que gostariam de ver a arena com mais torcedores.

Em suma, o sócio-torcedor paga para ter mais conforto e organização dentro do estádio. Ele visa ter mais segurança para desfrutar do entretenimento, ao mesmo tempo, que inibe, dependendo da categoria adquirida, a presença de torcedores organizados ou de pessoas desconhecidas ao redor de si e de suas famílias. Essa setorização do estádio, dos sócios Gold e Black, privilegia e reúne os pares de acordo com o poder aquisitivo de cada cliente, passando uma sensação de segurança e identificação através de seu poder de compra.

### 2.2.3 Torcedor Organizado: Os Fanáticos (TOF)

A história da TOF é um objeto pouco documentado, mas segundo Hansen (2007), o surgimento da TO se deu graças ao apoio institucional de dirigentes no final da década de 1970, prática comum quando analisamos a historiografia desses grupos.

Tudo começou com a iniciativa de apenas alguns jovens que, aos poucos, a organização foi se incorporando e ganhando líderes. A Torcida Organizada Os Fanáticos logo conseguiu o apoio do Clube e de alguns dirigentes da época, adquirindo bandeiras, faixas e uma charanga (HANSEN, 2007, p. 3).

Ainda sobre sua história, o *site* “furacao.com” apresenta a seguinte narrativa<sup>44</sup>:

---

<sup>44</sup> É um *site* criado por torcedores, não sendo possível identificar quem são seus criadores e suas respectivas formações acadêmicas. Sendo assim, não consigo afirmar que é uma fonte confiável, porém, foi o único material que encontrei em minha pesquisa que apresentou um relato mais detalhado sobre a história da TOF e, por causa disso, achei interessante citá-los, mesmo sabendo que não são uma fonte de muita credibilidade no momento.

A Fanáticos surgiu no final da década de 70, após a extinção do ETA (Esquadrão da Torcida Atleticana). Na época, a maior torcida atleticana era a Torcida Independente Atleticana (TIA). Marcos Mattos, Nelson Rosário, Francisco Gonzaga da Silva, Mauro de Sá Merlin, Zig e José Carlos Belotto foram pessoas importantes na história da fundação da Fanáticos. A estreia da torcida foi no dia 24 de outubro de 1977, num jogo contra o Brasília, no Estádio Couto Pereira. A primeira faixa da Fanáticos era inteira preta com o nome da torcida escrito em branco. Naquela mesma partida, coincidentemente, a Torcida Jovem também fez sua estreia, exibindo uma bandeira vermelha com o nome da torcida escrito em preto. Bastou uma rápida conversa com os componentes das facções para que a união fosse aceita. Com a junção das forças e a soma dos materiais, ali nascia a torcida que é um dos maiores orgulhos atleticanos.

No início, houve muitas dificuldades. Mas graças ao apoio de atleticanos ilustres e do próprio clube, os responsáveis pela torcida conseguiram fazer da Fanáticos a maior do sul do Brasil. A primeira charanga foi comprada em 1978 e o primeiro instrumento musical do grupo foi uma zabumba (um surdo que fica pendurado no peito), doado por um componente da escola de samba “Sapolândia”. Já a primeira camisa da Fanáticos era preta, com detalhes em vermelho e listras nos ombros, com o nome da torcida escrito nas costas. Aos poucos, mais pessoas começaram a integrar a torcida, que já nos três Atletibas da reta final do Campeonato Paranaense de 1978 ultrapassou o número de componentes da TIA (Furacao.com, s/d).

Apesar da torcida comemorar o seu aniversário com eventos e até com elaboração de músicas autorais pontuais, não encontrei no *site*, ou nas redes sociais da instituição, algum conteúdo que comunique a história ou mesmo que cite acontecimentos importantes de sua trajetória<sup>45</sup>.

Para ser um dos Fanáticos, o primeiro passo oficialmente é se associar a TO. Para efetuar a inscrição, basta ir presencialmente à secretaria da sede portando RG, CPF e comprovante de residência. Segundo a publicação na página oficial do Instagram, existem três planos, de valores distintos, que podem chegar a R\$150,00 e os benefícios incluem descontos na loja e nas caravanas, além de conseguir a carteirinha de sócio.

Em sua estrutura administrativa, existem diversos subgrupos, também conhecidos como “comandos”, que normalmente são formados por sócios moradores de uma mesma região, característica comum em outras TOs, o que pode demonstrar a diversidade dos membros e também a pluralidade de identidades dentro de uma mesma organização.

Retomando a questão dos subgrupos existentes dentro da torcida \_ os comandos \_ eles podem ser especificados por nome de vilas, bairros ou zonas, subentendidos como local de moradia do indivíduo. O nome do local de origem pode, muitas vezes, ser parte do apelido do indivíduo, acrescentando-o em sua identificação dentro do grupo. Através desses comandos, aumenta-se a identidade coletiva que

---

<sup>45</sup> O *site* oficial da TO é focado em comercializar os produtos da loja. Acesse o *site*: <https://loja.torcidaosfanaticos.com.br/>

não está somente centrada no grupo Torcida Organizada, mas também no grupo do local de moradia (HANSEN, 2007, p. 36).

As identidades do torcedor organizado estão em jogo, e em constante adaptação, dependendo do ambiente onde ele se encontra. No estádio, devidamente uniformizado ou com vestimentas que representam as cores do clube, é aconselhável que ele se reúna com os demais membros da TOF, na arquibancada do setor “Buenos Aires inferior”, onde a administração da arena preparou o setor para que eles possam performar sua cultura torcedora. Neste setor, não há cadeiras, ele é apenas uma arquibancada cimentada e ninguém, em teoria, deve assistir ao jogo sentado, seja pelo possível desconforto se comparado aos outros setores, seja pela cultura de dançar e gesticular enquanto cantam e tocam os instrumentos da bateria. Em 2024, quando o Athletico Paranaense lutava para se manter na elite do futebol brasileiro, João Azevedo, um dos líderes da TO e responsável pela bateria, desabafou na rede social Instagram ao presenciar que torcedores comuns começaram a ocupar o lugar “deles” e fez críticas aos comportamentos presenciados.

[...] De qualquer forma, Torcida Organizada é na boa e na ruim cara, pode estar “caindo o brejo”, entendeu? Torcida Organizada tem que agir o tempo todo. Outra coisa muito importante que queria falar hoje é o seguinte: a gente pode se reinventar, a gente pode tentar fazer diferente, pensar em coisas novas, mas sério... Com a galera atual no nosso setor não tem como. Não tem condições, a gente tá jogando... “chutando o balde”, tá ligado? É muita gente que não tem que estar ali. Me perdoe todo mundo. Eu respeito o direito de vocês estarem ali, liberdade, mas ali o setor da Fanáticos galera. É papo sério cara, cerca de 70% das pessoas que vão Buenos Aires inferior, hoje, não são integrantes da Fanáticos, e o Athletico é claro: o Athletico vende ali como setor da TO, setor da Fanáticos. Então ali a TOF precisa sim ditar o ritmo, ditar as regras, ditar inclusive o jeito de se torcer. É setor da TO. A partir do momento que você se organiza como Torcida Organizada, você tem que seguir a diretriz da TO. TO existe para apoio, para incentivo, para jogar junto na boa e na ruim. Cobrança também? Claro. Com certeza. Óbvio que tem que ter cobrança de Torcida Organizada, mas é apoio o tempo todo. O tempo todo incentivando o furacão<sup>46</sup>. Cara, nós estamos vivendo um momento, hoje, não só na torcida do Athletico, em todas as torcidas, em todos os estádios do Brasil, salvo algumas exceções e em alguns momentos também porque tá todo mundo passando pela mesma coisa. Um bando de “anzol” em arquibancada de estádio de futebol, entendeu? A verdade é essa. Faz o que bem entendem. Não é assim. No estádio de futebol, você tem que ir para fazer o que tem que ser feito. A liberdade acaba, sua liberdade acaba, a partir do momento que você tem uma obrigação como torcedor, entendeu? Você vai para o estádio de futebol... Não é porque você tá pagando caro que você vai fazer o que você bem entende, principalmente em setor de Torcida Organizada galera. Entendam isso, beleza? Tamo junto, vamos por mais. Vamos adiante. Eu erro todo mundo erra, mas faça parte da mudança que você quer ver na nossa torcida, beleza? Tamo junto. Uma boa tarde para todo mundo. Bom fim de semana (AZEVEDO, 2024).

---

<sup>46</sup> Apelido do Athletico Paranaense.

O relato deixa claro uma regra: se está com eles, se comporte como eles. Você faz parte de uma massa, mas existe uma conduta esperada, e cobrada, para ser um TO. Como dito pelo próprio torcedor: no estádio de futebol, você tem que ir para fazer o que tem que ser feito. A liberdade acaba, sua liberdade acaba, a partir do momento que você tem uma obrigação como torcedor (Azevedo, 2024). É preciso adaptar o seu comportamento para se entreter, e pertencer, com Os Fanáticos. Dentro da arena, é preciso cantar, é preciso dançar, comemorar e criticar quando comandado pelas lideranças. Se você quiser torcer sentado ou em silêncio, procure outro setor, ali não é para quem performa esse tipo de cultura torcedora. O apoio incondicional e de constantes movimentos performáticos, também é regrado e controlado. Excessos, como brigar ou ficar nú, são proibidos<sup>47</sup>. Fora do estádio, o comportamento esperado pode ser outro, entre eles, o ato de responder com violência a determinados estímulos. Publicamente, a TO condena tais atos, mas como dito anteriormente, existem diversos subgrupos e os motivos que levam estes indivíduos a responderem com agressões são complexos.

Para ser visto, pela população em geral, como um Fanático dentro ou fora do estádio, não precisa ser necessariamente sócio da TOF, basta performar como um membro. Dentro da conduta de um TOF, está o ato de cantar. As músicas das arquibancadas são regidas e performadas, majoritariamente, pelos Fanáticos. É a TO que detém, ou busca deter, a posse e o controle do campo sonoro do estádio, tanto para o incentivo, quanto para a crítica.

A bateria, segundo alguns associados, é o carro chefe da torcida. Para eles, sem ela é difícil mostrar o trabalho. A bateria da TOF se faz presente em todos os jogos que se realizam em Curitiba e, em algumas ocasiões, em partidas realizadas em outras cidades. A bateria só não entra no estádio quando existe algum tipo de proibição (HANSEN, 2007, p. 45).

O associado responsável por algum instrumento da bateria não recebe benefícios adicionais, como, por exemplo, gratuidade no ingresso ou um salário. Para se tornar instrumentista precisa, antes de mais nada, cumprir alguns pré-requisitos. Segundo a publicação na página oficial da bateria da TOF, no Instagram, para fazer parte do grupo de músicos, o interessado precisa:

- Honrar a camisa Rubro-Negra que só se veste por amor;

---

<sup>47</sup> Veja um exemplo em:

<https://portalleodias.com/esportes/bundalele-torcedor-do-athletico-mostra-bumbum-no-estadio-e-se-arrepende>

- (Possuir) Disposição e disponibilidade para ensaiar e colaborar com a Bateria sempre que necessário;
- Respeitar a hierarquia da torcida e seguir sua ideologia "ATLÉTICO ATÉ A MORTE!"<sup>48</sup>;
- Ser sócio em dia do Athletico e da torcida;
- Responsabilidade e zelo com os instrumentos.
- RESPEITAR PARA SER RESPEITADO! (OS FANÁTICOS BATERIA, 2024)

Os ensaios, segundo a mesma página, ocorrem todos os sábados, às 16h, exceto em dias que ocorrem jogos do CAP na arena. Como descrito, para ser um músico oficial do grupo, é preciso investir para pertencer. Segundo Hansen (2007), o principal benefício, além de aprender a tocar um instrumento e poder performar em público, é o respeito que ele conquista com seus pares.

Os performers, apesar de não terem ganhos financeiros para executar tal função, são detentores de um poder simbólico: são eles que dão vida para alguns ritos das arquibancadas. Assim como em um show dentro de um teatro, existe um público que reage aos estímulos sonoros, existe uma conexão entre a grama e o cimento onde o que dá a liga é o som da bateria e as vozes dos torcedores.

#### **2.2.4 Torcedor comum ou não organizado**

Essa categoria pertence aos grupos que não se associaram via sócio-torcedor ao CAP ou se associaram ao Os Fanáticos. Neste grupo, é possível considerar torcedores de baixa renda que frequentam o estádio conforme a disponibilidade de ingressos com valores promocionais, entusiastas e torcedores de outros times que gostam de frequentar estádios e veem a experiência da Arena da Baixada como um diferencial para assistir ao jogo com um amigo ou familiar. É em meio a este público, e aos sócios da categoria Red, que a pesquisa foi realizada, visto que os locais disponibilizados do torcedor comum são as mesmas áreas destinadas aos sócios Red.

O torcedor comum não vai ao estádio sabendo, necessariamente, da escalação do time, as músicas da TOF ou mesmo vai uniformizado com a camiseta do clube, ele vai ao jogo para se entreter ao assistir uma partida de futebol, normalmente sentado, de forma confortável, semelhante a um espectador que vai ao teatro. Porém, tais práticas não excluem

---

<sup>48</sup> Observe que o Atlético da bateria/TO se escreve sem o H, em seguida, ao mencionar o Athletico, o “de todos”, a letra H volta a aparecer.

as interações com a TO ou mesmo de performar como um torcedor mais ávido em determinados momentos do jogo, como, por exemplo, na comemoração de um gol.

Agora que os agentes foram devidamente segmentados, creio que seja de suma importância ressaltar uma característica moderna sobre torcer em meio às massas: o anonimato, ou a sensação de segurança para poder extravasar e liberar todos os sentimentos retraídos durante uma partida de futebol, tem se tornado cada vez mais raro na torcida athleticana. Você, torcedor, não é mais um de muitos, agora você é tratado e visto como um, apesar de estar entre muitos. O seu comportamento é rastreado antes mesmo de entrar no estádio e, ao passar a catraca onde o ingresso é o reconhecimento facial e/ou biométrico, seus atos passam a ser vigiados com ainda mais proximidade e detalhamento, onde o menor ato infracional será facilmente rastreável caso a instituição tenha tal interesse.

A ideia de que a torcida é uma grande massa irracional que pulsa e se movimenta nas arquibancadas por um time se dilui conforme o sistema de segurança, não somente do estádio, mas também inclui os próprios celulares dos torcedores que gravam e expõem os atos e as identidades dos agentes nas redes sociais, além das imagens televisionadas, a todo momento e em tempo real. O imaginário de um torcedor anônimo e apaixonado cede espaço, cada vez, ao torcedor com nome e sobrenome, facilmente identificável e que tem muito a perder, não apenas enquanto torcedor, mas como cidadão, pois se este for exposto em uma rede social, as consequências podem afetar o campo profissional e familiar do torcedor, diluindo assim, a ideia de que o ato de torcer “de qualquer maneira” não gerará danos às suas identidades.

Torcer, na Arena da Baixada, ainda pode ser visto como um manifesto de amor, mas com responsabilidade. A ideia de que o estádio é um espaço de liberdade do corpo e da mente, tem desaparecido. É preciso pensar nas identidades, é preciso ter cautela, mesmo entre muitos. O torcedor que comemora um gol ao seu lado pode ser o mesmo que publicará um vídeo onde irá se expor caso cometa algum crime ou mesmo torça de uma maneira diferente da habitual. Não torcer junto à TOF pode dar uma sensação de maior liberdade, mas ainda é necessário se adaptar para se adequar a cultura torcedora do setor onde você, torcedor, comprou o direito de estar.

## 2.3 GESTOS DOS TORCEDORES

Os gestos podem ser considerados um movimento no qual a liberdade se exprime “de alguma maneira” (FLUSSER, 2014, p. 28), mas na Ligga Arena, entre os torcedores não organizados, existem alguns movimentos típicos que são realizados de forma não sincronizada ou organizada, mas que costumeiramente são realizados pelos indivíduos em momentos pré-determinados. Vale ressaltar que estes gestos são realizados, segundo a teoria de Elias e Dunning (1992), com o objetivo de extravasar seus sentimentos e demonstrar a excitação em relação ao momento do jogo ou da torcida.

O primeiro gesto destacável é o do torcedor que se levanta da cadeira, leva os braços à lateral do corpo e bate palmas ritmadas à frente do corpo ou acima da cabeça, normalmente, quando a TO está performando uma música de seu agrado. Esse gesto pode ser acompanhado de uma performance vocal do torcedor, mas pode ser feito em silêncio, apenas como uma forma de tentar potencializar o som da torcida para que os jogadores possam se sentir apoiados ao mesmo tempo em que o torcedor contribui para criar uma atmosfera festiva na arquibancada.

FIGURA 4 - Palmas com os braços levantados e estendidos<sup>49</sup>



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

<sup>49</sup> Vídeo da performance enquanto cantam “Sou Caveira sim senhor”:  
[https://www.youtube.com/watch?v=dwmJkT6FNkY&ab\\_channel=FelipeCamargo](https://www.youtube.com/watch?v=dwmJkT6FNkY&ab_channel=FelipeCamargo)

FIGURA 5 - Palmas com os braços levantados e estendidos (2)



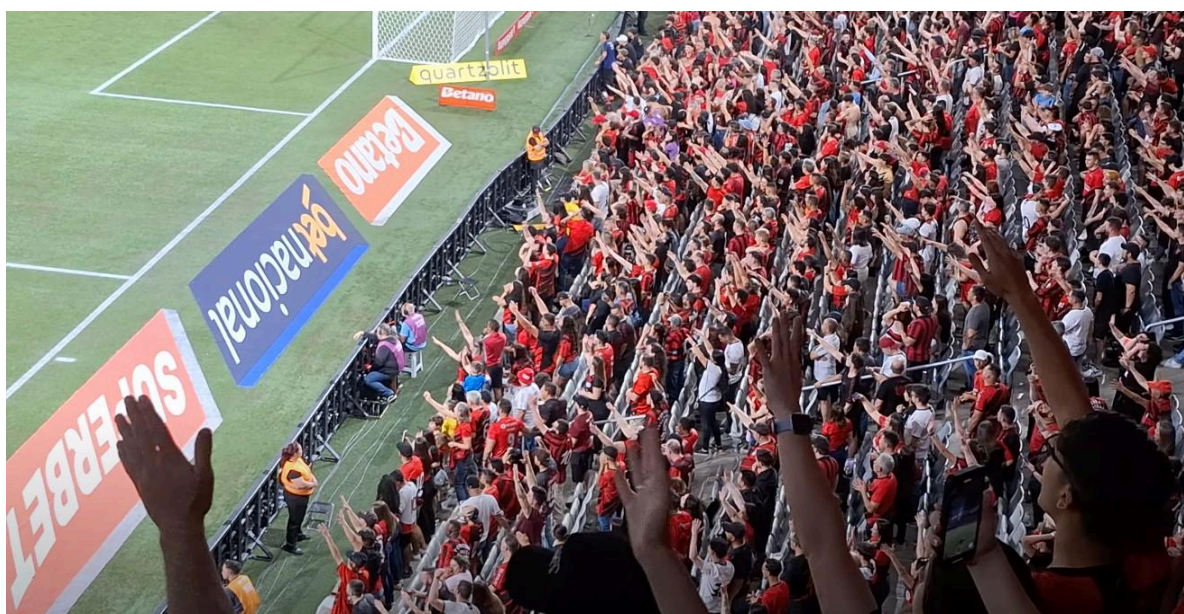
FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

O segundo gesto que está relacionado ao cantar, e ao ouvir, é o de levar pelo menos um braço à frente do corpo com a mão aberta e de forma rápida ao final da frase, como se estivesse jogando a música para frente, para dentro do campo. O gesto expressa intensidade e força, valores apreciados não somente na performance musical, como na performance dos atletas que estão no gramado.

FIGURA 6 - Braço estendido à frente do corpo quando cantam<sup>50</sup>

FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

FIGURA 7 - Braço estendido à frente do corpo quando cantam (2)



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

O terceiro ato de destaque é uma variação do gesto citado acima. Ao colocar o braço a frente do corpo, no final do verso cantado, o torcedor prolonga a última vogal e começa a

<sup>50</sup> Assista uma performance onde o gesto é performedo:  
[https://www.youtube.com/watch?v=99M\\_eBUmOO&ab\\_channel=FelipeCamargo](https://www.youtube.com/watch?v=99M_eBUmOO&ab_channel=FelipeCamargo)

tremar a mão, como se o impacto da onda sonora fosse tão forte que a parte do corpo que está à frente da boca começa a tremer.

FIGURA 8 - Mãos trêmulas enquanto se prolonga uma vogal ao cantar<sup>51</sup>



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

FIGURA 9 - Mãos trêmulas enquanto se prolonga uma vogal ao cantar (2)



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

<sup>51</sup> Vídeo da performance: [https://www.youtube.com/watch?v=HSmSH7gHXTM&ab\\_channel=FelipeCamargo](https://www.youtube.com/watch?v=HSmSH7gHXTM&ab_channel=FelipeCamargo)

O quarto gesto parece ser mais íntimo, e talvez exclusivo, aos torcedores que assistem ao jogo com um amigo, namorada (o) ou com um familiar: o ato de abraçar após um gol do CAP ou após o término de jogo quando o time vence.

FIGURA 10 - Abraços entre amigos em comemoração de gols e vitórias<sup>52</sup>



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

---

<sup>52</sup> Vídeo da comemoração das amigas:

[https://www.youtube.com/watch?v=iMAdbH0BmuQ&ab\\_channel=FelipeCamargo](https://www.youtube.com/watch?v=iMAdbH0BmuQ&ab_channel=FelipeCamargo)

FIGURA 11 - Abraços entre amigos em comemoração de gols e vitórias (2)



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

O quinto ato comum nas arquibancadas são os aplausos, que normalmente ocorrem em lances onde os jogadores criam alguma jogada plástica ou em lances de recuperação defensiva que simboliza um ato de garra e resiliência do jogador que fez a interceptação. Esses aplausos, habitualmente, são mais discretos, semelhantes a um aplauso no final de uma peça teatral, onde não importa se o espectador está em pé ou sentado, o importante é que suas palmas ressoem juntas aos demais.

FIGURA 12 - Aplausos



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

FIGURA 13 - Aplausos (2)



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

Por fim, o último gesto, e também o mais característico da torcida athleticana, é o de bater as mãos com força nas cadeiras, vidros de proteção e corrimãos para comemorar um gol de seu time. Esse ritual é coordenado pelo locutor do estádio, que após anunciar o número da camiseta do jogador que fez o gol, e quando respondido em coro pela torcida entoando o

nome do jogador, ele brada “Faz barulho Caldeirão!”. De imediato, boa parte da torcida começa a bater em qualquer objeto que esteja a seu alcance, fazendo um barulho muito alto e, na minha percepção, muitas vezes o som obtido é superior ao das vozes cantando uma música. Este ritual dura poucos segundos, seguindo a excitação de se comemorar um gol. Após o reinício da partida, o gesto é interrompido e os torcedores voltam a performar outros comportamentos.

FIGURA 14 - Bater em qualquer objeto que faça barulho após o gol<sup>53</sup>

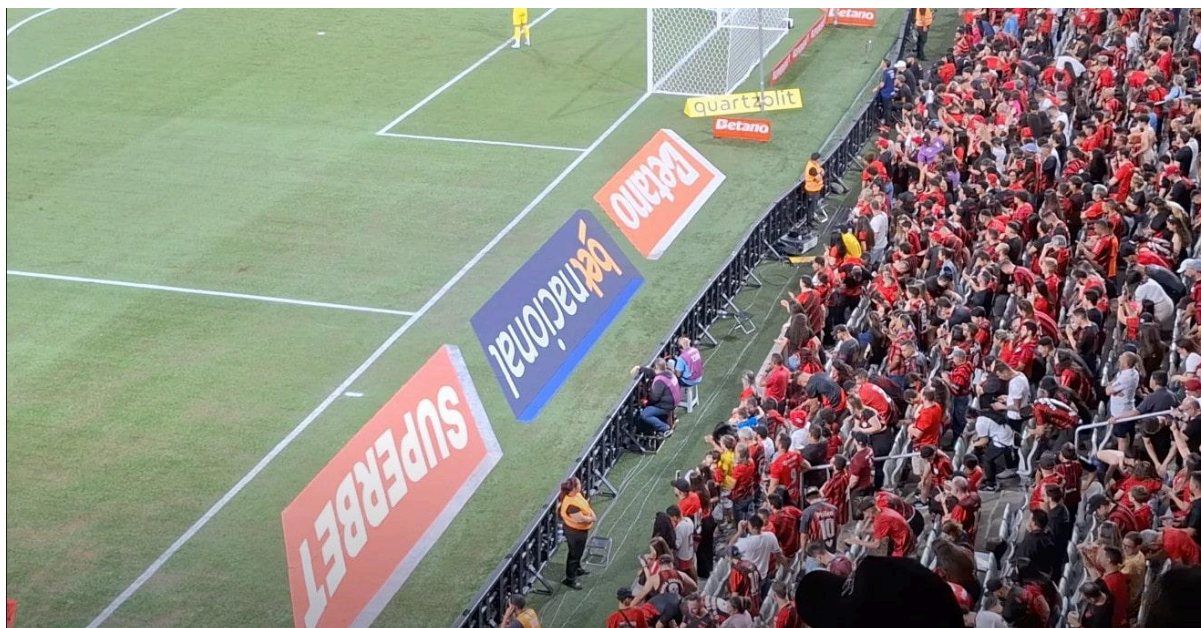


FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

---

<sup>53</sup> Vídeo do gesto: <https://youtu.be/v2DBbQAX1NO?t=45>

FIGURA 15 - Bater em qualquer objeto que faça barulho após o gol (2)



FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2024)

Os gestos identificados, como já dito, não possuem um agente organizador, com exceção do último citado, e não são exclusivos do time. Existem outras performances dentro da arena, como a TOF que possui seu próprio repertório, e pode ser que existam gestos proibidos entre os torcedores, como, por exemplo, fazer um símbolo de uma TO rival, mas não observei tais manifestações durante minha pesquisa de campo.

Com os principais grupos identificados e seus gestos característicos mapeados, é possível pensarmos sobre o próximo totem da cultura desses torcedores: a música. A canção na torcida não é apenas cantada, ela é sentida pelo corpo inteiro através da força das vozes, dos batiques da bateria, dos gestos e das danças, com ou sem o seu consentimento. A música é para ser vista, não apenas ouvida. A intensidade do prazer, ou do desconforto, é controlável até certo ponto: o torcedor pode optar por se afastar do centro das manifestações, como é o caso dos torcedores da minha pesquisa, mas não é possível não ouvir e não sentir.

A seguir, abordarei como a torcida se relaciona com a música e como, na minha perspectiva, ocorre o aprendizado musical na Arena da Baixada.

## 2.4 MÚSICAS ATHLETICANAS

As canções da torcida athleticana na Ligga Arena advém da TOF, mas essas não são as únicas músicas executadas no ambiente. Além da torcida da casa, existem as canções das torcidas visitantes, que não serão analisadas nesta pesquisa, as músicas dos bares e restaurantes do boulevard e as músicas ambientes tocadas antes do início do jogo.

### 2.4.1 Músicas da Arena da Baixada

As produções sonoras, além daquelas emitidas pelos pedestres e pelos carros, que são possíveis ouvir ao chegar na arena é oriunda, principalmente, do Boulevard da arena<sup>54</sup>. O ambiente fica na área externa do estádio e conta com aproximadamente 14 lojas, sendo a maioria estabelecimentos comerciais focados em bebidas e *fast food*. A ideia é simples: antes de entrar no estádio, se você não quiser comer os espetinhos que são vendidos em torno do estádio, você vai ao Boulevard, escolhe o barzinho ou restaurante de sua preferência para comer enquanto não começa o jogo. A estrutura do local fornece telões para assistir aos jogos caso não queira entrar e também um sistema de som que propicia que cada estabelecimento possa tocar uma música para atrair o cliente ou mesmo contratar uma banda para tocar.

No Boulevard, como as lojas são muito próximas umas das outras, as músicas nos ambientes externos se misturam, assim como os torcedores, e fica difícil ouvir com clareza. Porém, quem vai consumir um produto no local, dificilmente vai com a proposta primária de ouvir uma música no *streaming*, ele quer antes de mais nada, excitar seus sentidos para chegar preparado para o jogo. Esses conjuntos de sons, compõem o que Vedana (2010) classifica como ambiência sonora: a ambiência sonora, neste sentido, diferente do olhar distanciado da paisagem, refere-se a um contexto onde os sujeitos participam compartilhando sentidos, onde estão imersos (VEDANA, 2010, p. 8).

Sobre as músicas, os gêneros tocados são variados e não seguem uma programação fixa. As *playlists* dos *streamings* tocam um pouco de muitos gêneros: rock, eletrônico, pop, pop rock, pagode, samba, etc. Já as músicas ao vivo, das que eu presenciei e encontrei relatos nas redes sociais, são normalmente samba, pagode e rock tocados a voz e violão. A música,

---

<sup>54</sup> O boulevard é um pequeno centro comercial situado no lado exterior da arena. Para saber mais sobre os comércios que ocupam o local, acesse: <https://www.liggaarena.com/boulevard>

neste ambiente, funciona tanto como um estímulo “pré-jogo” quanto “pós-jogo” para alguns grupos de torcedores. Ela, acompanhada de bebidas e de comidas, tem como um dos efeitos, potencializar os sentimentos de alegria e excitação, assim como de amenizar a frustração pós-jogo caso o time saísse derrotado dentro de campo.

Dentro da arena, a música continua sendo uma das protagonistas do ambiente. Ela se torna presente com um volume normalmente elevado, tornando improvável que exista qualquer conversa que não seja à base de gritos enquanto os altos falantes do estádio tocam majoritariamente rock e música eletrônica. Durante o pré-jogo, existem momentos que a música compõe um espetáculo que a administração fornece para a torcida: o show de luzes acompanhado de uma versão da música *Another Brick in the Wall, part Two* da banda Pink Floyd<sup>55</sup>. Dentro da arena, a preferência do DJ, ou da administração, é por músicas estrangeiras durante o pré-jogo. Ao longo da minha pesquisa de campo, não observei a execução de nenhuma música nacional.

#### **2.4.2 Músicas da Torcida Organizada Os Fanáticos (TOF)**

Quando pensamos nas músicas de TO, normalmente associamos a um ritual feito por multidões que desejam expressar seu amor ao clube em dias de jogos e em festas desta comunidade. Por outro lado, para as vizinhanças e para os rivais que moram no entorno do estádio, a música pode estar associada a um aviso de que o local não é mais seguro para transitar devido aos mutirões de torcedores que passam marchando rumo ao evento. Não importa o contexto onde ela seja aplicada dentro de uma TO, a música se torna uma manifestação, e uma arte, de massa.

Dentro da realidade do CAP, a multidão se reúne no setor da arquibancada Buenos Aires inferior, atrás de um dos gols do Arena da Baixada, para trabalhar, festejar e impor o ritmo daquela arquibancada na tentativa de incentivar os jogadores e os demais torcedores que estão distantes do grupo organizado. Essa prática musical, ritualizada em um mesmo ambiente, que ao longo dos anos são performadas repetidas vezes, cria, segundo Vedana (2010), o que podemos entender como um território sonoro.

---

<sup>55</sup> Veja um exemplo dessa performance:

[https://www.youtube.com/watch?v=LUYcz3iYpHo&ab\\_channel=FelipeCamargo](https://www.youtube.com/watch?v=LUYcz3iYpHo&ab_channel=FelipeCamargo)

O território sonoro, portanto, caracteriza-se pela delimitação de um certo espaço a partir dos sons que lhe são peculiares, ao mesmo tempo que evoca enraizamentos temporais de práticas e sentidos. Trata-se de considerá-lo do ponto de vista do microcosmo, no interior de uma paisagem sonora de múltiplos planos, onde as sonoridades mais corriqueiras constituem-se como formas de expressão de um espaço vivido em comum, onde circulam emoções e simbolismos, e onde se inscreve a memória coletiva, onde o tempo condensa-se no espaço (VEDANA, 2010, p. 12).

Fazer música, e performar, para uma TO é um trabalho, tal qual para um artista de rua ou um maestro de uma sinfônica. Os processos, as técnicas de composição, os ensaios, as formações de grupos e de valores podem diferir entre esses trabalhadores, mas existem e são complexos. Segundo uma das lideranças da bateria da TOF, Azevedo (2025), em uma publicação na rede social X, ele revela que o trabalho vai além de tentar ensaiar um coletivo e relaciona o sócio-torcedor como parte do problema que ele visualiza dentro do estádio:

Eu me cobro dia após dia para apresentar uma evolução de arquibancada, eu estudo arquibancada, mas as coisas não dependem só de mim. O mundo mudou, as pessoas não estão nem aí pra regras e ideologias de estádio, apenas pagam o sócio e fazem o que querem (AZEVEDO, 2025).

Pensando nas composições dentro deste universo, a primeira característica encontrada nas publicações em *streamings* e em *sites* de letras e cifras é a da pouca importância dada aos compositores. Em todos os documentos encontrados na internet, os criadores das canções são anônimos, inexistentes ou utilizam um pseudônimo em comum. No caso da TOF, utilizam o “José da Silva”. O José não possui um rosto, mas possui um nome popular, assim como a TOF demonstra ser em seus pronunciamentos públicos, quando, por exemplo, vai contra o aumento do preço do ingresso feitos pela diretoria do clube<sup>56</sup>. O lugar do compositor, em um primeiro momento, parece-me ser em meio a multidão e não em um local de destaque, apesar deles. Outra possibilidade, e igualmente plausível, é pensar na possibilidade da composição coletiva desses artistas, não sendo possível identificar somente um ou dois agentes como proprietários de uma letra de uma paródia ou de uma música autoral, mas a música pode pertencer a todo o grupo que influenciou, de alguma maneira, aquela idealização.

---

<sup>56</sup> Notas de repúdio e discursos contra a diretoria e a política de preços são comuns pela TOF. Um exemplo dessas notas é essa publicação no instagram: <https://www.instagram.com/p/DF44iOHRsV2/>.

Alabarces (2015) ao estudar as origens da aclamada canção da torcida da seleção argentina “Brasil, decime qué se siente” que se tornou um hit nas redes sociais, e nos estádios durante a Copa do Mundo de 2014 e se mantém presente até a atualidade, contextualiza e dialoga com um elemento que ele observou em comum em todas as canções estudadas: apesar da possível originalidade da letra, a melodia que a acompanha, normalmente não é.

Como se sabe, embora não tenha sido extensivamente estudado na literatura disponível, todas as melodias dos cânticos de torcida são oriundas da música popular. Todos: não há exceções. Os torcedores podem se gabar de sua criatividade poética, mas não de sua criatividade melódica. Todas as melodias foram retiradas de música popular; isto é, da cultura de massa. Porque não são melodias folclóricas ou anônimas, mas sim melodias que circulam pela cultura de massa. Cada música do estádio e cada canção política provém da música popular, entendida num sentido restrito como um produto que circula pela cultura de massa. Ao mesmo tempo, a origem definitiva das letras nunca é conhecida, exceto pelas mitologias dentro dos próprios torcedores (ALABARCES, 2015, p. 49, tradução minha)<sup>57</sup>.

Esse processo de adaptação das músicas para as realidades das comunidades, ou para alguns, o processo de cópia, é abrangente e o debate em torno do tema não será aprofundado nesta pesquisa, porém, acredito que a adaptação faça parte de um debate mais amplo, o da intermusicalidade. Domínguez (2011), que estudou algumas versões de músicas, e suas apropriações, ao longo do Rio de la Plata, na América Latina, pontua que o ato de criar uma canção em cima de outra já existente transcende a cópia e pode se tornar uma composição original, que rompe barreiras nacionais e possibilita que diversas comunidades criem novas relações com a canção.

Penso que essa reflexão em torno das versões e do fenômeno da intermusicalidade, subsidiada por um conceito interpretativo de apropriação, nos permite distanciar daqueles discursos que necessariamente associam apropriação a noções de propriedade e ao paradigma produtivo que iguala autoria-originalidade-propriedade, deslegitimando aquelas práticas que retomam o que outros já haviam retomado anteriormente. As sucessivas versões, evidentemente, não conduzem a uma espécie de homogeneização musical, cultural ou social, como enfatizam alguns discursos que se referem à mestiçagem, sincretismo ou hibridismo. Ao contrário, elas contribuem para a elaboração de diferenças de distintos tipos. Lembremos que, se concebemos as versões como apropriação, estamos necessariamente falando de uma

---

<sup>57</sup> “Como es sabido, aunque no ha sido muy trabajado por la bibliografía disponible, en los cânticos de hinchada todas las melodías proceden de la música popular. Todas: no hay ninguna excepción. Las hinchadas pueden jactarse de su creatividad poética pero no de su creatividad melódica. Todas las melodías han sido tomadas de la música popular; es decir, de la cultura de masas. Porque no se trata de melodías folclóricas o anónimas, sino de melodías que circulan por la cultura de masas. Toda canción de cancha y toda canción política procede de la música popular, entendiendo ésta en un sentido restringido como producto que circula por la cultura de masas. Al mismo tiempo, de las letras nunca se conoce el origen definido, salvo mitologías internas a las propias hinchadas” (ALABARCES, 2015, p. 7).

forma de composição que exige transformação. Através dos arranjos elaborados, podem-se destacar diferenças – estéticas e sociais – entre o intérprete atual e o anterior. No Rio de la Plata, a apropriação de canções uruguaias para versioná-las segundo as prescrições genéricas de formas identificadas como argentinas é uma forma de reelaborar o contraste formal e de sentido que existe entre as sonoridades que distinguem os dois países. Nesse âmbito, versionar canções preexistentes é uma forma de transformar-se em integrante de uma comunidade de intérpretes que, no caso do Rio de la Plata, transcende o limite internacional ao mesmo tempo em que reconhece e recria as diferenças nacionais que dividem a região (DOMÍNGUEZ, 2011, p. 16, tradução minha)<sup>58</sup>.

As criações de novas versões por diferentes torcidas nos permitem pensar em outra característica importante desta comunidade: a música é circular. Se, no início do futebol no Brasil as torcidas importavam canções de grupos musicais de outros países através das tecnologias e informações vigentes da época, agora, com o advento da internet e, principalmente, das plataformas de *streamings* e redes sociais, o caminho se tornou mais curto: para se inspirar em uma versão de outro time, bastam poucos cliques para encontrar uma torcida, antes distante, cantando em seus fones de ouvido. A praticidade e a velocidade de circular uma música de torcida para a outra, torna a tentativa de criar uma linha do tempo dessas conexões uma tarefa quase impossível de se rastrear com precisão, ainda mais em um grupo onde a cultura do ensino oral ainda é predominante, como será exposto ainda neste tópico.

Como um dos diversos exemplos de circulação da música, cito uma versão criada pela TO Guarda Popular, do Sport Club Internacional, do Rio Grande do Sul, da obra *Seven Nation Army*, da banda estadunidense “The White Stripes”, lançada em 2003, que compõe o álbum “Elephant”<sup>59</sup>. A canção norte-americana, por sua vez, é inspirada na sinfonia nº 5 de

---

<sup>58</sup> Pienso que esta reflexión en torno de las versiones y del fenómeno de la intermusicalidad, subsidiada por un concepto interpretativo de apropiación, nos permite distanciarnos de aquellos discursos que necesariamente asocian apropiación a nociones de propiedad y al paradigma productivo que iguala autoría-originalidad-propiedad, deslegitimando aquellas prácticas que retoman lo que otros ya retomaron anteriormente. Las sucesivas versiones, evidentemente, no conducen a una especie de homogeneización musical, cultural o social como enfatizan algunos discursos que refieren al mestizaje, sincretismo o hibridismo. Al contrario, ellas contribuyen para la elaboración de diferencias de distinto tipo. Recordemos que si concebimos a las versiones como apropiación estamos necesariamente hablando de una forma de composición que exige transformación. A través de los arreglos elaborados pueden remarcarse diferencias – estéticas y sociales – entre el intérprete actual y el anterior. En el Rio de la Plata la apropiación de canciones uruguayas para versionarlas según las prescripciones genéricas de formas identificadas como argentinas es una forma de reelaborar el contraste formal y de sentido que existe entre las sonoridades que distinguen a los dos países. En ese ámbito, versionar canciones preexistentes es una forma de transformarse en integrante de una comunidad de intérpretes que, en el caso del Rio de la Plata, trasciende el límite internacional al mismo tiempo en que reconoce y recrea las diferencias nacionales que dividen la región (DOMÍNGUEZ, 2011, p. 16).

<sup>59</sup> Assista ao clipe: [https://www.youtube.com/watch?v=0J2QdDbelmY&ab\\_channel=TheWhiteStripes](https://www.youtube.com/watch?v=0J2QdDbelmY&ab_channel=TheWhiteStripes)

Anton Bruckner<sup>60</sup>. Já a versão gaúcha, intitulada “Mais que um vício”, ressignifica a letra e cria novos versos, além de substituírem os instrumentos por aqueles que tinham à disposição e a devida liberação legal para portar dentro do estádio. A performance em questão foi realizada pela bateria da TO que, no vídeo analisado, integra instrumentos de percussão e de sopro da família dos metais e foi cantada por um coro de torcedores em meio a arquibancada<sup>61</sup>.

Muito mais que um vício,  
Muito mais que amor.  
Não é o putto do grêmio,  
É o Rolo Compressor! (Guarda Popular, s.d.)

Essa mesma canção, do The White Stripes, serviu de inspiração para a versão intitulada “Nunca fui rebaixado (não alugo estádio)” que também é conhecida como “Sou, sou Tricolor”, da TO Tricolor Independente (TTI), do São Paulo Futebol Clube<sup>62</sup>.

Tenho Libertadores  
Não alugo estádio  
Sou hexa brasileiro  
Nunca fui rebaixado  
Sou, eu sou Tricolor  
Sou, eu sou Tricolor  
Sou, eu sou Tricolor  
Sou, eu sou Tricolor  
Sou, eu sou Tricolor  
Tenho Libertadores  
Não alugo estádio  
Sou hexa brasileiro  
Nunca fui rebaixado  
Sou, eu sou Tricolor  
Sou, eu sou Tricolor  
Sou, eu sou Tricolor  
Sou, eu sou Tricolor (TTI, s.d.).

Essa última versão, por sua vez, inspirou uma música autoral, versão funk, do MC, e torcedor do tricolor paulista, Davi (2023), com o nome de “Tenho Libertadores, não alugo estádio”, um dos versos da canção original da TTI<sup>63</sup>.

<sup>60</sup> A música norte-americana é fruto da influência direta da 5ª sinfonia de Anton Bruckner, compositor austríaco de música erudita do século XIX. Assista o trecho que inspirou a banda na composição de Seven Nation Army: [https://www.youtube.com/watch?v=iOTzCgMxy\\_o&list=RDiOTzCgMxy\\_o&start\\_radio=1&t=280s](https://www.youtube.com/watch?v=iOTzCgMxy_o&list=RDiOTzCgMxy_o&start_radio=1&t=280s)

<sup>61</sup> Assista a performance: [https://www.youtube.com/watch?v=cMSU399qElg&ab\\_channel=CanchaColorada](https://www.youtube.com/watch?v=cMSU399qElg&ab_channel=CanchaColorada)

<sup>62</sup> Assista a performance: [https://www.youtube.com/watch?v=uyFnTiPahJE&ab\\_channel=VlogSouTricolor](https://www.youtube.com/watch?v=uyFnTiPahJE&ab_channel=VlogSouTricolor)

<sup>63</sup> Assista ao clipe: [https://www.youtube.com/watch?v=n-Aqwr2msUA&ab\\_channel=GODOYEXPLODEFUNK](https://www.youtube.com/watch?v=n-Aqwr2msUA&ab_channel=GODOYEXPLODEFUNK)

Um grande salve os tricolor tão por aí  
 Domingão tem jogo nós vai fazer o fuzuê  
 Se não tiver ingresso, nós não age no regresso  
 Se é de longe ou se é de perto, São Paulo até morrer  
 Pode tá chuvoso, posso tá no sufoco  
 A casa vai tá lotada, aqui nós faz acontecer  
 Bateria só louco, faz cantar e ficar rouco  
 Que eu não alugo estádio e nem fui série B  
 Tenho Libertadores  
 Não alugo estádio  
 Sou Hexa brasileiro  
 Nunca fui rebaixado  
 Tri Mundial tricolor não é pra qualquer um  
 Vermelho, branco e preto partido pra zona sul  
 O estado de São Paulo e o estádio do São Paulo  
 Então tá tudo tomado, torcida que conduz  
 Tenho Libertadores  
 Não alugo estádio  
 Sou Hexa brasileiro  
 Nunca fui rebaixado  
 Tenho Libertadores  
 Não alugo estádio (MC DAVI, 2023).

De The White Stripes, ou de Anton Bruckner, à MC Davi, mudou tudo: letra, melodia, ritmo, gênero, etc. Entretanto existe uma conexão direta, por meio da circulação da canção por uma TO, que propiciou novas interpretações e nos possibilita entendermos o alcance, e o impacto, das adaptações das canções em comunidades, que possivelmente não conhecem uma das principais influências das canções.

Outro ponto importante, e que dificulta o mapeamento das canções, é, assim como na busca por autores, a busca por um consenso dos nomes das canções. Como as músicas são distribuídas na internet por diversos agentes, podendo ser um diretor de TO ou um torcedor comum, em algumas canções não há um consenso sobre o nome no lançamento, pois isso, a princípio, também não é um fator relevante. Relevante, para eles, é saber cantar corretamente quando preciso. E saber cantar, é outra característica complexa que permeia a cultura torcedora.

O ato de cantar bem, para um torcedor, não tem relação direta com os critérios técnicos de um cantor profissional. Os interesses e os valores são distintos. Um torcedor não precisa ser afinado e, por vezes, não precisa nem seguir o ritmo fielmente, pois dentro do estádio, ele integra uma voz entre centenas num coro amador. O torcedor não precisa saber ler partituras e nem ter grandes referências musicais sobre as origens da obra que ele está cantando. Para cantar bem, em uma TO, é preciso cantar alto, forte e saber dançar. Como já dito anteriormente, existe um direcionamento e uma cobrança para unir voz e corpo na massa

da Buenos Aires inferior. Os naipes das vozes não importam. A atitude de estar entre eles e cantar como eles desejam é mais valiosa, a princípio, que o seu conhecimento técnico sobre o cantar. O grande coro inclui todos que estão dispostos a performar na massa, pela massa e pelo Club Athletico Paranaense. Homens, mulheres, crianças, adolescentes e idosos.

A partir da lógica exposta, a TOF criou mecanismos de incentivar a participação de novos torcedores na bateria e de ensinar música para estes interessados. Existe, há anos, uma escola de música da Bateria, sendo este um local de ensino musical informal, onde são realizados os ensaios para aprimoramento e adaptações das performances. Além dos ensaios, também são disponibilizadas, esporadicamente, gravações das canções, executadas por torcedores ou, supostamente, por inteligência artificial, e posteriormente são publicadas nas plataformas de *streamings*, como o Spotify<sup>64</sup>. Um exemplo desse tipo de produção é o álbum, publicado no canal oficial da TO em 2024, com gravações mistas: algumas músicas cantadas e tocadas por IA e outras por torcedores<sup>65</sup>.

Este último processo de difusão das canções, mais moderno e prático para alguns públicos que tem o costume de utilizar a internet como um meio de adquirir conhecimento, é uma das tentativas de não apenas divulgar a arte da TOF, mas também de apresentar, angariar e engajar novos membros nessa cultura torcedora que tem a música como um de seus pilares estruturais. Apesar da iniciativa de tornar o conteúdo mais acessível, a forma mais tradicional, e talvez efetiva, ainda seja de transmitir a cultura de forma oral, dentro da arena. O estádio, além de ser um local seguro para sediar a performance, oferece aos torcedores uma chance única: não é possível não ouvir, e não se familiarizar com as músicas conforme as repetições ocorrem durante todo o jogo. O estádio, além de uma estrutura que oferece entretenimento, é um espaço de poder e de transmissão de conhecimento de massa de uma TO para todos os agentes que trabalham ou ocupam um assento nas arquibancadas.

Ao pensar nas canções da TOF, existe uma, em especial, que simboliza uma das identidades da TO, a música “Atirei o pau nos coxa<sup>66</sup>”.

Atirei o pau nos coxas  
E mandei tomar no cu

---

<sup>64</sup> É possível que a TOF não tenha utilizado IA na composição das performances, mas as faixas gravadas apresentam características comuns às criações de IAs em 2024. Por falta de fontes para comprovar tal afirmação, manterei como uma suposição, mas trabalharei o texto sobre este álbum considerando o uso da inteligência artificial.

<sup>65</sup> Escute o álbum na íntegra: <https://open.spotify.com/album/7fs6DFqlPcD936PV5ar9Mo>

<sup>66</sup> Escute na íntegra: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3gqqxnVBWHTjjY7W6VE9I0?si=9c0086c1e5364493>

Coxarada filha da puta  
 Chupa rola e da o cu  
 Hey! Coxa! Vai tomar no cu  
 A galera rubro-negra dá porrada bangu  
 Vem vem vem  
 Vem vem vem  
 A galera rubro-negra dá porrada bangu (TOF, s.d.).

A música, composta por nove versos, tem a melodia da música *Another brick in the wall, part Two*, da banda de rock inglesa Pink Floyd e ressalta o poder simbólico que a TOF crê que o clube, e a comunidade, possui em relação aos rival alviverde, o Coritiba. A referência da música inglesa, talvez seja uma das poucas músicas onde a TOF se alinha com os interesses da administração da Ligga Arena, visto que a equipe responsável pelo som do estádio também tem a sua própria versão de *Another brick in the wall, part Two* para entreter seus clientes.

We don't need no education  
 We don't need no thought control  
 No dark sarcasm in the classroom  
 Teacher, leave them kids alone  
 Hey! Teacher! Leave them kids alone!  
 All in all, it's just another brick in the wall  
 All in all, you're just another brick in the wall  
 We don't need no education  
 We don't need no thought control  
 No dark sarcasm in the classroom  
 Teachers, leave them kids alone  
 Hey! Teacher! Leave us kids alone!  
 All in all, you're just another brick in the wall  
 All in all, you're just another brick in the wall  
 Wrong, do it again!  
 Wrong, do it again!  
 If you don't eat your meat  
 You can't have any pudding!  
 How can you have any pudding  
 If you don't eat your meat?  
 You! Yes!  
 You, behind the bike sheds!  
 Stand still, laddie (WATERS, 1979)<sup>67</sup>.

A letra de “Atirei o pau no coxa” não apresenta grandes novidades, pois outras torcidas também possuem canções com letras provocativas e preconceituosas, mas o que a faz ser especial, para esta pesquisa, são os momentos onde ela é performada: em todos os jogos,

---

<sup>67</sup>Assista ao clipe na íntegra: [https://www.youtube.com/watch?v=HrxX9TBj2zY&ab\\_channel=PinkFloyd](https://www.youtube.com/watch?v=HrxX9TBj2zY&ab_channel=PinkFloyd)

independentemente do adversário e do resultado<sup>68</sup>. Provocar e ofender o rival é, além de um ritual desta comunidade, um modo de posicionar o clube como protagonista da cidade. Se posicionar como uma torcida municipal, limitada demograficamente, como podemos constatar na pesquisa de sócio-torcedor obtida por Delfino (2019), é evocar, semanalmente, uma das crenças fundamentais da comunidade: nós somos melhores que o Coxa. A TOF, ou o Athletico, podem não ser o maior do Brasil ou da região sul do país, eles só não podem ser piores que o rival da cidade. Essa percepção da torcida se mantém, mesmo considerando que o CAP, hoje, um time cuja influência e renome, ultrapassou os limites do país e se tornou internacional enquanto instituição no cenário sul-americano a partir dos títulos conquistados na última década.

Num mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, as velhas certezas e hierarquias da identidade britânica têm sido postas em questão. Num país que é agora um repositório de culturas africanas e asiáticas, o sentimento do que significa ser britânico nunca mais pode ter a mesma velha confiança e certeza. O que significa ser europeu, num continente colorido não apenas pelas culturas de suas antigas colônias, mas também pelas culturas americanas e agora pelas japonesas? (HALL, 2006, p. 84)

A partir desta análise, é possível identificar que o pertencimento, e que parte da existência da TOF ainda está enraizado na identidade do torcedor local, do time da cidade e nada representa melhor esse fenômeno do que a sua própria música. A canção, apesar de sua letra preconceituosa e violenta, perdura no estádio e resiste às mudanças de comportamentos nas arquibancadas. De um extremo ao outro da arena, o som é familiar e é reproduzido por muitos torcedores, sendo, possivelmente, a maior performance realizada pela torcida em relação a uma música autoral de TO.

### 2.4.3 Categorização das músicas da TO “Os Fanáticos”

Antes de iniciar o estudo de campo, fez-se necessário pesquisar as músicas da torcida organizada em *sites* e em plataformas de *streaming* com os objetivos de ter um primeiro contato com as composições, para mapear os conteúdos musicais que a TO pública

---

<sup>68</sup>Assista a gravação de campo, feita em 2024, nos jogos contra dois times mineiros: Cruzeiro e Atlético Mineiro: [https://www.youtube.com/watch?v=99M\\_eBUmQQ&ab\\_channel=FelipeCamargo](https://www.youtube.com/watch?v=99M_eBUmQQ&ab_channel=FelipeCamargo) e [https://www.youtube.com/watch?v=sbr2E8SWBhk&ab\\_channel=FelipeCamargo](https://www.youtube.com/watch?v=sbr2E8SWBhk&ab_channel=FelipeCamargo)

de forma oficial, para verificar se existem canções não listadas nas *playlists* oficiais e se existem músicas publicadas por possíveis torcedores que não são oficiais ou mesmo atribuídas a TOF.

Para esse estudo, utilizei plataformas de acesso popular como o YouTube, o *site* Letras.mus.br, o Spotify e as redes sociais: Instagram, Facebook e X (antigo Twitter). Durante a pesquisa, encontrei uma ampla variedade de páginas nas redes sociais e canais no YouTube com o nome fazendo referência à Torcida Organizada, dessa forma, não foi possível reunir com precisão as mídias oficiais devido ao alto número de *fanpages*, porém existe um canal centralizador/acervo das canções da TO no Spotify. Será através do canal “Os Fanáticos” que iniciarei a listagem, considerando, nesse primeiro momento, somente as músicas publicadas no canal como as representantes oficiais da Organizada na atualidade. Em um segundo momento, utilizarei as letras publicadas no *site* Letras.mus.br para compor o acervo da TOF.

Em relação à categorização das músicas, faço uso da estrutura que Toledo (1993) criou, onde ele propôs quatro categorias das canções: 1) música de incentivo ao clube ou para um jogador; 2) músicas de protestos; 3) músicas intimidadoras e 4) músicas de autoafirmação.

Destacarei, na tabela a seguir, uma interpretação sobre a categoria a qual cada música listada pertence, considerando exclusivamente a letra de cada obra. Portanto, não haverá outro critério técnico de uma análise musical, pois o interesse, neste momento, é de apenas mapear a estrutura da comunicação verbal de uma TO dentro do contexto musical<sup>69</sup>.

TABELA 2 - Músicas publicadas no Spotify<sup>70</sup>

<b>Música</b>	<b>Compositor</b>	<b>Performance / Reprodução</b>	<b>Letra</b>	<b>Categoria</b>
Festa na Baixada	José da Silva	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/4jCTNQOD6iS4gYdlagDAXj?si=5e8559a4">https://open.spotify.com/intl-pt/track/4jCTNQOD6iS4gYdlagDAXj?si=5e8559a4</a>	<a href="https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos">https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos</a>	Incentivo

<sup>69</sup> É possível que uma obra pertença a duas ou mais categorias, porém, destacarei apenas a característica mais presente no texto, visto que essa análise busca, neste primeiro momento, apenas segmentar as canções em subgrupos para tentar elucidar um pouco mais sobre as necessidades e os ritos que compõem a cultura torcedora da TOF.

<sup>70</sup> A ordem das músicas na tabela seguirá a mesma sequência da *playlist*. Para ter acesso na íntegra, acesse: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/1UekdcEng0gsCoCHJ9jCii?si=jAK0qjUCSVioDFJiO4d-w>

		<a href="#">2d294e14</a>	<a href="#">aticos/678487/</a>	
Hino Athletico Paranaense	José da Silva <sup>71</sup>	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/0GVc8LEddmDYBxSCJj5QsJ?si=5561372e60964715">https://open.spotify.com/intl-pt/track/0GVc8LEddmDYBxSCJj5QsJ?si=5561372e60964715</a>	<a href="https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1250255/">https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1250255/</a>	Incentivo
Se tá com medo trata de fugir	José da Silva	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/0wxe7IvVfWpJssarWWdze6?si=0d876d64d53c4fb8">https://open.spotify.com/intl-pt/track/0wxe7IvVfWpJssarWWdze6?si=0d876d64d53c4fb8</a>	<a href="https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802847/">https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802847/</a>	Intimidador
Da porrada pra valer	José da Silva	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/0ZpIIZMc6jCNTurVeIZPX0?si=37849477d80f4c11">https://open.spotify.com/intl-pt/track/0ZpIIZMc6jCNTurVeIZPX0?si=37849477d80f4c11</a>	<a href="https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1884396/">https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1884396/</a>	Intimidador
Atirei o pau nos Coxa	José da Silva	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/3gqqxnVBWHTjjY7W6VE9I0?si=9c0086c1e5364493">https://open.spotify.com/intl-pt/track/3gqqxnVBWHTjjY7W6VE9I0?si=9c0086c1e5364493</a>	<a href="https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1250312/">https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1250312/</a>	Intimidador
O meu sangue é rubro negro	José da Silva	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/17bbRmtnOQwZmGAk3EsQd9?si=baecaa6f2d074424">https://open.spotify.com/intl-pt/track/17bbRmtnOQwZmGAk3EsQd9?si=baecaa6f2d074424</a>	<a href="https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802844/">https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802844/</a>	Incentivo
Acabou a paz	José da Silva	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/">https://open.spotify.com/intl-pt/track/</a>	<a href="https://www.lettras.mus.br/">https://www.lettras.mus.br/</a>	Intimidador

<sup>71</sup> Compositor oficial: Zinder Lins. Fonte:

<https://ge.globo.com/pr/futebol/times/athletico-pr/especial/2024/03/01/c-hino-do-athletico-veja-letra-origem-e-historia-da-musica.ghtml>

		<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/57dL7EVECTiaPpV45aih00?si=b9d8e41f5cab4f59">ack/57dL7EVECTiaPpV45aih00?si=b9d8e41f5cab4f59</a>	<a href="https://www.letras.us.br/torcida-organizada-os-fanaticos/286088/">us.br/torcida-organizada-os-fanaticos/286088/</a>	
E aí Duende (Z/O)	José da Silva	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/2cFPDyB62CdaKeEvvYa2Vp?si=92ed4ca568944df5">https://open.spotify.com/intl-pt/track/2cFPDyB62CdaKeEvvYa2Vp?si=92ed4ca568944df5</a>	<a href="https://www.letras.us.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1672163/">https://www.letras.us.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1672163/</a>	Autoafirmação
Eu sou Caveira	José da Silva	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/3GisRb2saoYH1PJolVOSPh?si=69ebfbee074649a4">https://open.spotify.com/intl-pt/track/3GisRb2saoYH1PJolVOSPh?si=69ebfbee074649a4</a>	<a href="https://www.letras.us.br/torcida-organizada-os-fanaticos/eu-sou-caveira/">https://www.letras.us.br/torcida-organizada-os-fanaticos/eu-sou-caveira/</a>	Incentivo
Bem vindo ao Caldeirão	José da Silva	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/0ZCIndXJLuKPIj1F45MBU3?si=f40651b8211744cb">https://open.spotify.com/intl-pt/track/0ZCIndXJLuKPIj1F45MBU3?si=f40651b8211744cb</a>	<a href="https://www.letras.us.br/torcida-organizada-os-fanaticos/bem-vindo-ao-caldeirao/">https://www.letras.us.br/torcida-organizada-os-fanaticos/bem-vindo-ao-caldeirao/</a>	Incentivo

FONTE: SPOTIFY (2025)

TABELA 3 - Letras das músicas publicadas no *site* Letras.mus

<b>Música</b>	<b>Compositor</b>	<b>Performance / Reprodução</b>	<b>Letra</b>	<b>Categoria</b>
A Coxarada Se Calou	Desconhecido	<a href="https://www.instagram.com/athleticoreels/reel/C3fjMgVMmTA/">https://www.instagram.com/athleticoreels/reel/C3fjMgVMmTA/</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1671226/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1671226/</a>	Autoafirmação
Acabou a paz	Desconhecido	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/57dL7EVECTiaPpV45aih00?si=b9">https://open.spotify.com/intl-pt/track/57dL7EVECTiaPpV45aih00?si=b9</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/28608">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/28608</a>	Intimidador

		<a href="#">d8e41f5cab4f59</a>	<a href="#">8/</a>	
Alala ô	Desconhecido	Desconhecido	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/678479/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/678479/</a>	Incentivo
Atirei o Pau Nos Coxa!	Desconhecido	<a href="https://youtu.be/sbr2E8SWBhk">https://youtu.be/sbr2E8SWBhk</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1250312/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1250312/</a>	Intimidador
Atléticoooooo	Desconhecido	<a href="https://youtu.be/JJ6ckEnS13Q">https://youtu.be/JJ6ckEnS13Q</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/678480/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/678480/</a>	Incentivo
Bem-vindo Ao Caldeirão	Desconhecido	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/0ZCIndXJLuKPIj1F45MBU3?si=ee2546210a7e4a21">https://open.spotify.com/intl-pt/track/0ZCIndXJLuKPIj1F45MBU3?si=ee2546210a7e4a21</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/bem-vindo-ao-caldeirao/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/bem-vindo-ao-caldeirao/</a>	Incentivo
Cada Vez Te Quero Mais	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=DaNA5thFnA4&amp;t=1s&amp;ab_channel=OakleyCwb">https://www.youtube.com/watch?v=DaNA5thFnA4&amp;t=1s&amp;ab_channel=OakleyCwb</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1218940/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1218940/</a>	Incentivo
Contigo sempre estarei	Desconhecido	Desconhecido	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1228372/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1228372/</a>	Incentivo
Dá Porrada Pra Valer	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=vNy1JnUOeiA&amp;t=37s&amp;ab_channel=OsFan%C3%A1ticos-Topic">https://www.youtube.com/watch?v=vNy1JnUOeiA&amp;t=37s&amp;ab_channel=OsFan%C3%A1ticos-Topic</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1884396/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1884396/</a>	Autoafirmação
Diabo	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=IyEBEXBz5Xw&amp;t">https://www.youtube.com/watch?v=IyEBEXBz5Xw&amp;t</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-</a>	Incentivo

		<a href="https://www.youtube.com/channel/OSFANATICOSO-FICIAL">=5s&amp;ab_channel=OSFANATICOSO-FICIAL</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/678481/">fanaticos/678481/</a>	
E aí Duende (Z/O)	Desconhecido	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/2cFPDyB62CdaKeEvvYa2Vp?si=20085d12a5ab42d0">https://open.spotify.com/intl-pt/track/2cFPDyB62CdaKeEvvYa2Vp?si=20085d12a5ab42d0</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1672163/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1672163/</a>	Autoafirmação
E Somos A Maior!	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=MzvkbS02O9g&amp;ab_channel=AthleticoPR1924%F0%9F%8C%AA">https://www.youtube.com/watch?v=MzvkbS02O9g&amp;ab_channel=AthleticoPR1924%F0%9F%8C%AA</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802842/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802842/</a>	Autoafirmação
Está Chegando a Hora	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=VrKMSPqrmuQ&amp;t=2s&amp;ab_channel=AthleticoPR1924%F0%9F%8C%AA">https://www.youtube.com/watch?v=VrKMSPqrmuQ&amp;t=2s&amp;ab_channel=AthleticoPR1924%F0%9F%8C%AA</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1671227/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1671227/</a>	Não se aplica
Eu Sou Atletico e Nunca Paro de Apoiar	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=_QYDpGH0n1g&amp;t=24s&amp;ab_channel=OSFANATICOSO-FICIAL">https://www.youtube.com/watch?v=_QYDpGH0n1g&amp;t=24s&amp;ab_channel=OSFANATICOSO-FICIAL</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/eu-sou-atletico-e-nunca-paro-de-apoiar/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/eu-sou-atletico-e-nunca-paro-de-apoiar/</a>	Autoafirmação
Eu Sou Caveira	Desconhecido	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/3GisRb2saoyHIPJoIVOSPh?si=71412a5567d2499d">https://open.spotify.com/intl-pt/track/3GisRb2saoyHIPJoIVOSPh?si=71412a5567d2499d</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/eu-sou-caveira/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/eu-sou-caveira/</a>	Autoafirmação
Explode coração	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=FCR2M95026g&amp;t=19s&amp;ab_channel=MarlondoValle">https://www.youtube.com/watch?v=FCR2M95026g&amp;t=19s&amp;ab_channel=MarlondoValle</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/678482/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/678482/</a>	Incentivo
Festa Na Baixada	Desconhecido	<a href="https://open.spotify.com/intl-pt/track/4jCTNQOD6iS4">https://open.spotify.com/intl-pt/track/4jCTNQOD6iS4</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/</a>	Autoafirmação

		<a href="https://www.youtube.com/watch?v=gYdIagDAXj?si=181d37e9266e4faf">gYdIagDAXj?si=181d37e9266e4faf</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/678487/">fanaticos/678487/</a>	
Graças Por Essa Honra	Desconhecido	Desconhecido	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1228373/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1228373/</a>	Autoafirmação
Hino Da Torcida Organizada Os Fanáticos	Desconhecido	Desconhecido	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802843/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802843/</a>	Incentivo
Hoje a Caveira	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=0F2KpPKUO8Q&amp;t=55s&amp;ab_channel=JulianoPadilha">https://www.youtube.com/watch?v=0F2KpPKUO8Q&amp;t=55s&amp;ab_channel=JulianoPadilha</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1261030/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1261030/</a>	Autoafirmação
Horto Magiko - "Atlético, minha religião"	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=4kwzb--44YI&amp;ab_channel=JefersonF.Mamedes">https://www.youtube.com/watch?v=4kwzb--44YI&amp;ab_channel=JefersonF.Mamedes</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/990556/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/990556/</a>	Autoafirmação
Libertadores Estamos Chegando	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=t0PDtp_bdhs&amp;t=3s&amp;ab_channel=SoyLocoPorTi%2CLibertadores">https://www.youtube.com/watch?v=t0PDtp_bdhs&amp;t=3s&amp;ab_channel=SoyLocoPorTi%2CLibertadores</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/libertadores-estamos-chegando/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/libertadores-estamos-chegando/</a>	Incentivo
No Céu e No Inferno	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=sEE9kLAWhUg&amp;ab_channel=OsFanaticos-Topic">https://www.youtube.com/watch?v=sEE9kLAWhUg&amp;ab_channel=OsFanaticos-Topic</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1565513/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1565513/</a>	Incentivo
O Jogo Vai Ser Loco	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=9ltf3R-yIgo&amp;ab_channel=JansenMariano">https://www.youtube.com/watch?v=9ltf3R-yIgo&amp;ab_channel=JansenMariano</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1228371/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1228371/</a>	Autoafirmação
O Mais	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=9ltf3R-yIgo&amp;ab_channel=JansenMariano">https://www.youtube.com/watch?v=9ltf3R-yIgo&amp;ab_channel=JansenMariano</a>	<a href="https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1228371/">https://www.letas.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1228371/</a>	Autoafirmação

Amado		<a href="https://www.youtube.com/watch?v=dc-Ak3Zud2Y&amp;t=2s&amp;ab_channel=AthleticoPR1924%F0%9F%8C%A">be.com/watch?v=dc-Ak3Zud2Y&amp;t=2s&amp;ab_channel=AthleticoPR1924%F0%9F%8C%A</a> A	<a href="https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1685701/">as.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1685701/</a>	
O Meu Sangue é Rubro Negro	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=42_OhCndb28&amp;ab_channel=TOFPalmasPR">https://www.youtube.com/watch?v=42_OhCndb28&amp;ab_channel=TOFPalmasPR</a>	<a href="https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802844/">https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802844/</a>	Autoafirmação
O Time Campeão	Desconhecido	Desconhecido	<a href="https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802845/">https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802845/</a>	Incentivo
Pau No Cú Dos Coxa	Desconhecido	Desconhecido	<a href="https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1671222/">https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1671222/</a>	Intimidador
Quanta doideira	Desconhecido	<a href="https://youtu.be/BreXjK320Pc">https://youtu.be/BreXjK320Pc</a>	<a href="https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1186574/">https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1186574/</a>	Autoafirmação
Quem manda nessa cidade	Desconhecido	<a href="https://youtu.be/jpbTWv63lIE">https://youtu.be/jpbTWv63lIE</a>	<a href="https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1261028/">https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1261028/</a>	Autoafirmação
Rubro Negro Entrou Em Campo	Desconhecido	Desconhecido	<a href="https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802846/">https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802846/</a>	Incentivo
Sai da Frente	Desconhecido	<a href="https://youtu.be/eKHHhn2K98w">https://youtu.be/eKHHhn2K98w</a>	<a href="https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/sai-da-frente/">https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/sai-da-frente/</a>	Autoafirmação

Se Tá Com Medo Trata De Fugir	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=Waz_jRakUxg&amp;ab_channel=Ritmo dasTorcidas">https://www.youtube.com/watch?v=Waz_jRakUxg&amp;ab_channel=Ritmo dasTorcidas</a>	<a href="https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802847/">https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802847/</a>	Intimidador
Se Você Quer Alegria	Desconhecido	Desconhecido	<a href="https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802848/">https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802848/</a>	Autoafirmação
Só eu sei	Desconhecido	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=3LqF8r2fXF8&amp;ab_channel=Jansen Mariano">https://www.youtube.com/watch?v=3LqF8r2fXF8&amp;ab_channel=Jansen Mariano</a>	<a href="https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1261029/">https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/1261029/</a>	Incentivo
Vamos Ó Meu Furacão	Desconhecido	<a href="https://youtu.be/jhdPdktrHG4?t=20">https://youtu.be/jhdPdktrHG4?t=20</a>	<a href="https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/vamos-o-meu-furacao/">https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/vamos-o-meu-furacao/</a>	Incentivo
Vamos, Vamos Jogadores	Desconhecido	<a href="https://youtu.be/Han1Oac2R3E?t=8">https://youtu.be/Han1Oac2R3E?t=8</a>	<a href="https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/vamos-vamos-jogadores/">https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/vamos-vamos-jogadores/</a>	Incentivo
Você Vai Cair de Novo	Desconhecido	<a href="https://www.tiktok.com/@caveirasda baixada/video/7278840574071803142">https://www.tiktok.com/@caveirasda baixada/video/7278840574071803142</a>	<a href="https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/voce-vai-cair-de-novo/">https://www.letstras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/voce-vai-cair-de-novo/</a>	Intimidador

FONTE: LETRAS.MUS.BR (2025)

Ao todo, retirando as duplicidades e as músicas comemorativas de aniversários da TO, as bases de dados apontam que a TOF possui 40 canções registradas, de alguma forma, em sua história. Apesar de ser um dado representativo se considerarmos a estrutura do grupo, as lacunas relacionadas a falta de autoria, falta de organização por parte da própria torcida organizada em disponibilizar fontes confiáveis das composições na internet e/ou até mesmo interesse em tornar o conteúdo acessível para os demais, são fatores preponderantes para questionar a qualidade das informações creditadas a eles.

Das 40 composições encontradas, 19 são músicas cuja temática principal é para incentivar o time, 13 são de autoafirmação, ou seja, valorizando a própria torcida ou cantando sobre sua própria cultura, 6 são músicas com letras intimidadoras, reforçando o caráter violento do grupo e, por fim, não foi possível categorizar 2 das canções registradas, sendo a primeira delas o hino do próprio clube e a segunda é uma marchinha de carnaval, a “Está chegando a hora”.

TABELA 4 - Categorização do acervo digital da TOF

<b>Categoria da música</b>	<b>Quantidade</b>
Incentivo	19
Protesto	0
Intimidadoras	6
Autoafirmação	13
Não se aplica	2

FONTE: DE AUTORIA PRÓPRIA (2025)

Sobre a composição da tabela, alguns apontamentos são necessários: não é por não ter menções sobre músicas de protestos que elas não ocorrem ou não são performadas na arena. Durante o estudo de campo, pude presenciar alguns protestos contra um jogador em específico, Pablo, e também gritos pedindo garra para o time em geral<sup>72</sup>.

Em relação às canções de cunho intimidador, normalmente, o indivíduo a qual eles querem agredir é o rival alviverde, porém, existe também a presença do tricolor da cidade, o torcedor do Paraná Clube. Este último, sem tanta expressão e de menor rivalidade, não representa um perigo iminente aos rubro-negros, mas frequentemente são inferiorizados nas músicas athleticanas. Das composições da TO Fúria Independente, do Paraná Clube, encontradas na internet, nenhuma faz menção específica a TOF. Porém, quando pesquisamos pela TO Império Alviverde, do Coritiba, a rivalidade se mostra presente no campo musical. Entre as mais de 30 letras registradas no *site* Letras.com.br, existem, ao menos, 9 músicas citando a rivalidade, e a violência, entre as torcidas.

<sup>72</sup> Gritos ofensivos ao atacante Pablo, do CAP:  
[https://www.youtube.com/watch?v=CG7CIC\\_jDVU&ab\\_channel=FelipeCamargo](https://www.youtube.com/watch?v=CG7CIC_jDVU&ab_channel=FelipeCamargo)

Outra característica interessante sobre as composições dos Fanáticos é a proximidade numérica entre as canções de apoio ao clube e as de autoafirmação do grupo. A torcida organizada, historicamente, existe devido a comunidade criada para apoiar o clube, mas a festa feita no estádio nem sempre tem essa finalidade: algumas vezes não envolve o CAP, envolve apenas o culto à própria imagem da torcida.

Durante minha pesquisa de campo pude perceber que as torcidas (organizada e não organizada) e a administração do clube vivem em um estado constante de tensão e de briga por poder. Eles disputam o domínio do estádio e da narrativa do que é ser athleticano, ou seja, a principal disputa de narrativa está relacionada ao comportamento, à cultura torcedora. Segundo Hall (2006), o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas (HALL, 2006, p. 85). O outro, como já dito, antes era principalmente o rival, o Coritiba, mas é possível que existam outros inimigos para os torcedores da Arena da Baixada: o torcedor do setor ou do camarote ao lado.

## CAPÍTULO 3 - A BOLA DA VEZ

### 3.1 O ATHLETICANISMO: INTRODUÇÃO À MINHA PESQUISA DE CAMPO

A história centenária do clube é marcada por acontecimentos que resultaram em transformações nas arquibancadas: títulos, rebaixamentos, jogadores históricos, uma nova arena, a primeira arena com teto-retrátil da América Latina, uma nova marca, um novo escudo e também um novo conjunto de símbolos que visa reforçar e recriar um imaginário sobre o que compõe o athleticanismo. Esta atualização, a de 2018, não foi a primeira alteração que envolveu a troca do escudo do CAP, mas é a mais recente e foi feita em um período de ascensão do clube no cenário futebolístico sul-americano. Segundo matéria do *site* oficial do clube: “com as mudanças, o Athletico procurou reposicionar-se frente ao público e ao mercado, destacando a marca rubro-negra para torná-la mais conhecida, desejada e lembrada - e, portanto, mais condizente à imagem de um clube protagonista” (CAP, 2018)<sup>73</sup>.

Em 2018, a administração do clube recriou a identidade visual do clube, alterando o emblema e voltando a utilizar a grafia “Athletico”, com “th”, para evocar a tradição do clube, visto que era dessa forma que o nome era escrito em sua fundação, em 1924. Em minha pesquisa de campo, observei que o processo institucional de se atualizar, enquanto dialoga com o tradicional e o moderno, encontra desafios e resistências entre alguns grupos de torcedores.

Na ânsia de ser moderno, a nova identidade visual, lançada em 2018, percorre um caminho lento de adaptação. Nas arquibancadas é possível observar uma adesão considerável dos torcedores no setor 321 e das arquibancadas ao lado. Os símbolos, os antigos e o novo, se misturam, mas as cores rubro-negras prevalecem no uniforme principal. Entre roupas casuais, sociais, camisas alternativas e agasalhos, o torcedor, de modo geral, procura reafirmar seu pertencimento utilizando os emblemas do time.

Durante a pesquisa de campo no setor 321, presenciei um ambiente racionalizado e seguro. A violência, temática constante quando pensamos em torcidas, assim como a ideia de uma grande massa irracional que age instintivamente por amor, ou por dor, estão parcialmente ausentes. O futebol, ou melhor, o entretenimento em que estive imerso, é demasiadamente racional e acima de tudo, confortável. Participar das festas nas

---

<sup>73</sup> Acesse o *site* para ler a notícia na íntegra: <https://www.athletico.com.br/historia/a-nova-marca-do-furacao/#0>

arquibancadas se tornou algo opcional e, em determinados momentos, não pareciam ser sequer bem vistas pelos meus vizinhos de cadeiras.

Entre as narrativas populares sobre o que é ser um torcedor “tradicional/raiz” e um “moderno/nutella”, existe o torcedor do “presente”, que pode estar alheio dessas discussões, mas está inteiramente imerso no projeto de transformação social do clube, mesmo sem perceber. Entre o passado e o futuro que a administração projetou para o clube, existe este presente. É neste tempo que observo o processo civilizador agir: o jogo entre o que é visto como o comportamento adequado e o inadequado, qual a camisa ou emblema do clube detém maior simbolismo na arquibancada, a resistência dos torcedores “tradicionalistas” da TOF em utilizar o novo escudo em suas vestimentas e as tensões sobre o que é ser torcedor. Tudo ocorre simultaneamente dentro e fora das arquibancadas.

Nos jogos de 2024, enquanto o CAP brigava para não cair para a série B do Campeonato Brasileiro, presenciei quebras de recorde de público onde, ao chegar na minha cadeira, normalmente tinha algum adereço para ajudar a performar a minha função de torcedor. Às vezes era uma bandeirinha ou um saco plástico com as cores do clube. Algo simples e tradicional nas festas dos estádios, mas que não presenciei nos jogos disputados pela Série B do Campeonato Brasileiro em 2025. João Azevedo, líder da bateria da TOF, criticou arduamente essa ação festiva do CAP na rede social X.

Funcionários fazendo bandeirinhas?  
Ridículo!  
Quem deve fazer tudo são os torcedores, organizados ou não, se mobilizando em mutirões.  
Lembram dos mosaicos?  
Lembram dos chocalhos de jornal?  
O clube deve ser apenas um agente facilitador das festas, nada além disso (AZEVEDO, 2024).

Após uma breve repercussão da publicação, Azevedo voltou a rede social para explicar melhor o seu posicionamento.

Aos que não entenderam... Vou desenhar.  
Qual a graça de ser torcedor de futebol e não participar do processo de desenvolvimento de uma festa na arquibancada? Qual a graça de chegar e já ter tudo pronto? Festa terceirizada?  
A torcida, e nem falo da organizada, precisa se mobilizar e atuar na festa, com o clube fazendo sua parte, facilitando o processo, cedendo espaço físico, mas deixando os torcedores cuidando disso, por amor, e não com funcionários trabalhando nisso.  
No mundo inteiro é assim (AZEVEDO, 2024).

A atmosfera, e a importância dada para os jogos, obviamente possuem pesos diferentes. É do jogo. Assim como é do jogo escolher como torcer, pois existem espaços que te permitem vivenciar experiências diferentes durante um mesmo jogo. Tudo depende de qual Athletico, dentro dos diversos Athleticos ou Atlético imaginados pelas arquibancadas, você escolhe torcer. Se você quer viver em um ambiente festivo, ou hostil, e que preste alguma homenagem às tradições e ao “Atlético Paranaense” do passado enquanto torce para o time do presente, a melhor opção seria assistir ao jogo próximo da Fanáticos, ou em meio dela. O setor Buenos Aires inferior é para o “atleticano raiz”. Do outro lado do estádio, como no setor 321, é para o sócio ou para o torcedor que quer viver uma experiência diferente e mais previsível, sem precisar estar à flor da pele a todo o momento, ou seja, a excitação é mais controlada e dedicada para momentos especiais, como, por exemplo, para comemorar um gol. O mais interessante de tudo isso é que você pode escolher como quer torcer a depender do jogo. Talvez o torcedor queira extravasar em um jogo em que o adversário evoque sentimentos ligados a uma rivalidade histórica ou mesmo raiva por ser responsável por uma goleada histórica contra o CAP. Nesse jogo, o sujeito pode se direcionar para um setor do estádio que propicie a sua, quase, livre expressão e excitação. Em um jogo de menor rivalidade ou que o torcedor esteja acompanhado de sua parceira (o), ele pode desejar assistir sentado e em um ambiente mais calmo. A arena oferece essa opção.

Torcer, e como torcer, é opcional. Um espetáculo acontecerá independente da sua escolha. Escolher como torcer muda a sua forma de vivenciar o estádio e a experiência, tanto a sua individual como também a coletiva, assim como em qualquer entretenimento que reúne uma multidão. Essa divisão é melhor observada em dias de jogos onde a Arena da Baixada não está cheia, ou seja, em jogos que não são decisivos ou eliminatórios em uma competição. Em confrontos importantes, a tendência é de que o estádio receba um grande público a ponto de encher a arquibancada. Esse efeito gera uma mistura entre os diversos perfis de públicos, diluindo essa noção de ordem, calma e identidade dos setores que presenciei em jogos de menor relevância.

As tensões sobre como torcer estavam presentes em meu imaginário o tempo inteiro e só pude comprová-las ao buscar mais informações sobre como um dos líderes dos torcedores organizados observava tais diferenças. Talvez o torcedor do setor 321 que só vai ao jogo e não consome tais conteúdos, nunca tenha ouvido falar dessas diferenças, apesar de empiricamente percebê-las. Torcer, no contexto de assistir aos jogos do Athletico Paranaense

dentro de seu estádio, se tornou, a meu ver, uma escolha racionalizada, mas isso não exclui os sentimentos e as tradições de algumas comunidades. É justamente o contrário: a escolha de onde sentar reforça e perpetua as demais culturas torcedoras. A seguir, dedicarei um espaço para relatar a minha experiência de campo ao lado desses agentes que vestem velhos e novos símbolos no setor 321, que por vezes são torcedores, e sempre são clientes, que não são homogêneos em suas performances, mas que por algumas horas compartilham o mesmo espaço e o mesmo entretenimento.

### 3.2 PRÉ-JOGO: CONTEXTOS DA PESQUISA DE CAMPO

O ano é 2024 e o Club Athletico Paranaense vive um período de grandes ambições. A meta é a de comemorar o seu centésimo aniversário de forma gloriosa: conquistando um novo título internacional! Em entrevista dada à ESPN em novembro de 2023, o atual presidente Mario Celso Petraglia projetou o principal desafio para o centenário da instituição: “Ficaremos fora da Libertadores (em 2024), mas quem sabe ganharemos o tricampeonato da Sul-Americana. Vamos fazer um time extremamente competitivo (PETRAGLIA, 2023)”.

A partir de tal afirmação é compreensível pensar que os torcedores se iludiram com a promessa de um ano marcante e que eles viveriam o ano de 2024 com muitas alegrias e conquistas na Arena da Baixada, afinal, ele foi condicionado por um discurso institucional de que o centenário seria inesquecível. A conquista do Campeonato Paranaense de 2024 reafirmou, e reacendeu, ainda mais a importância do ano. Após o título, o atacante e um dos líderes do elenco rubro-negro, Pablo Felipe Teixeira, reafirmou a sua paixão pelo time e provocou o rival Coritiba que havia sido rebaixado no ano de seu centenário<sup>74</sup>.

Eu nasci para jogar no Athletico. A gente cresceu muito na disputa do Campeonato Paranaense. Está todo mundo de parabéns. O nosso maior objetivo é conquistar mais títulos nesta temporada. Alguns clubes já caíram no ano do centenário e a gente já conquistou um título. Esperamos conquistar mais (TEIXEIRA, 2024).

---

<sup>74</sup> O Coritiba foi rebaixado para a série B do Campeonato Brasileiro em 2009. O episódio é marcado não apenas pelo desfecho futebolístico, mas também pela repercussão violenta que parte dos torcedores tiveram após o fim do jogo. Caso queira entender mais, acesse: <https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/coxa-e-rebaixado-para-a-2-divisao-e-torcida-promove-quebra-quebra-a-byzwwnlsbxjih2e5swkz6u7gu/>

Não ser rebaixado, como o rival foi, e ainda conquistar um tricampeonato internacional, poderia ser considerado o ápice para o torcedor, pois aumentaria a distância simbólica do poder futebolístico em Curitiba: o Athletico Paranaense ganharia ainda mais destaque internacional e reforçaria a imagem de que é o único clube paranaense relevante no atual cenário sul-americano enquanto o rival disputa a série B do Campeonato Brasileiro.

### 3.3 AQUECIMENTO

O período de imersão no campo iniciou-se em agosto de 2024 e terminou em outubro de 2025, antes do término do Campeonato Brasileiro. Durante esse período, assisti jogos do Athletico Paranaense em três competições diferentes: Série A (2024), Série B (2025) e Copa do Brasil (2025). Em todos os encontros foram coletados registros audiovisuais ou escritos feitos através de um celular. Além disso, acompanhei torcedores athleticanos nas redes sociais Instagram e X, dentre eles vale ressaltar o personagem João Azevedo, um dos líderes da TOF.

TABELA 5 - Jogos assistidos na Arena da Baixada

<b>Campeonato</b>	<b>Adversário</b>	<b>Data</b>	<b>Horário</b>	<b>Público pagante</b>	<b>Renda (R\$)</b>	<b>Resultado</b>
Série A	Cruzeiro	26/10/24	18:30h	35.936	926.030,00	Vitória do CAP
Série A	Atlético Mineiro	16/11/24	18:30h	40.935	1.066.695,00	Vitória do CAP
Série A	Atlético Goianiense	20/11/24	16:30h	42.177	1.057.900,00	Vitória do CAP
Série B	Criciúma	10/04/25	19h	15.390	267.355,00	Vitória do CAP
Copa do Brasil (CdB)	Brusque	20/05/25	19:30h	17.670	383.420,00	Vitória do CAP
Copa do Brasil (CdB)	São Paulo	06/08/25	19:30h	30.078	1.543.590,00	Vitória do CAP

Como listado na tabela acima, só presenciei a torcida em jogos em que o Athletico saiu vitorioso, entretanto isso não inibiu a presença de insultos e protestos ao time ou a determinados jogadores. Todos os cadernos de campo estão disponíveis nos apêndices.

### 3.4 COMEÇA O JOGO

Internamente, no início do primeiro semestre de 2024, o ambiente entre os torcedores e a diretoria não chamava a atenção. A sensação era a de que existia um acordo de união pelo centenário, pelo menos no começo da temporada. A minha pesquisa teve início no segundo semestre de 2024. Nesse momento, toda a empolgação descrita acima já havia sido trocada por precaução e preocupação. O time não estava desempenhando um bom futebol e amargava resultados ruins nos campeonatos. Por isso, antes de iniciar a pesquisa de campo, procurei informações básicas sobre o clube, como, por exemplo, preços dos ingressos, a tabela do Campeonato Brasileiro e quais arquibancadas poderiam ser seguras para frequentar nos primeiros jogos, visto que a ideia inicial, e que foi descontinuada, era observar os torcedores e seus rituais em todos os setores.

Aqui ressalto um preconceito que existia enquanto um consumidor de futebol alheio à realidade e à cultura de um estádio de futebol: a crença de que o local era perigoso e os torcedores representam um risco à minha integridade física e mental. A comunidade que frequenta esse tipo de local, dentro dessa visão preconceituosa, só poderia conter traços de um grupo violento, ou menos civilizado, se comparado com outras comunidades que consomem entretenimento em locais que permitem a aglomeração de pessoas como, por exemplo, no teatro. O futebol, no meio social em que circulo, ainda é visto como um local em que o ser humano tem permissão para se expressar irracionalmente e violentamente em público, se assim desejar.

Este conceito mais dinâmico de tensão aplica-se não só ao jogo de futebol enquanto tal, mas também aos participantes. Os indivíduos também podem viver com uma tensão produzida que é mais elevada ou mais baixa do que o normal, mas só não possuem tensão quando morrem. Em sociedades como as nossas, que exigem uma disciplina emocional global e circunspeção, a série de sentimentos agradáveis fortes manifestamente expressos é severamente vedada. Para muitas pessoas não é apenas na sua vida profissional, mas também nas suas vidas privadas, que um dia é igual ao outro. Para muitas delas nunca acontece nada de interessante, nada de novo. A sua tensão, o seu tônus, a sua vitalidade, ou o que quer que seja que se lhe possa chamar, é, antes do mais, baixo. De uma maneira simples ou complexa, a um nível baixo ou a nível elevado, as atividades de lazer

proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 137).

Exposta essa primeira percepção, por segurança, busquei coletar mais informações sobre os torcedores de estádio com um amigo *athleticano*, e *ex-setorista* do clube<sup>75</sup>. O primeiro conselho que recebi é que era para evitar comprar um ingresso no setor da Fanáticos ou no anel superior da TOF, pois lá se encontra outro grupo: os Ultras, um grupo que no passado chegou a rivalizar com os Fanáticos. Em contrapartida, recomendou que eu fosse assistir no setor 321, local que ele referenciou como “setor da família” e mencionou, inclusive, que lá eu poderia assistir ao jogo sentado e que seria possível observar o que eu quisesse sem ser importunado.

Nesse momento cabe ressaltar uma característica crucial das culturas torcedoras desse estádio e que será melhor elaborado no decorrer dos relatos: existem aqueles que assistem o jogo em pé, existem aqueles que assistem o jogo sentado nas cadeiras e também existem aqueles que não assistem ao jogo e ficam de costas para o gramado enquanto estão imersos em seus próprios ritos de arquibancada. Normalmente, o primeiro grupo citado não convive em harmonia com os outros e, por isso, se agrupam em setores diferentes em dias de jogos com pouco público. Isso não ocorre por uma obrigação institucional, já que o estádio dispõe de cadeiras em todos os setores, exceto no ambiente da TOF, mas sim por uma questão cultural. Enquanto um grupo quer se expressar com o corpo todo, dançando, pulando ou simplesmente se movimentando de forma mais livre e intensa para se expressar ou melhor regular suas emoções, o outro grupo, o dos sentados, prefere consumir o entretenimento de forma “mais organizada” e semelhante a experiência de teatro, ou seja, assistir ao jogo confortavelmente sem correr o risco de ter a sua vista do gramado ofuscada por uma pessoa “mal educada” que não respeita os demais. Essa característica será fundamental para entendermos um pouco mais sobre o torcedor *athleticano*.

Aparentemente, uma audiência de teatro é, em geral, mais refreada. Os movimentos que constituem uma parte integral da síndrome espontânea da excitação são limitados com maior rigidez àquilo que, de modo habitual, chamamos o nível de sensibilidade. Existem diferenças consideráveis, como é evidente, entre diferentes

---

<sup>75</sup> Setorista é o nome dado ao profissional de comunicação representante de um veículo jornalístico especializado que atua *in loco* na realidade de um único objeto, ou seja, nesse caso é em um time de futebol.

grupos de idade e categorias diferentes na franqueza com que mostram a sua tensão e excitação através de movimentos corporais (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 130).

Essa forma de experimentar e controlar os públicos do estádio de futebol não é refletida apenas no fato de ofertar uma cadeira para o torcedor que possui essa preferência, mas também se encontra durante todo o processo de compra de um ingresso: o cliente não precisa encarar grandes filas na compra ou na entrada do estádio para assistir ao jogo, basta comprar o ingresso em um *site* e realizar o cadastramento facial de forma *online* em sua própria casa e, quando no estádio, se dirigir ao portão de entrada no setor para passar pela revista de segurança e pelo reconhecimento facial da catraca para validar sua entrada. A tentativa de não gerar uma aglomeração antes do espetáculo e o controle de quem acessa o ambiente antes mesmo do cliente estar fisicamente no local eleva a sensação de segurança e facilita a experiência individualizada do cliente que não quer se envolver com outras pessoas no processo de experimentação do seu lazer.

Esse processo de individualização, e controle, fica ainda mais evidente quando analisamos a proposta de sócio-torcedor do clube: o CAP incentiva e, do ponto de vista financeiro, quase obriga o torcedor a se tornar sócio através da oferta de cotas de sócio RED a um valor mensal inferior ao preço de um ingresso para o torcedor comum: um ingresso para o jogo, independente de ser na série A ou B do Campeonato Brasileiro para um não sócio custa em média R\$150, a mensalidade do Sócio RED, em 2025, custa a partir de R\$105 por mês no plano anual, além de ter preferência na aquisição do ingresso em relação ao torcedor comum. Ou seja, é mais barato se associar e assistir em média 2 jogos na Arena da Baixada por mês no lugar de não se associar e ter que pagar R\$150 para ter acesso a apenas uma experiência. Caso queira mais exclusividade e privacidade, você pode avançar e adquirir os planos mais caros como já descrito anteriormente, tudo depende do seu poder aquisitivo e do quanto você quer apoiar financeiramente o seu clube. Essa ação de marketing que incentiva a filiação do indivíduo, garante alguns benefícios para o clube, entre eles, destaco alguns:

- 1) A filiação de um torcedor garante uma renda recorrente mensal independente da presença do cliente no estádio.
- 2) O clube adquire todos os dados sensíveis do cliente no momento do cadastro para que o marketing possa trabalhar em novas ações que fomentem o consumo de novos produtos e experiências.

- 3) Ao se tornar sócio, a instituição aumenta o controle sobre o torcedor através de um contrato jurídico.
- 4) Ao final da aquisição, o CAP cria mais um controle através da ideia de pertencimento: agora você também é um dos “donos do clube”, é seu dever cuidar e proteger a instituição dos Outros.

A individualização e a responsabilização do torcer é planejada e muito bem estruturada, mas isso não significa que não possui brechas e pontos cegos que fogem do alcance do controle institucional. Essa é uma estratégia de comunicação assertiva para o público que o CAP visa atingir. Eu não me tornei sócio para realizar a pesquisa de campo, visto que o clube criou uma campanha de marketing do “Pacto”, que falarei adiante, para incentivar os torcedores a irem ao estádio e tentar salvar o time do rebaixamento da primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Posteriormente, esse valor de ingresso também foi ofertado por tempo limitado no início de 2025 para fomentar a presença do torcedor na segunda divisão.

Após a aquisição do ingresso e a entrada do estádio, existem sinalizações e funcionários do clube durante todo o seu trajeto para o setor que você comprou acesso. Na entrada de cada setor, encontramos lanchonetes e bares para incentivar o consumo, além dos banheiros. Em Curitiba, é permitido a venda e consumo de cerveja e chope dentro do estádio, então em caso de ansiedade, nervosismo, sede ou simplesmente por prazer, você tem à disposição uma série de alimentos e bebidas que vão te saciar antes, durante e após o jogo.

### 3.4.1 O Pacto

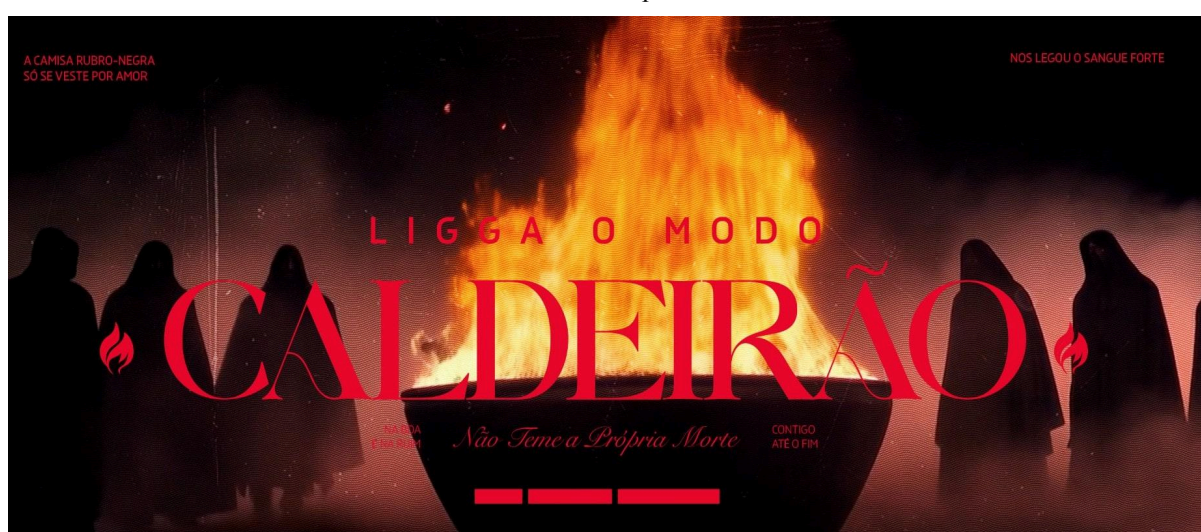
O Pacto, nome dado a campanha de marketing que proporcionou ingressos a R\$30 nos seis últimos jogos do Campeonato Brasileiro de 2024 para todos os torcedores, foi uma tentativa de gerar uma mudança de rota e de transformar o modo que a instituição significava o seu torcedor, assim como tentar projetar uma nova narrativa sobre como o próprio torcedor deveria se interpretar e se reinterpretar diante do desafio de não ser rebaixado na competição<sup>76</sup>. O Pacto trouxe o seguinte *slogan*: Desliga o modo Arena e Liga o modo

---

<sup>76</sup> Assista ao primeiro dos seis vídeos sobre o Pacto publicados pelo CAP: <https://www.youtube.com/watch?v=H2dCQB0L2UI>

Caldeirão. Ou seja, esqueça o modo de torcer na Ligga Arena e torça como se estivesse no Caldeirão do Diabo. Caldeirão do Diabo é um dos nomes populares dados à arena que é conhecida por propiciar um ambiente hostil para os adversários devido a presença e pressão exercida pela proximidade que os torcedores possuem com o gramado, gerando um “clima de guerra” para os adversários que não estão habituados a jogar em um estádio com essa característica.

FIGURA 16 - Arte promocional do Pacto<sup>77</sup>



FONTE: CLUB ATHLETICO PARANAENSE (2024)

A Ligga Arena é organizada e civilizada, o Caldeirão é caótico e selvagem. O estádio é o mesmo, o “modo Arena” é bem visto pela diretoria, mas em um momento de preocupação, tentaram evocar um comportamento tipicamente visto nos torcedores que frequentavam o estádio no passado. Comportamento que a própria instituição cerceou com o passar do tempo e, em 2025 ainda cerceia, mas para tentar fazer o time não ser rebaixado no centenário, o comportamento antes mal visto, passou a ser incentivado nas mídias oficiais. Nada mais emblemático que isso. Na reta final do centenário, o clube que privilegia a “ordem”, apostou no “caos”. Caos que evoca o passado, dentro de uma estrutura mais segura e projetada para o torcedor do presente se sentir bem e confortável.

<sup>77</sup> Esse é o texto escrito com a fonte menor na arte: A camisa Rubro-Negra só se veste por amor / Nos legou o sangue forte / Na boa e na ruim / Contigo até o fim / Não teme a própria morte. Essas frases fazem referência ao hino do clube e a música “Bem vindo ao Caldeirão” da Torcida Organizada Os Fanáticos.

Evocar uma “torcida do passado”, muito apreciada pelo torcedor organizado, reforça a importância desse grupo que “dá a vida pelo clube”, mas ao mesmo tempo evidencia que o perfil do torcedor na Arena da Baixada se transformou com o tempo. Sugerir ao torcedor atual que ele deve torcer como um “torcedor do Modo Caldeirão” representa que a administração do clube liberou, temporariamente, que o seu cliente liberte toda a sua excitação, pelo menos no discurso, visto que toda a estrutura de segurança e controle se mantém vigente.

O modelo de autocontrole, o gabarito pelo qual são moldadas as paixões, certamente varia muito de acordo com a função e a posição do indivíduo nessa cadeia, e há mesmo hoje, em diferentes setores do mundo ocidental, variações de intensidade e estabilidade no aparelho de autocontrole que parecem, à primeira vista, muito grandes (ELIAS, 1993, p. 184).

Na notícia publicada no *site* institucional sobre o início da campanha, o clube esclarece o conceito sobre o pacto e, no texto, cita que a união é com o torcedor:

Em todos os momentos históricos do Furacão, a força da torcida athleticana impulsionou o time dentro de campo. E, agora, o Rubro-Negro convoca todos os seus torcedores a fazer um pacto com o clube e ativar o “Modo Caldeirão” do estádio athleticano.

Sempre foi difícil jogar contra o Athletico dentro de sua casa. Sem argumentos para explicar a força rubro-negra e as recentes conquistas, os adversários criaram uma lenda que dizia que o clube teria feito um pacto com forças sobrenaturais.

É claro que isso nunca existiu. A força do Athletico foi e sempre será da união entre clube e torcida, que emana das arquibancadas os ventos que movem o Furacão (CAP, 2024).

Um dia antes do início oficial da campanha, o clube publicou uma carta aberta nas redes sociais onde pedia desculpas pelo ano frustrante e realizava uma espécie de “*mea culpa*”, entretanto, também distribuiu a culpa para o torcedor, alegando que era responsabilidade da torcida conduzir o time nessa reta final de competição. O texto ainda ressalta que o sócio-torcedor não precisaria mais confirmar presença, pois o próprio CAP já havia ponderado que ele não iria fugir da sua responsabilidade e por isso já tinha confirmado a presença dele no estádio antes mesmo do torcedor decidir.

Erramos.

Ao fazer o que todo mundo faz.

Ao esquecer que é o Athletico quem transforma o futebol. E não o contrário.

Ao fazer de um ano de expectativas, uma jornada de incertezas.

Erramos.

Mas não fugiremos das nossas responsabilidades.  
Não fuja da sua.  
Por isso, quem é Sócio Furacão, em dia com as mensalidades, já teve seu check-in confirmado automaticamente para as próximas rodadas.  
Seis decisões esperam por você.  
O Athletico, também (CAP, 2024).

Essa campanha de marketing é emblemática, pois seus efeitos são observáveis não somente em 2024, mas também em 2025, mesmo após a criação de novas campanhas, além do processo natural de esquecimento, e porque não apagamento, do Pacto. Com a queda para a série B e os constantes resultados negativos, o presidente se convenceu, ou foi convencido, a chamar um padre para benzer o Centro de Treinamento (CT) do clube para tentar afastar o “pacto com o Diabo” realizado em 2024.

O Athletico tomou uma atitude inusitada para tentar espantar a má fase vivida atualmente. O clube chamou um padre para comparecer ao CT do Caju na tarde desta quinta-feira e benzer as instalações.  
Na reta final da temporada passada, o Athletico convocou um "pacto" com a torcida na tentativa de escapar do rebaixamento à Série B do Campeonato Brasileiro. Em vídeo divulgado nas redes sociais, utilizou diversos elementos "aterrorizantes" e pediu para que o torcedor "entregasse a alma".  
Mesmo com a mobilização, a equipe acabou caindo no Brasileirão. Os torcedores mais supersticiosos acreditam que a campanha criou uma aura negativa que acompanha o time até hoje, impactando no atual momento (GE, 2025).

No ato do lançamento, a campanha dividiu opiniões: de um lado tinha o torcedor comum, que poderia ir ao estádio apoiar o seu time por R\$30. Desse lado também estava a TO, que tem a figura da caveira como símbolo. Do outro lado, estava o torcedor religioso que abominou a ação de marketing. Curitiba possui cerca de 81% de sua população auto proclamada entre católicos e evangélicos (IBGE, 2022). Como parte da diretoria também não gostou da ideia sobre o Pacto com o Diabo, é plausível considerar que alguns sócios-torcedores também repudiaram e exerceram pressão para desvincular a campanha publicitária. Porém, este recorte não é algo isolado. Voltando um pouco no tempo, para o ano de 2018, em meio ao período eleitoral de um novo presidente para o país e a constante polarização da época, o presidente athleticano Mário Celso Petraglia utilizou a Arena da Baixada como palanque político para apoiar o então candidato à presidência, Jair Bolsonaro.

O futebol brasileiro teve mais uma manifestação de apoio a Jair Bolsonaro na disputa à presidência da República. Neste sábado, o presidente do Conselho Deliberativo do Atlético-PR, Mario Celso Petraglia, declarou apoio ao candidato do

PSL em suas redes sociais. Além disso, a Arena da Baixada ganhou uma faixa com uma mensagem política.

Em seu Facebook, Petraglia postou uma foto com a frase “Vamos todos juntos por amor ao Brasil”. A frase tem sido o slogan usado pelos apoiadores de Bolsonaro durante a campanha. Nos comentários Petraglia ainda escreveu o nome do candidato, demonstrando sua intenção de voto para este domingo.

A mesma mensagem foi colocada no estádio em uma bandeira que ocupou um setor da arquibancada. Normalmente, a frase já é usada no local, mas a palavra "Furacão" no lugar de "Brasil".

Outra manifestação política foi dos atletas em campo. Com exceção do zagueiro Paulo André, todos os jogadores do Atlético-PR entraram em campo para a partida contra o América-MG com uma camiseta amarela com a frase “Vamos todos juntos por amor ao Brasil”

Paulo André foi um dos únicos atletas do futebol brasileiro que declarou abertamente ser contra Jair Bolsonaro. O zagueiro assinou o manifesto ‘Democracia Sim’ que ressalta os valores democráticos do país e se coloca contrário às ideias do candidato do PSL.

O atacante Marcelo Cirino também foi às redes sociais se manifestar contra Bolsonaro ao aderir à hashtag #EleNão, mas ainda assim entrou no campo vestindo a camiseta (UOL, 2018).

Apesar de não ter visto nenhuma manifestação política durante a pesquisa de campo, é preciso ressaltar essa ação para o melhor entendimento de uma parcela do público no estádio. Um dos pilares do candidato apoiado pela instituição é justamente as religiões de origem cristã e a importância de Deus no seu discurso. Por isso, não é incomum a rejeição da campanha de marketing que associava que o clube, e o torcedor, possuía um pacto com o Diabo.

Durante o Pacto, em campo, houve acionamentos publicitários através de anúncios sonoros durante o pré, e também no pós jogo, além da caracterização de um funcionário que se vestia de caveira e carregava consigo uma bandeira com a logomarca do Pacto no gramado nos jogos após as vitórias<sup>78</sup>.

---

<sup>78</sup> Assista as ativações da campanha pelo sistema de autofalante em: <https://youtu.be/iMAdbH0BmuQ?t=36> e da caveira balançando a bandeira do Pacto em: [https://youtu.be/2\\_sF3ML3wIE?t=585](https://youtu.be/2_sF3ML3wIE?t=585)

### 3.4.2 Bem-vindo ao Caldeirão<sup>79</sup>

Bem-vindo ao Caldeirão  
 Pro show do Furacão  
 Não canso de dizer  
 Sou louco por você  
 Maior do Paraná  
 Pra sempre vou te amar  
 Na boa ou na ruim  
 Contigo até o fim!  
 E vamos ae  
 E dá-lhe Atlético! E dá-lhe Atlético! (TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS, s.d.)

Acompanhado de um ex-setorista do CAP, a minha primeira imersão na Arena da Baixada ocorreu no jogo contra o Cruzeiro, em 2024. Todos os procedimentos para entrar no estádio foram organizados e rápidos. O CAP oferece uma boa estrutura para os seus clientes e, após poucos minutos de caminhada, eu já me encontrava no setor 321. Apesar do clube ostentar as cores rubro-negras, as cadeiras no geral são cinzas, não oferecendo uma ambientação correspondente a identidade visual da instituição. A percepção inicial era de que aquela estrutura poderia ser de qualquer outro clube, quase como se a administração não tivesse personalizado o produto propositalmente na intenção de que outra empresa pudesse comprar/alugar a estrutura e sediar seus eventos sem que os clientes percebessem de que estava na casa do Athletico Paranaense<sup>80</sup>. Esse pensamento possui uma certa coerência visto que a Arena da Baixada é alugada para a realização de diversos eventos no decorrer do ano, mas não foi possível entender, nesta pesquisa, se a falta de personalização com as cores do CAP impacta na estratégia de locação para terceiros.

*Logo que entrei nos corredores para me dirigir à área onde comprei o ingresso (setor 324), recebi a primeira dica: “aqui na Arena você não precisa ficar no seu setor. Você compra o direito de ficar na região, mas você pode sentar em qualquer lugar da região, só não pode tentar passar pela barreira (uma divisória aparentemente de vidro), ali é o limite.*

Ao se aproximar das arquibancadas, outra característica evidencia um choque de realidade: a música ambiente começa a preencher a arena e entorpece a audição do público que está chegando para assistir a partida. De rock a eletrônica, de eletrônica a *reggaeton*, o

<sup>79</sup> Utilizarei os relatos de meu caderno de campo a partir deste subcapítulo. As descrições estarão destacadas e em itálico.

<sup>80</sup> O nome comercial dessa estratégia é *White label*, a estratégia consiste em desenvolver um produto ou serviço que é vendido para outras empresas venderem sob a própria marca, com suas próprias personalizações.

sistema de som não permite que sua audição descanse durante o pré-jogo, a música só cessa quando o locutor do estádio tem algum recado protocolar para transmitir à torcida.

Durante todo o pré-jogo, enquanto o público se assenta nas arquibancadas, a música está presente através da *playlist* tocada pelo DJ da arena. A predominância e a escolha por músicas internacionais no som ambiente, em um primeiro momento, pode reforçar uma sensação de que o clube busca se posicionar como uma instituição estadunidense e/ou europeia e também valida o caráter privilegiado que os sócios possuem em relação às finanças e, possivelmente, na educação. Outra possibilidade é a tentativa do clube em replicar o ambiente de um estádio estrangeiro. Delfino (2019) resume o perfil desse grupo de clientes que frequentam a arena da seguinte forma:

O público sócio-torcedor do CAP é predominantemente masculino, identificado como 86,02% dos sócios e têm idades que variam entre 25 e 44 anos, são residentes na sua maioria em Curitiba e arredores, possuem renda média de 5 a 10 salários mínimos e têm ensino superior completo. Trata-se de uma torcida com característica mais familiar, pois prefere ir aos jogos com a família ao invés de ir com amigos (DELFINO, 2019, p.40)

A nível de curiosidade, em fevereiro de 2025, foram publicados pelo G1 alguns dados sobre a pesquisa “Cultura nas Capitais”, que entrevistou cidadãos que circulam por Curitiba. Quando questionados sobre as preferências musicais, as canções cantadas em português foram predominantes. A pesquisa revelou também que o sertanejo é o estilo de música mais ouvido pelos entrevistados na cidade, com 47% das respostas. Em seguida, vem o rock, com 30%, e a MPB, com 23% (COLOMBO, 2025). Quando o CAP opta por criar uma ambiência sonora estrangeira em seu estádio, ele também está escolhendo segmentar o seu público e passa uma mensagem clara ao seu cliente: para torcer e entender verdadeiramente a experiência do pré-jogo dentro do estádio, é preferível que você entenda inglês ou, por que não, que você saiba torcer como um europeu. O torcedor até pode preferir ouvir sertanejo ou MPB, mas é com o idioma estrangeiro que ele será recebido na arena. Se você conhece a banda ou se identifica com o som, isso pode aumentar a sua sensação de pertencimento e conseqüentemente vai melhorar a sua experiência enquanto consumidor daquele entretenimento devido a familiaridade sonora. A sensação de estar presente na Arena da Baixada durante o pré-jogo, antes da entrada da bateria da TOF, é de que não estamos em um estádio no Brasil se considerarmos apenas o campo musical.

Faltando pouco menos de uma hora para o jogo começar, a bateria da TOF inicia o seu trabalho no setor Buenos Aires inferior, área destinada a TO. Devido a distância e a acústica do estádio, o som ressoa de forma desorganizada pela falta de clareza e nitidez no setor 321. A mistura das vozes dessincronizadas, o ritmo constante da bateria e a arena com o teto retrátil fechado transforma a experiência de ouvir e sentir em um ato de resistência.

*Conforme o público entrava, a música ambiente, alternando entre rock e música eletrônica, era constante. O som estava muito alto e, por vezes, impossibilitava qualquer conversa se não fosse a base do grito, mesmo estando a poucos centímetros da outra pessoa. Na primeira tentativa de conversa com o som estourado, veio a terceira dica: “Quando eles fecham o teto, fica muito difícil de ouvir direito. Fica tudo abafado, tanto o som como nós, pois vai ficar bem quente já já”.*

Precisa estar interessado na construção das sonoridades e focar nas canções, por vezes no lugar do jogo, para entender o que se é cantado quando a música possui dois ou mais versos nos dias em que a casa não está cheia. No setor 321, a música nos atravessa em forma de ruídos durante boa parte do jogo, porém, conforme você frequenta o estádio, aos poucos, é possível se acostumar e aprender alguns versos conforme as repetições das músicas acontecem. Como no caso do Athletico Paranaense, a TOF é o único grupo que inicia e desenvolve as canções, sentar longe pode ser um desafio para os torcedores mais ávidos por esse tipo de entretenimento auditivo.

Apesar da “poluição sonora” que por vezes acontece devido a dispersão do som nos vazios dos setores em jogos de baixo público, a música está presente a todo instante e atravessa todos os públicos, como se atuasse como um fio condutor que tenta unificar e harmonizar as arquibancadas, mesmo quando muitos torcedores não performam as canções ou dançam conforme o ritmo dado pela Torcida Organizada. O processo de ouvir, reconhecer, cantar, dançar ou de todos eles juntos, perpassa os valores de um torcedor e valida a sua identidade apaixonada pelo clube perante os demais na arena. O cantar, mais do que validar, é um ato de extravasar suas emoções sem ser recriminado, de se mostrar presente e imerso em uma experiência que é ofertada para poucos athleticanos se pensarmos na quantidade total de entusiastas pelo clube.

No 321, apesar de se poder cantar, é indicado silenciosamente que você não o faça de forma extravagante. Não cante, não se movimente muito e principalmente, fique sentado e respeite o limite do seu assento. O condicionamento do comportamento deste setor é projetado para que você usufrua do jogo de uma forma mais “refinada”, civilizada. Para Elias

e Dunning (1992), os excessos das explosões fortes e apaixonadas foram amortecidos por restrições embutidas conservadas pelo controle social, que, em parte, são incrustadas de modo tão profundo que não podem ser abaladas (ELIAS & DUNNING, 1992, p. 112).

No lugar de gritar, apoiar ou ofender a todo instante, o comportamento percebido, e aconselhado, é que você aplauda ou vaie apenas por alguns segundos. Além disso, comemore um gol com palmas e gritos por um instante, não estenda o seu comportamento, e sentimento, a ponto de invadir o espaço do próximo. Faça barulho para comemorar um gol ou uma vitória, não antes ou depois. Quem frequenta o setor em dias de jogos de baixo público, percebe e sente esse “código de conduta”. Você pode cantar? Sim, provavelmente ninguém vai reclamar se for por pouco tempo, mas você vai cantar ou ficar em pé quando todos estão sentados e conversando baixo com seus pares ou mesmo em silêncio? Você precisa incomodá-los? Essas reflexões fizeram parte constantemente durante as minhas primeiras imersões.

*Chegamos às 18h, a bateria da Fanáticos inicia o seu ritual e começam a tocar. O estádio começa a lotar. Aqui uma nota: o senhor, no meu lado esquerdo, começa a explicar para sua neta algumas coisas que aconteciam na arena. Essa cena é repetida diversas vezes ao decorrer do jogo, principalmente após algum protesto ou música. Não fui capaz de entender tudo o que ele conversava com a neta devido aos sons gerados das arquibancadas, mas era visível a preocupação dele em tentar ressignificar alguns palavrões que ele mesmo falava ao criticar algum jogador. Após gritar, ele olhava para a menina e tentava usar uma palavra parecida em bom e alto som. Por exemplo: após gritar “Caralho, Pablo!”, ele olhava para a menina e soltava um: “Caramba, né?”.*

Outro exemplo de ressignificação foi observado ao conversar com um torcedor fora do estádio. Ao pegar um Uber após o término de um jogo, conversando informalmente com o motorista sobre a partida, ele relatou que há anos assistia o jogo junto com a TOF, mas que desde 2023, quando se tornou sócio-torcedor da categoria Gold, ele começou a assistir aos jogos no setor que havia comprado a sua cadeira, distante da TO. Nessa transição, ele precisou reaprender a torcer visto que agora estava rodeado de famílias e crianças que não performaram o mesmo torcer que o dele. Durante o curto trajeto até a minha casa, ele relatou que parou de falar palavrões em respeito às crianças e que após alguns jogos no setor, começou a assistir sentado, só levantava para comemorar. De acordo com o motorista, essa mudança não ocorreu por cobrança dos demais, mas sim por ele ter achado que seria mais respeitoso com quem estava ao seu lado, já que ele passaria o resto do ano convivendo com

eles. Depois de alguns meses, ele passou a preferir torcer sentado no lugar de torcer em pé, junto com a TO, como fazia antigamente.

*Próximo das 19h, o locutor da arena começou a interagir com a torcida e pediu para que fizéssemos barulho, a famosa frase “Faz barulho Caldeirão!”, mas houve pouca adesão na 321. Quando eu bati na cadeira e olhei para o lado, percebi que eu era um dos únicos a fazer isso e fiquei constrangido, a sensação era de que eu estava torcendo errado e incomodando os torcedores. Parei imediatamente.*

A mudança de comportamento do torcedor é perceptível em todos os setores, mesmo que de formas, e em tempos, diferentes. Na rede social X, João Azevedo, conversando com um usuário sobre o público do estádio, faz a seguinte afirmação: eu sei o que já foi, e você matou a charada, nunca mais será igual. Pode ser melhor ou pior, mas igual nunca mais. Nossa torcida não canta nem o hino, nem “Furacão eô”, música com xingamentos então nem pensar hahahaha (AZEVEDO, 2025). A ponderação sobre o não cantar, reforçando a rejeição às letras que incluem xingamentos, retrata um pouco dessa mudança de perfil sobre o torcer. O torcedor atual não canta ou não gosta de cantar determinadas músicas? O cantar pode estar sendo desmotivado e/ou reprimido devido os novos comportamentos sociais da época que, dependendo do círculo social do consumidor, repudia certas demonstrações públicas que façam menções claras a violência ou a algum preconceito/crime, por exemplo. Aos poucos, os ritos do passado estão sendo ressignificados, mesmo que apenas em pequenos detalhes.

*A partir do primeiro gol, o jogo fica morno, nada de muito interessante ocorre, as músicas se repetem, com ou sem apoio dos torcedores não organizados. A bateria só para de tocar no intervalo. A todo lance a torcida reage com algum sinal de aprovação ou descontentamento. Vaias ou aplausos. O som ambiente, durante todo o jogo, é um misto intenso de ruídos.*

A calma descrita esteve presente somente nos jogos de pouco público em 2025. A partir do momento em que ocorre uma lotação, como nos jogos de 2024 e contra o São Paulo, em 2025, os comportamentos e as presenças se desdobram e se transformam em outra coisa: o setor é ocupado por um público visivelmente mais jovem e afoito, que mistura e manifesta parte da sua cultura torcedora tal qual um torcedor organizado, mas também com características da cultura da 321.

### 3.4.3 Impedimento?

Em 2025, segundo uma matéria publicada por Marchiori (2025), a média de público dos jogos na Arena da Baixada foi de 16.903 pagantes, ocupando a 19ª maior média de público no Brasil e a 3ª maior média da Série B. O seu rival, o Coritiba, ocupa a 13ª posição no Brasil e a 1ª posição da Série B, com uma média de 21.181. Pensando na realidade do CAP, 16 mil não preenche metade da capacidade total da arena e isso permite uma segmentação mais clara dos públicos e de seus modos de torcer. Porém, em 2024, enquanto o clube estava na primeira divisão e lutava para tentar se manter na elite do futebol, presenciei três quebras de recorde de público seguidos: 35.936, 40.935 e 42.177 pagantes. Em 2025, contra o São Paulo, a arena recebeu novamente mais de 30 mil torcedores. Nesses jogos, o setor 321 vibrou em uma frequência diferente.

Com a proximidade de um estádio mais cheio, misturando torcedores organizados, sócios-torcedores e torcedores comuns, a cacofonia nas músicas diminuía, o som se tornava mais compreensível visto que agora alguns torcedores situados na 321 cantavam e vibravam de uma forma mais “tradicional” passando a sensação de que o estádio iria explodir a qualquer momento. A pressão e a tensão nas vozes, e nos corpos, era tamanha que a sensação de ordem e calma, desaparecia. A experiência de torcer e assistir a um jogo nesse ambiente foi sufocante, para o bem e para o mal. A comemoração de um gol e de uma vitória é maior, assim como os protestos. A sensação de que a torcida impactava o jogo também era real, apesar de poder não ser na prática. A festa é diferente nesse ambiente catártico, de corredores aglomerados de pessoas em pé, de torcedores levantando da cadeira para assistir ao jogo, de vozes ressoando uma canção dos Fanáticos e, por alguns momentos, se identificando como um.

Em um desses jogos, contra o Atlético Goianiense, às 16:30h, com a temperatura na casa dos 29º, presenciei dois movimentos novos por parte da direção do clube: o primeiro é que como o adversário não possuía um número expressivo de torcedores, eles foram realocados para os camarotes e o setor adversário foi vendido para os athleticanos. O segundo foi que a lotação do estádio me fez observar o jogo de uma maneira nova, em pé ao lado do corredor.

*Aqui, um adendo. Apesar do forte calor, a previsão era de chuva e, por isso, o teto do estádio já se encontrava fechado, criando uma sensação de estar dentro de uma*

*estufa: Sol, aglomeração de pessoas e pouca ventilação. Sento ao lado do corredor, essa é uma informação importante. Ao todo, mais de 42 mil pessoas, recorde histórico de público da arena. Após sentar, observo o estádio cheio, barulhento. A expectativa era de casa cheia. O setor da torcida visitante foi realocado para os camarotes. O espaço, antes rival, estava preenchido por athleticanos. Todos os setores, onde havia aglomeração, eram rubro-negros.*

*Conversando com meu amigo sobre essa mudança na disposição da arquibancada, ele logo me avisa: “Hoje só conseguimos lugar aqui. Quem senta nas primeiras cadeiras ao lado do corredor tem que assistir o jogo em pé porque o pessoal já vai se aglomerar ao seu lado e tapar sua visão. Não estranhe se der confusão, é normal devido a muvuca”. Dito e feito, próximo ao início do jogo, já me encontrava em pé. Para esse jogo, a administração da arena colocou sacos plásticos vermelhos e pretos, num formato semelhante a um cotonete, nos assentos para a plateia encher e utilizar para torcer, semelhante a ideia da bandeirinha usada no jogo contra o Atlético Mineiro. A ideia, apesar de visualmente bela e impactante, era um pouco problemática. Após inflar o saco plástico, ele ocupava muito espaço.*

Neste jogo, a administração do estádio trabalhou com o som de forma até então inédita para mim, durante a reprodução da tradicional música *Another Brick in the Wall, pt. 2*, do Pink Floyd, o DJ parou a música no momento do refrão e a torcida entoou “Hey Coxa, vai tomar no cu!”. Após o término do verso, a música gravada volta a tocar até o fim. Essa interação é interessante não apenas pelo ineditismo, mas também porque os dois grupos performam essa música de alguma forma em momentos distintos, mas neste jogo fizeram uma espécie de *collab*<sup>81</sup>. Observei que os torcedores gostaram dessa flexibilidade e da interação. Neste mesmo jogo, na hora da execução protocolar do hino do clube, ressalto outro evento musical comum nos jogos que estive presente em 2024. Parte dos torcedores que observei, com foco nos Fanáticos, não cantam o hino do clube, no horário da execução, eles cantam suas próprias músicas. Devido à distância e a falta de aderência dos demais públicos, não foi possível identificar com clareza as canções entoadas, com exceção do grito de “Athletico”. Esse evento é um dos símbolos da constante disputa não apenas pelo território sonoro da Arena da Baixada, mas também sobre a narrativa do que é ser athleticano.

*Começa a execução do hino do clube, algumas observações. Aqui vale a pena pontuar dois acontecimentos: o primeiro, é que a torcida, como um todo, não canta junto a reprodução, eles apenas assobiam após ouvir “Athletico!”. O segundo ponto, que não foi inédito, é que durante a execução nos alto falantes, a TOF não canta o hino, ela canta músicas próprias, e disputa o espaço sonoro, durante boa parte da música. Notei essa característica no jogo passado, e hoje novamente. Perguntei ao meu guia e ele respondeu que isso era comum da Fanáticos, que eles sempre tentavam interromper o hino, mas não sabia o motivo que levava isso a ocorrer. Perguntei se ele tinha alguma hipótese, já que tem uma vasta vivência*

---

<sup>81</sup> Collab é uma parceria artística entre dois ou mais artistas para performar uma ou mais obras. Uma das principais propostas desta prática é unir dois públicos distintos para expandir o alcance de uma obra ou artista.

*como torcedor e setorista, mas ele disse que não tinha, mas que também gostaria, pois era estranho a TO do CAP tentar encobrir o hino do CAP. Após o término da canção, de imediato, iniciou-se, dessa vez em áudio e vídeo no telão, a reprodução da campanha de marketing sobre o pacto do clube com a torcida.*

A batalha sobre o torcer não se restringiu somente ao campo musical. Neste jogo, como uma ação de engajamento e também para gerar a excitação da torcida, a administração do estádio achou uma boa ideia incrementar um show de explosão de papéis picados e de lançamentos de fumaças nas cores preta e vermelha no momento da execução do hino nacional. Além disso, eles ofereceram grandes cotonetes de plástico com as cores do clube para o torcedor apoiar o clube nas arquibancadas. Com o teto da arena fechado, a fumaça não se dissipou rapidamente, mas a torcida, no geral, gostou do show e engajou. Os torcedores jogaram os cotonetes em direção ao gramado durante o hino e a fumaça acrescentou um elemento místico ou “raiz” ao estádio: o Caldeirão do Diabo estava fervendo.

*Este foi o pré-jogo: em pé, amontado com outras pessoas, respirando fumaça e com muito calor. Uma experiência praticamente oposta às outras duas, no mesmo setor. A diferença se formou por alguns centímetros, se estivesse três cadeiras ao lado e sentado, a experiência poderia ter sido incrível, mesmo com calor e respirando fumaça, mas ao me sentir no meio da “muvuca”, algo próximo de um estádio tradicional, “raiz”, me senti muito desconfortável, pois a todo momento tinha que lidar com fatores externos que não me permitiu torcer, como estava aprendendo a torcer nos jogos anteriores.*

O contraste do torcer, mesmo dentro do setor 321, me fez refletir sobre essa linha tênue do que poderia ser a identidade athleticana. Existia, naquele momento, ao menos quatro forças influenciando os torcedores: a instituição que oferecia um material de apoio (cotonetes), além das fumaças e efeitos visuais com a explosão de papéis; o torcedor organizado cantando a todo instante sobre o seu pertencimento, inclusive durante o hino do clube; o próprio torcedor do setor 321 que poderia não estar acostumado a torcer nesse ambiente e, por fim, os demais torcedores que ocupavam as cadeiras e corredores e não apresentavam os comportamentos típicos que notei no decorrer da minha imersão. A experiência, como um todo, foi legal de ser observada, mas no intervalo do jogo, eu me encontrava exausto e sem ar, pois a fumaça, a aglomeração de pessoas ao meu lado e o calor não cessaram e comecei a passar mal. Priorizando a minha saúde, optei por ir embora.

*Ao sair da Arena, ainda durante o intervalo do jogo, notei que em um apartamento no prédio rente ao estádio, encontrava-se um senhor sem camiseta na sacada olhando para a rua e, mesmo sem querer, ouvindo os ruídos vindos do estádio.*

*Mesmo em um momento calmo do espetáculo, o som era ensurdecedor. Não é uma opção não ouvir [...].*

Outro momento simbólico, que demonstra a maleabilidade da linha tênue que delimita os comportamentos das culturas torcedoras ocorreu no jogo contra o Atlético Mineiro, em 2024. Para esse jogo, a administração do clube ofereceu bandeirinhas de tecidos pretas e vermelhas para todos os torcedores, além de promover espetáculos pirotécnicos e show de luzes. O visual da arena era impressionante. Entretanto, o que mais me chamou a atenção foi no final do jogo. Após o apito final, ocorreu um momento catártico.

*As luzes principais se apagam, tudo fica vermelho. Nos altos falantes o locutor comemora: conseguimos um novo recorde de público. Todos comemoram, o locutor agradece aos torcedores. Na beira do gramado à minha frente, uma cascata de pirotecnia começa a cair. Muitos aplausos. Do outro lado das arquibancadas ouvimos em alto e bom som um comando: “Senta! Senta!”. A solicitação da TOF é bem recebida. Muitos torcedores sentam. Em seguida, os torcedores cantam juntos a música “E somos a maior!” [...]*

*Organizados ou não, neste momento somos todos Fanáticos. A união dos torcedores e o bom entendimento da administração do estádio que não disputou o som ambiente com a torcida e ainda ajudou a criar um ambiente favorável com a iluminação, além das bandeirinhas, gerou um clima muito bonito. A sensação, que senti, é a de que o clube não vai ser rebaixado de forma alguma. O pacto está mais vivo do que nunca, a vitória propiciou isso, independente da qualidade do futebol jogado<sup>82</sup>.*

Jogos onde misturam um momento de grande excitação dos torcedores e a boa vontade da administração que exerce sua influência direta no suporte às manifestações, pode gerar a sensação de que se cria um impedimento no processo de acalmar e organizar o estádio, no processo de reprimir ao permitir que os torcedores possam torcer no “Modo Caldeirão”, como a campanha do marketing solicitou. Entretanto, creio que seja apenas um impedimento no discurso, visto que as principais manifestações do torcer se dão através das interferências do clube: cotonetes, bandeiras, faixas, fumaças, show de luzes, comemoração de um gol fazendo mais barulho após a solicitação do narrador, etc.

A reflexão contínua, a capacidade de previsão, o cálculo, o autocontrole, a regulação precisa e organizada das próprias emoções, o conhecimento do terreno, humano e não-humano, onde agia o indivíduo, tornaram-se precondições cada vez mais indispensáveis para o sucesso social (ELIAS, 1993, p.211).

---

<sup>82</sup> Assista ao momento descrito: [https://youtu.be/2\\_sF3ML3wIE](https://youtu.be/2_sF3ML3wIE)

Aos poucos, o torcedor aprende a liberar sua excitação em momentos sugeridos pelos detentores da casa, mesmo em meio às resistências da TO, o torcedor comum se condiciona ao controle e aparentemente aprova as mudanças. A performance institucional, e a previsibilidade para a liberação das emoções, ressoam positivamente em meio ao caos do “estádio raiz”, mesmo que seja durante a simulação de um torcer que se alimenta de uma lembrança do passado de uma arquibancada que já se transformou.

Esses sinais de aprendizagem sobre o torcer institucional, colocam a extinção da Torcida Organizada como uma possibilidade: se o clube oferece meios para o seu cliente manifestar o apoio (bandeiras, cotonetes, pirotecnia, etc.), o que sobra para uma TO? Hoje, o CAP ainda não oferece bandeirões ou músicas próprias, mas aos poucos demonstra que pode ressignificar a experiência da arquibancada sem necessariamente ter o apoio dos Fanáticos.

#### 3.4.4 Acréscimos

A música se mostrou presente, principalmente na função de “fio condutor” das culturas torcedoras, unindo e delimitando os espaços e influências dos grupos em 2024. Entretanto, em 2025, com os públicos mais segmentados em seus setores e com o estádio recebendo poucos torcedores, uma nova música se tornou protagonista no setor 321: o hino nacional. O primeiro jogo que percebi a ascensão desse protagonismo foi contra o Criciúma, no primeiro jogo da série B que acompanhei.

*A primeira impressão ao entrar no estádio é de que o jogo não atrairia mais que dez mil pessoas. Chegamos no setor 321 (setor “família”) e ele estava praticamente vazio, muito diferente do que eu estava habituado. Aos poucos, o estádio foi sendo preenchido pelas cores do Athletico. Os Fanáticos, aos poucos, ocuparam o espaço destinado a eles e, minutos antes da cerimônia de abertura do jogo começar, eles começaram a tocar e cantar. Ao iniciar a performance, o som do estádio cessou, mas acredito que foi apenas uma coincidência, pois segundos depois desse fato, os altos falantes começaram a tocar o hino nacional. A cerimônia começou. A única coisa que me chamou a atenção foi que no meu setor, a maioria dos torcedores se levantaram em reverência ao ouvir o hino nacional, alguns até cantaram. Esse ato “patriótico” era algo que eu não havia percebido nas outras oportunidades.*

Após esse episódio, presenciei a prevalência de uma performance gestual patriótica dos torcedores novamente no jogo seguinte, contra o Brusque, pela Copa do Brasil.

*O fim do pré-jogo se aproxima e, com ele, iniciou-se o protocolo de início do jogo. O locutor pede para nos levantarmos e respeitarmos a cerimônia da execução dos*

*hinos. De imediato, quase todos se levantam e participam daquele momento. Talvez essa seja a música com maior engajamento do estádio.*

Os dois jogos contra os times catarinense iniciaram entre 19h e 20h, em dia de semana e a média de público foi de aproximadamente 15 mil torcedores. Esses dados são interessantes para pensarmos nos diversos perfis de públicos que circulam a Arena da Baixada. Devido às datas e horários e também pelo fato do estádio se situar próximo a região central da cidade, suponho que o estádio tenha sido ocupado predominantemente por sócios-torcedores.

*No setor 321, os torcedores não pareciam preocupados em usar o uniforme do clube: diria que pelo menos 40% do setor estava usando roupas sociais ou trajes básicos que usamos em escritórios. Em relação a música da TO, pouco se escuta, só é possível ouvir a bateria e alguns ecos das vozes do grupo. Em alguns momentos foi possível observar algum torcedor tentando cantar junto, mas foram raras vezes. O que pode ser interessante é que esses torcedores que tentaram acompanhar, normalmente, estavam acompanhados de um ou mais amigo/familiar. Os torcedores que foram sozinhos, pelo menos os que eu pude observar, não demonstraram nenhuma interação mais ávida em relação a torcer. Por exemplo, não cantavam, não levantavam das cadeiras para protestar, não xingavam em voz alta. A única exceção foram nos momentos de gols. No gol, todos se levantam por poucos segundos, gritam, aplaudem, voltam a sentar e retomam o silêncio. A ideia de não incomodar e ser “educado” parece prevalecer ao “modo raiz de se torcer”. Uma característica interessante da torcida é que quanto mais distante do setor da Organizada, mais pessoas assistem ao jogo sentados. Em alguns momentos dava a sensação de que era algo combinado e muito bem organizado.*

O cantar, apesar de normalmente ser associado a uma prática coletiva nos estádios, soa como se fosse algo mais particular, pertencente agora a microcomunidades, onde o engajamento e a aprovação depende da presença de um familiar ou um amigo próximo. Talvez o ato de cantar por ter um ente querido ao seu lado possa estar associado a segurança ou a criação de uma memória afetiva, mas somente com essa pesquisa não foi possível verificar esse comportamento com mais precisão. Essa possível união entre família/amigos e o ato de extravasar em público me fez pensar na ideia, e na possível diferença entre o torcer e o pertencer a um clube ou comunidade.

### 3.5 TORCER & PERTENCER

A música, para o torcedor, permeia os sentimentos ao redor do pertencer, pode ser interpretado como um signo, mas não é exclusivo aos pertencentes. Durante minha pesquisa de campo, observei a relação do meu reconhecimento dos sons gerados no estádio com aqueles sons gerados pela torcida do time ao qual eu pertenço. Quanto mais eu reconhecia as músicas athleticanas, mais eu gostava das músicas do time ao qual eu pertenço, o São Paulo Futebol Clube. Entretanto, percebi que em nenhum momento deixei de torcer para o Athletico enquanto estava imerso na experiência: eu queria que desse certo, as minhas expectativas eram as melhores possíveis para presenciar um show nas arquibancadas e no campo.

A minha performance relacionada ao torcer era majoritariamente ligada à minha expectativa de entender os fenômenos e de aproveitar aquela rara oportunidade para acompanhar uma partida de futebol em um estádio. Além disso, eu queria que a experiência fosse positiva para também não me sentir frustrado por pagar por um entretenimento que não me agradasse. O valor monetário e o tempo investido são fatores importantes na equação. Unindo esses pontos, não é difícil imaginar uma pessoa torcendo para o clube ao qual está acompanhando naquele instante. A necessidade de ser saciado por um “bom entretenimento” é potencializada se esse time que você está acompanhando, e que detém a maioria da arquibancada, vence e/ou joga bem. É mais fácil de extravasar, é mais fácil de sentir o momento de euforia e de criar memórias mesmo que você não se sinta pertencente ao clube. É como assistir uma peça de teatro ou ir ao cinema e se surpreender com um filme que você não conhecia. Você sai da experiência satisfeito, mas isso não te torna necessariamente um fã do filme ou da companhia de teatro. Esse é o torcer que presenciei e vivi em minha pesquisa na 321.

Na mesma narrativa, presenciei outros torcedores que demonstraram pertencer ao clube de forma mais enfática, apaixonados e igualmente indignados com a situação do time no campeonato, preocupados em não subir para a primeira divisão em 2025, e temerosos em perder para o Coxa ou ficar na série B enquanto o rival poderia subir para a série A. Tenho a sensação de que pertencer a um clube ou uma torcida vai além da experiência do entretenimento, da efemeridade, ele está relacionado ao cuidado. Cuidado material e imaterial, da cultura, da preocupação em tentar cantar junto e em sincronia com uma TO e de

manter em circulação a simbologia de um clube que há pouco tempo vem tentando reinventar seus símbolos. Ambos os conceitos convivem harmoniosamente, por vezes podem ser confundidos, mas na prática, o campo fala. A arquibancada grita e evidencia as diferenças entre essas ideias correlatas.

A seguir colocarei na íntegra o meu sexto diário de campo, do jogo entre Athletico Paranaense e São Paulo. Apesar da pesquisa não ser autoetnográfica, utilizarei dessa experiência para demonstrar um pouco essa diferença percebida.

Caderno nº 6 - CAP x São Paulo

Competição: Copa do Brasil 2025

Rodada: n/a

Posição ou fase da competição: Segundo jogo das Oitavas de final

Data: 06/08/2025

Horário: 19:30h

Temperatura: 9º

Preço do ingresso: R\$ 30 (voucher) ou R\$ 150 / R\$ 75

Sócio-torcedor: foi possível comprar mais 4 ingressos por R\$ 75 cada nos setores RED ou GOLD

Público: 30.078

Renda: R\$ 1.543.590,00

Retrospecto dos últimos 3 jogos:

Vitórias: 0

Empates: 2

Derrotas: 1

Impressões e fatos descritos

Hoje foi um dia atípico na arena: o jogo era contra o time pelo qual eu torço e ao qual pertença. Por ser um clássico de muita rivalidade entre as torcidas, fui com mais cautela para o estádio. A minha performance como torcedor do CAP, e não do São Paulo, teria que ser perfeita, visto que se por um momento eu falhasse, a minha integridade física estaria em grande risco já que eu estaria em meio aos torcedores athleticanos.

Cheguei próximo das 18:30h no setor 321, sentei em uma fileira ainda vazia da arquibancada e fiquei observando a entrada dos demais torcedores. Aos poucos, muitos jovens ocuparam o setor, o que já me sinalizou que esse jogo de eliminatória seria de casa cheia, ou seja, a 321 estaria diferente, assim como em 2024. Sozinho, não me aventurei a pegar o meu celular pois caso eu olhasse as redes sociais, algum torcedor que sentasse próximo a mim poderia identificar que eu era são-paulino, e se eu filmasse demais, poderia gerar um estranhamento: por que um athleticano está filmando sem parar o estádio? Essas atitudes foram comuns nos outros jogos, mas nesse, não me aventurei, não me sentia seguro pois, em minha cabeça, eu era um infiltrado e temia ser identificado caso minha performance não fosse igual a dos outros.

De longe, eu observava a torcida são-paulina que lotou o setor adversário. Um sentimento de inveja, e orgulho, me preenchia. A cada música cantada pelos visitantes, a minha vontade era de cantar junto, de sorrir e torcer como nunca antes eu havia sentido vontade. Mesmo à distância e em um ambiente hostil, eu pertencia ao lado deles. Não reconhecia os rostos de nenhum são-paulino, tampouco podia me manifestar, mas eu cantava todas as músicas em minha mente, em sinergia, como se estivesse em um lugar familiar, em um lugar especial. Em meio a essa catarse intrapessoal, os athleticanos ao meu lado xingavam os adversários, alguns cantavam músicas athleticanas e aplaudiam os jogadores rubro-negros. Eu, como bom torcedor, reproduzia comportamentos semelhantes. Na minha mente tocava uma música são paulina, na minha boca saía uma athleticana, dizendo o oposto do que eu gostaria de cantar.

Começou o jogo. Meus gestos seguiram os dos meus pares. Palmas e gritos de “Athletico!” saíram do meu corpo. Aos 4 minutos do primeiro tempo, o juiz expulsa o Rafael, o goleiro do São Paulo. Eu, que vi o lance ocorrer bem na minha frente, comemorei fingindo estar em êxtase como os demais, mas na minha cabeça eu queria “matar” o árbitro que prejudicou o meu time, a meu ver, sem critério algum. A partir de então, a ansiedade e o nervosismo tomam conta de meu ser. Considero ir embora no intervalo do jogo pois sentia

que a qualquer momento a minha performance poderia falhar e eu não conseguiria mais esconder que eu era são-paulino! Nessa altura, o casal que estava ao meu lado xingando o São Paulo a todo momento, já tinham se tornado meus parceiros de arquibancada. A todo lance um deles conversava comigo como se eu fosse um grande amigo, um grande torcedor... como se eu fosse um athleticano. Um deles. Que agonia! Eles eram legais, mas O MEU time estava sofrendo em campo, como eu poderia manter o meu disfarce, e a minha sanidade, por mais um tempo sendo que estávamos com um jogador a menos? E se o São Paulo fizesse um gol com um jogador a menos? E se ele fosse eliminado? Pior, e se fosse para os pênaltis? Em todos os outros jogos que torci pelo CAP isso não era uma preocupação. Sofreria com eles, comemoraria com eles. Agora, eu precisava ser um deles, pertencendo ao adversário. Como essa performance, extremamente repulsiva em minha cabeça, poderia ser continuada por mais um tempo? A cada provocação da torcida são paulina que cantava “Série B” para os athleticanos, eu queria cantar junto e rir, mas de minha boca só saía “Athletico!”.

Como dá para notar, esse diário de campo não é sobre torcer, mas sim sobre os conflitos de pertencer ao outro, enquanto preciso torcer contra o outro, pelo menos enquanto estou dentro do estádio. Apesar de toda a tensão e crise nas identidades, existiram momentos de alívio. A cada erro dos jogadores, dos dois times, eu desabafava e botava para fora um pouco da minha tensão e ansiedade xingando um jogador, algo incomum vindo do meu personagem. Sempre que meus pares xingavam um atleta, eu xingava junto. Mesmo torcendo para o Athletico naquele momento, eu conseguia torcer para o São Paulo através da ofensa. A cada jogada de perigo que o time da casa executava de forma errada, eu soltava algo como “Meu Deus! Como esse cara errou isso?”. Apesar do tom de voz passar uma mensagem de protesto e raiva, eu estava feliz. Ah, eu estava muito feliz! Infelizmente a felicidade como são-paulino durou pouco.

Durante o segundo tempo, o Athletico fez um gol, o que levaria o jogo para os pênaltis. Na comemoração, aplaudi e comemorei junto com o casal que estava ao meu lado. Veja bem, eu tinha que festejar! O jogo foi para os pênaltis e o goleiro athleticano, o Santos, defendeu as 3 primeiras cobranças e encerrou a competição: o CAP venceu o São Paulo para a festa na Arena da Baixada, para a minha tristeza enquanto são-paulino e para o meu alívio enquanto ser humano: agora eu poderia ir embora e parar de torcer contra o que eu sou: um são-paulino convicto, quase totalmente irracional, mas que felizmente conseguiu se disfarçar por quase duas horas e saí ileso, apenas fisicamente, da Arena da Baixada.

Essa experiência, agonizante, me fez refletir ainda mais sobre o torcer e pertencer. Torcer é uma opção, é a performance de uma expectativa e é efêmera, pode ser delimitada no tempo e espaço. Pertencer é outra coisa. Pertencer está intimamente ligado ao ser o que se é, ele é atemporal e pode ser um ponto fixo de suas identidades. Eu posso ser filho, marido, pai, pesquisador, entusiasta de outros esportes e torcedor do Athletico enquanto estou dentro da Arena da Baixada, mas em todas essas identidades, eu ainda sou são-paulino.

Esse relato de experiência não estava previsto para ocorrer, essa seria uma experiência que eu guardaria para mim. No entanto, ao me colocar como um infiltrado e acima disso, como um impostor, pude reforçar quem eu sou e, principalmente, entender na prática o torcer e o pertencer a uma torcida e/ou a um clube de futebol. Durante todo o jogo, torci pelo Athletico Paranaense. Durante todo o jogo, pertenci, como sempre, ao São Paulo.

## FIM DE JOGO

A pesquisa, tanto nas redes sociais como em meio às arquibancadas da arena, apresentou características distintas das percepções pré-concebidas sobre o cantar nos pertenceres dos athleticanos que eu havia imaginado antes da imersão em campo. A ideia inicial de um estádio lotado e de uma torcida unificada que incentivava o time a todo o momento como se fossem uma só voz, dissipou-se logo nas primeiras visitas.

A Arena da Baixada foi um ambiente enriquecedor que me permitiu pensar e observar o processo civilizador na prática. A manobra administrativa do clube pela padronização dos costumes e dos torceres advindo da busca pela elitização do público através da venda dos ingressos por um alto valor monetário e da angariação de novos sócios-torcedores, gerou uma segmentação, e um estranhamento, entre os próprios torcedores. Mesmo utilizando os símbolos que remetem ao time em suas vestimentas, por vezes, alguns torcedores do setor 321 pareciam não reconhecer as práticas tradicionais do torcer e, às vezes, tampouco pareciam torcer para o mesmo clube. Os athleticanos ou o athleticanismo que vislumbrei na Arena da Baixada atravessou públicos compostos por athleticanos, fanáticos, torcedores do Caldeirão do Diabo, da Caveira, da velha arena, da Ligga Arena, do estádio Joaquim Américo Guimarães, da Arena Mario Celso Petraglia, dos anti-Coxas-brancas e dos simpatizantes por futebol que não ligam tanto assim para a rivalidade regional e/ou que tem o Athletico Paranaense como um segundo clube em sua estima, por exemplo.

Pensar no athleticanismo e nas narrativas criadas sobre as identidades do torcedor em meio ao centenário do clube é também pensar sobre o processo gradual de ressignificação dos ritos dentro de um discurso encorpado de novos estímulos: o CAP possui a Arena da Baixada que a é o primeiro estádio de teto retrátil do Brasil, é o clube bicampeão sul-americano, é o clube que utiliza um gramado sintético, é a instituição que não diminuiu o valor dos ingressos independente de estar jogando a Série A ou B do Campeonato Brasileiro e também entrega uma experiência confortável para se torcer e apreciar um jogo de futebol, característica desejada, e projetada para as arenas brasileiras de modo geral. Toda essa nova simbologia e reposicionamento do clube perpassa as vozes das arquibancadas. Se o CAP é uma das referências administrativas e econômicas no país dentro do segmento Futebol, por ser um clube superavitário e possuir uma estrutura robusta que comporta o futebol

profissional masculino e de base, o comportamento esperado dos clientes não aparenta ser diferente segundo o desejo da diretoria.

Nas arquibancadas do setor 321, as culturas torcedoras colidem, se estranham e se ressignificam em dias de jogos de grande público. O cantar, costume tradicional das torcidas, principalmente das TOs, perde espaço para as demais produções sonoras: palmas, vaias, onomatopeias (uhhh!). Na coexistência, os sons se misturam às vozes de outrora, de ecos de uma torcida organizada que mantém o cantar no seu torcer, de uma cacofonia reproduzida pela acústica da arena que potencializa a disritmia dos torceres. O canto não é exclusivo da TO, mas é administrado e dosado por estes agentes que performam, dançam e tocam seus instrumentos do outro lado do estádio. Esse grupo, subdividido em tantos outros grupos menores, são os que mais insistem em performar o seu apoio ou protesto através das palavras, independentemente se os demais setores que estão assistindo o espetáculo aprovam ou desaprovam suas ações. Entretanto, mesmo eles não são isentos das mudanças da arquibancadas. João Azevedo, da TOF, faz críticas e análises constantes em suas redes sociais sobre as transformações das arquibancadas. Por exemplo, aos poucos os palavrões nas letras são contestados e silenciados por torcedores que não concordam com a letra e se silenciam no momento da execução.

Assim como o cantar unifica, gera pertencimento e anima as arquibancadas, o não cantar e o silêncio também exerce tais funções com maestria. Na minha experiência, narro a ocasião onde, a pedidos do locutor da arena, obedeci os comandos de fazer barulhos batendo em qualquer objeto que ressoasse junto aos demais. Entretanto, ao performar o que me foi sugerido, me envergonhei ao notar a baixa adesão dos meus vizinhos e parei de executar de imediato por me sentir deslocado no setor 321. A não execução dos meus pares de arquibancadas, ou seja, o silêncio ou a não reprodução do comportamento desejado, me ensinou a me comportar e também me situou sobre onde eu estava e o que eu deveria fazer para continuar sendo bem visto entre eles. Nesse caso, permanecer em silêncio e não incomodá-los era o torcer correto. Precisei passar pela experiência e aprender, em poucos segundos, o que o processo civilizador já havia solidificado de novos comportamentos aceitáveis para eles. Isso não quer dizer que não há momentos que os torcedores não cantam ou produzem sons para os jogadores, significa apenas que esses momentos são pontuais e diria até que especiais. Para chamar a atenção do público, os atletas que estão no gramado precisam fazer por merecer, não é qualquer jogada que excita a plateia. Não é qualquer ato

que converte um cliente em um fã. Tem que se esforçar para ganhar o público, afinal, futebol é, além de um esporte, um entretenimento para quem assiste.

Durante toda a pesquisa o cantar esteve presente, mesmo em sua ausência. O setor 321 não produz suas próprias canções, mas nos jogos de grande público, quando a área está tomada por diversos perfis de torcedores, a compreensão da música se torna mais fácil devido a presença de comportamentos de outros setores como, por exemplo, as práticas sociais de alguns torcedores organizados que só conseguiram comprar o seu ingresso nas arquibancadas do 321. Em dias de jogos de baixo público, a cacofonia vinda do outro lado do estádio dificulta a compreensão e também a reprodução do comportamento caso alguém desse local deseje. É impossível falar de música no 321 sem falar da torcida organizada. Apesar da distância física, e talvez cultural, ela não separa os grupos, ela soma e compõem uma ligação de rivalidade entre essas comunidades. Dependendo do momento, o Outro não é o Coxa ou o time adversário que está em campo, o inimigo da festa está no outro lado do campo, independente de qual lado você esteja. Essa simbiose é sintomática e psicossomática.

Em meio a todos os athleticos e athleticanos, o canto e as produções sonoras aparentam dar vazão a um universo sensível, intrapessoal e quase invisível: não é possível ver, mas quase dá para tocar nessa tensão ao observar comportamentos não previsíveis. O torcedor, em jogos de grande público, parece viver na intersecção desse ambiente. Presenciei clientes em completo silêncio durante boa parte do jogo explodirem em êxtase cantando “E somos a maior” da TOF após uma vitória durante a reta final de 2024, onde os versos da canção engrandecem e reforçam o pertencimento dos membros e evidenciam que eles são os Fanáticos antes mesmo de serem athleticanos (“Fanáticos! Atlético!”). Nesses momentos de êxtase, o controle se flexibiliza, se reprime. Enquanto estão todos sentados ou em pé, mas em seus devidos lugares, a sensação de segurança permanece a mesma, apesar da ressonância sonora ser mais violenta para quem não está habituado com o ambiente. Entretanto, esse fenômeno faz parte da festa, ao entrar na arena, estamos sujeitos a todas essas variações.

Nesse ambiente, pertencer ao clube, à torcida, ou aos dois, se torna um ato consciente em um primeiro momento, mas durante o processo de conversão ou rejeição do torcedor, pode se tornar mais passional. A instituição instaurou um padrão comportamental onde o DJ da Arena emite avisos sonoros sobre quais ações a torcida deve tomar, sendo as mais emblemáticas: “faz barulho Caldeirão” e o “Gol do Furacão! Gol do camisa X (número

da camisa) + Primeiro nome do jogador. Faz barulho, Caldeirão!”<sup>83</sup>. Nesse processo de ensino e aprendizado, o torcedor comum, ou seja, o não organizado, tem a sua experiência facilitada. Ele pode torcer de forma mais efusiva somente quando solicitado e se assim desejar, pois não é preciso. Fica mais fácil torcer e registrar o momento para divulgar o seu “eu, torcedor” para os demais e até mesmo nas redes sociais, por exemplo. Não é mais preciso dançar como a TO, dependendo do jogo, o clube te oferece alguns adereços com as cores do CAP para ocupar e controlar os gestos. Com um cotonete de plástico nas mãos fica mais difícil dançar, mas agora é possível levá-lo junto com os demais se o locutor solicitar ou se sair um gol. A performance mais controlada e previsível é um adicional à experiência do cliente. Menos ansiedade sobre o pertencer, para participar da festa não é mais necessário conhecer o “manual de etiqueta do torcedor”, basta você responder adequadamente ao comando sonoro do locutor. A ativação institucional dos corpos e das vozes, apesar de poder soar como uma forma de domesticação, não é percebida dessa forma pelo torcedor do 321. A sensação de torcer do modo adequado é confortável e pode ser gratificante.

Essa nova dinâmica de estádio também pode ser vista como um aceno institucional do CAP para os atuais e futuros patrocinadores: agora nós temos mais controle sobre o que é dito e o que não é dito na Arena da Baixada. É mais seguro, ou menos arriscado, associar a sua imagem ao clube pois o modo de torcer athleticano não apresenta grandes riscos de prejudicar a reputação da marca se comparado às outras torcidas onde os clubes não exercem essa tentativa de controle sonoro e físico sobre seus clientes.

A partir dessas observações é coerente pensar que o futebol de estádio de futebol tem um leque de opções sobre a experiência que ele irá adquirir: além de poder escolher o setor do estádio, você pode escolher como torcer a depender do jogo. Cantar também é uma escolha. O seu silêncio não será julgado em alguns setores, em outros, você pode ser cobrado para cantar. Esse jogo, além daquele que está sendo realizado no gramado artificial de plástico, é muito racional e tem o seu preço. Pensando na experiência vivida, observo, como descrevi no diário de campo do jogo contra o São Paulo, que o processo de geração de pertencimento a um torcedor um clube é emocional, mas em meio aos constantes conflitos de identidades passionais, o cantar faz parte de uma estratégia de legitimação para pertencer ao grupo. Cantar é, além de um atalho social, uma prática de elevar a excitação e se sentir mais à

---

<sup>83</sup> Assista a performance: <https://www.youtube.com/watch?v=PfWGV1dxdiQ>

vontade para festejar em meio aos familiares e desconhecidos que compartilham a arquibancada.

No setor 321, em dias de jogos vazios, a prática de cantar não foi muito presenciada, mas a execução do hino nacional evidenciou que a música exerce a sua influência mesmo que seja gravada. O gestual de respeito feito pelos clientes em relação ao hino me chamou a atenção. Eles não possuíram as mesmas reações e o mesmo respeito durante a performance ao vivo do CAP, mas a ideia do patriotismo e a possível adoração pelos símbolos ali evocados, superou, ou complementou, a identidade athleticana desses indivíduos.

Saber cantar as músicas da TOF é um meio de validação da identidade de um torcedor raiz, que é tradicionalmente valorizada entre os torcedores não somente do CAP, mas como nos demais clubes de forma geral. Pertencer a um grupo que performa uma identidade com traços tradicionais em meio a uma arena moderna e que dita constantes transformações sobre as práticas identitárias condiciona o torcedor a se tornar um cliente e promotor do estilo de vida relacionado ao athleticanismo (vestimentas, se tornar sócio-torcedor, consumir no boulevard, etc.) e também a se tornar um pertencente. Essa não é uma hierarquia de poder ou de valor, mas faz parte de um processo mais complexo sobre a identidade de um torcedor. Ser athleticano, além de significar apoiar o clube ou a sua torcida, é também transitar entre as constantes narrativas entre o que sou, o que fui e o que querem que eu me torne. Em meio a essa constante crise identitária, representada nas canções, nos símbolos, na administração do clube e na TO, o torcedor que também é um cliente e consumidor de entretenimento cultural, se desenvolve e se fragmenta, conscientemente, sobre o seu próprio athleticanismo.

## REFERÊNCIAS

ALABARCES, Pablo. Fútbol, música y narcisismo: algunas conjeturas sobre 'Brasil, decime qué se siente'. **El oído pensante**, Buenos Aires, v. 3, n. 1, p. 43-61, 2015. Disponível em: <<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/oidopensante/article/view/7454>>. Acesso em: 20/05/2025.

AZEVEDO, Antônio Soares de. **Especial Charanga 70 anos - Parte 3**. Fla TV, 2012. Entrevista. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=j0zDRSLf\\_h8](https://www.youtube.com/watch?v=j0zDRSLf_h8)>. Acesso em: 07 nov. 2024.

BRASIL. **Estatuto de defesa do Torcedor**. Biblioteca digital da Câmara dos Deputados. Brasília, 2 edição, 2012. Disponível em: <[https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/10072/estatuto\\_torcedor\\_2ed.pdf](https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/10072/estatuto_torcedor_2ed.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2024.

BROMBERGER, Christian. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da Etnologia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 237-253, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/i/2008.v14n30/>>. Acesso em: 16 ago. 2024.

CAPRARO, André Mendes. O estádio Joaquim Américo: a "Arena da Baixada" e a identidade clubística do torcedor do Clube Atlético Paranaense. **Campos - Revista de Antropologia**. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 131-149, 2004. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/1639>>. Acesso em: 02 fev. 2024.

CAPESTRANI, Carlos Eduardo. **A festa como transgressão das Torcidas Organizadas: uma etnografia da Torcida Tricolor Independente**. 2009. Dissertação (Mestrado, Ciências Sociais). PUC-SP, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/handle/handle/4059>>. Acesso em: 14 jan. 2024.

DELFINO, Vera Lucia. **Perfil do Sócio-Torcedor do Clube Athletico Paranaense**. 2019. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso, Educação Física). UTFPR, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/24216#:~:text=%C3%89%20um%20torcedor%20com%20um.como%20torcedor%20da%20era%20digital>>. Acesso em: 05 fev. 2024.

DOMÍNGUEZ, María Eugenia. Versiones, apropiación e intermusicalidad en el Rio de la Plata. **Antropologia em primeira mão**, Santa Catarina, v.126, p. 1-19, 2011. Disponível em: <<https://antropologiaprimeiramao.paginas.ufsc.br/files/2011/05/126.pdf>>. Acesso em: 19/05/2025.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador - Volume 2: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1993.

FONTENELLE, Carol; PINTO, Sheila Ferreira. In: XVII enecult, encontro de estudos multidisciplinares em cultura, edição 17, 2021, Salvador. **Músicas e torcidas organizadas: novas apropriações em contexto de pandemia**. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132396.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2024.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Torcidas: o estádio como ritual de intensidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSEN, Viviane. **Torcida Organizada Os Fanáticos: relacionamentos e sociabilidade**. 2007. Dissertação (Mestrado, Ciências Biológicas). UFPR, Curitiba, 2007. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/81023>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. 2008. Tese (Doutorado, Ciências Sociais). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=112137](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=112137)>. Acesso em: 22 set. 2024.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; SILVA, Melba Fernanda da. No tempo da Charanga. **Espor e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, p. 1-8, 2007. Disponível em: <[https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/130038\\_es406.pdf](https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/130038_es406.pdf)>. Acesso em: 07 nov. 2024.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AZEVEDO, Anna Luiza; QUEIROZ, Ana Luisa. Das Torcidas Jovens às Embaixadas de torcedores: uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no futebol brasileiro. **Record**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1-37, 2014. Disponível em: <[https://media.proquest.com/media/hms/ORIG/1/5grvB?\\_s=CqW1QhSsNA3vf7I4ci4jwlgkwq8%3D](https://media.proquest.com/media/hms/ORIG/1/5grvB?_s=CqW1QhSsNA3vf7I4ci4jwlgkwq8%3D)>. Acesso em: 02 fev. 2024.

KUPPER, Agnaldo. Na vitória do sistema, a espetacularização do futebol. **Revista brasileira de futsal e futebol**, São Paulo, v. 13, n. 54, p. 554-564, 2021. Disponível em: <<https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1153>>. Acesso em: 05 set. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/6PHBfP5G566PSHLvt4zqv9j/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 set. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Quando o campo é a cidade**: fazendo antropologia na metrópole. USP, 1996. Disponível em: <[https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/qnd\\_o\\_campo\\_cidade.pdf](https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/qnd_o_campo_cidade.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2024.

MAIA, Marco. “Apresentação”. In: **Estatuto de defesa do Torcedor**. Biblioteca digital da Câmara dos Deputados. Brasília, 2 edição, 2012. Disponível em: <[https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/10072/estatuto\\_torcedor\\_2ed.pdf](https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/10072/estatuto_torcedor_2ed.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2024.

MARRA, Pedro Silva. Por que Torcidas Organizadas de um mesmo time nem sempre cantam em uníssono no Brasil? - Violência, políticas sônicas e práticas torcedoras. **Record**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 1-24, 2023. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/58978/31904>>. Acesso em: 5 fev. 2024.

NASCIMENTO, Hércules Vicente do; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. A “Maioral”: uma etnografia da Torcida Jovem do Botafogo Futebol Clube da Paraíba. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 8, p. 1-17, 2011. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1831>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MACHADO; João Castelo Branco; OLIVEIRA, Allan de Paula; SOUZA, Hélder Cyrelli de. **O futebol da contracapa**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2012.

PROHMANN, José Ivan de Paula. **Dinâmica do esporte e espetacularização do futebol na estratégia de clubes de futebol profissional**: um estudo comparativo de casos. 2001. Dissertação (Mestrado, Sociais Aplicadas). UFPR, Curitiba, 2001. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60657>>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Recordar é viver!”: cânticos de torcida, memória e fontes orais. **História Oral**. Rio Grande do Sul, v. 24, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1191>>. Acesso em: 12 mai. 2025.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. **Cadernos de Campo**, São Paulo, nº 17, p. 237-260, 2008. Acesso em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4573195/mod\\_resource/content/1/etnografia%20da%20musica%20seeger.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4573195/mod_resource/content/1/etnografia%20da%20musica%20seeger.pdf)>. Acesso em: 07 set. 2024.

SILVA, Vitor Hugo Haidar da. **Gaviões da Fiel**: cultura de Arquibancada contra o futebol moderno. 2018. Dissertação (Mestrado, Humanas). UNICAMP, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1080391>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 28, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48474/28236>>. Acesso em: 05 ago. 2024.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Por que xingam os torcedores de futebol? **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.3, n.3, p. 20-29, 1993. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50573>>. Acesso em: 05/09/2024.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.

VEDANA, Viviane. Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana. **Illuminuras**. Porto Alegre, v. 11, n. 25, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/15537>>. Acesso em: 30 jun. 2025.

## FONTES

ARAÚJO, Alexandre; MADRID, Bruno. **São Paulo: como organizada usará novo banco para fortalecer torcida e clube.** UOL, 2024. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2024/05/29/sao-paulo-independent-e-2go-banco-organizada.htm>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. **STJD pune cantos homofóbicos da torcida do Corinthians.** Agência Brasil, 2023. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/esporte/stjd-pune-cantos-homofobicos-da-torcida-do-corinthians/>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

AZEVEDO, André. **ANDRÉ (PRESIDENTE DA DRAGÕES DA REAL) - TRICOLAÇOS #025.** Tricolaços, 2024. Entrevista. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=vi61KQe\\_g68&ab\\_channel=Canal3Zagueiros](https://www.youtube.com/watch?v=vi61KQe_g68&ab_channel=Canal3Zagueiros)>. Acesso em: 05 nov. 2024.

AZEVEDO, João. **Eu me cobro dia após dia para apresentar uma evolução de arquibancada, eu estudo arquibancada, mas as coisas não dependem só de mim. O mundo mudou, as pessoas não estão nem aí pra regras e ideologias de estádio, apenas pagam o sócio e fazem o que querem.** Curitiba, 3/2/2025. X: @joaophilippe. Disponível em: <<https://x.com/JoaoFilippe/status/1886512240804696129?s=08>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

AZEVEDO, João. **Funcionários fazendo bandeirinhas? Ridículo! Quem deve fazer tudo são os torcedores, organizados ou não, se mobilizando em mutirões. Lembram dos mosaicos? Lembram dos chocalhos de jornal? O clube deve ser apenas um agente facilitador das festas, nada além disso.** Curitiba, 13/11/2024. X: @joaophilippe. Disponível em: <<https://x.com/JoaoFilippe/status/1856847548020891992>>. Acesso em: 15 fev. 2025.

AZEVEDO, João. **Aos que não entenderam... Vou desenhar. Qual a graça de ser torcedor de futebol e não participar do processo de desenvolvimento de uma festa na bancada? Qual a graça de chegar e já ter tudo pronto? Festa terceirizada? A torcida, e nem falo da organizada, precisa se mobilizar e atuar na festa, com o clube fazendo sua parte, facilitando o processo, cedendo espaço físico, mas deixando os torcedores cuidando disso, por amor, e não com funcionários trabalhando nisso. No mundo inteiro é assim.** Curitiba, 13/11/2024. X: @joaophilippe. Disponível em: <<https://x.com/JoaoFilippe/status/1856866030183674187>>. Acesso em: 15 fev. 2025.

AZEVEDO, João. **Eu sei o que já foi, e você matou a charada, nunca mais será igual. Pode ser melhor ou pior, mas igual nunca mais. Nossa torcida não canta nem o hino, nem Furacão eô, música com xingamentos então nem pensar hahahaha.** Curitiba,

03/02/2025. X: @joaofilippe. Disponível em: <<https://x.com/JoaoFilippe/status/1886570819419050439>>. Acesso em: 10/10/2025.

AZEVEDO, João. **Papo reto de arquibancada!**. Curitiba, 31/3/2024. Instagram: @joaouladovski. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/C7pZva0vXC-/?igsh=MWpiOGpxOHFzbXR4cg%3D%3D>>. Acesso em: 18 out. 2024.

BARCELLOS, Júlio Cesar. **Torcedor do Peñarol viaja mais de 2 mil km de bicicleta para semifinal da Libertadores.** GE, 2024. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2024/10/23/torcedor-do-penarol-viaja-mais-de-2-mil-km-de-bicicleta-para-semifinal-da-libertadores.ghtml>>. Acesso em: 03 nov. 2024.

BAND. **Torcida Organizada do São Paulo é liberada para jogo da Libertadores.** BAND, 2024. Disponível em: <<https://www.band.com.br/esportes/torcida-organizada-do-sao-paulo-e-liberada-para-jogo-da-libertadores-202408211043>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

BRUCKNER, Anton. **Anton Bruckner Symphony No 5 in B-flat Major - Sergiu Celibidache, MPO, 1985.** Munique, Alemanha, 1985. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=iOTzCgMxy\\_o&list=RDiOTzCgMxy\\_o&start\\_radio=1&t=280s&ab\\_channel=AndreiPopescu](https://www.youtube.com/watch?v=iOTzCgMxy_o&list=RDiOTzCgMxy_o&start_radio=1&t=280s&ab_channel=AndreiPopescu)>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CLUB ATHLETICO PARANAENSE. **Eu vou voltar.** Curitiba, Paraná. 2025. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=lyzcluUt4J4&ab\\_channel=AthleticoParanaense](https://www.youtube.com/watch?v=lyzcluUt4J4&ab_channel=AthleticoParanaense)>. Acesso em: 10/04/2025.

CLUB ATHLETICO PARANAENSE. **CLUB ATHLETICO PARANAENSE, 101 ANOS.** Curitiba, Paraná. 2025. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=jUs\\_\\_BCJ4hU](https://www.youtube.com/watch?v=jUs__BCJ4hU)>. Acesso em: 10/04/2025.

CLUB ATHLETICO PARANAENSE. **A NOVA MARCA DO FURACÃO.** Curitiba, Paraná. 2018. Disponível em: <<https://www.athletico.com.br/historia/a-nova-marca-do-furacao>>. Acesso em: 5 mar. 2025.

CLUB ATHLETICO PARANAENSE. **Erramos. Ao fazer o que todo mundo faz. Ao esquecer que é o Athletico quem transforma o futebol. E não o contrário. Ao fazer de um ano de expectativas, uma jornada de incertezas. Erramos. Mas não fugiremos das nossas responsabilidades. Não fuja da sua. Por isso, quem é Sócio Furacão, em dia com**

**as mensalidades, já teve seu check-in confirmado automaticamente para as próximas rodadas. Seis decisões esperam por você. O Athletico, também.** Curitiba. 23/10/2024. X: @AthleticoPR. Disponível em: <<https://x.com/athleticopr/status/1849165326207877582>>. Acesso em: 15 set. 2025.

CLUB ATHLETICO PARANAENSE. **Sócio Furacão.** Curitiba, Paraná. s.d. Disponível em: <<https://socio.athletico.com.br/>>. Acesso em: 30 jan. 2025.

CNN Brasil. **Mancha Verde é proibida de entrar nos estádios de São Paulo.** CNN Brasil, 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/palmeiras/mancha-verde-e-proibida-de-entrar-nos-estadios-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

COLOMBO, Mariah. **Curitibanos vão mais a festas juninas do que carnaval, indica pesquisa sobre hábitos culturais nas capitais.** G1, 2025. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2025/02/05/pesquisa-sobre-habitos-culturais-nas-capitais-curitiba.ghtml>>. Acesso em: 09 out. 2025.

COSTA, Brenno. **São Paulo denuncia homofobia de torcedores do Palmeiras; veja o que motivou a queixa.** CNN Brasil, 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/sao-paulo-denuncia-homofobia-de-torcedores-do-palmeiras-veja-o-que-motivou-a-queixa/>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

CYRILLO, Nino; TORRES, Yasmin. **Torcedor do Corinthians sai de Recife e percorre mais de 3 mil quilômetros de bicicleta para ver o time: 'Apoiar do começo ao fim'.** ESPN, 2023. Disponível em: <[https://www.espn.com.br/futebol/corinthians/artigo/\\_/id/12480919/torcedor-corinthians-sai-recife-percorre-mais-3-mil-quilometros-bicicleta-ver-time](https://www.espn.com.br/futebol/corinthians/artigo/_/id/12480919/torcedor-corinthians-sai-recife-percorre-mais-3-mil-quilometros-bicicleta-ver-time)>. Acesso em: 3 nov. 2024.

DARIN, Flávio; MARCHIORI, Guto; PIVA, Daniel. **Athletiba 100 anos: os números e as divergências no total de jogos do clássico.** GE, 2024. Disponível em: <<https://ge.globo.com/pr/futebol/campeonato-paranaense/noticia/2024/02/15/athletiba-100-anos-os-numeros-e-as-divergencias-no-total-de-jogos-do-classico.ghtml>>. Acesso em: 15 mar. 2025.

FALBO, Daniel. **Primeira torcida organizada do Brasil, Charanga Rubro-Negra completa 80 anos.** Flamengo, 2022. Disponível em: <<https://www.flamengo.com.br/noticias/futebol/primeira-torcida-organizada-do-brasil--charanga-rubro-negra-completa-80-anos>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

FURACAO.COM. **Fanáticos.** Sem data. Disponível em: <<https://arquivo.furacao.com/torcida/fanaticos.php>>. Acesso em: 20 mar. 2025.

GAZETA DO POVO. **Petraglia fala de vitória “do bem contra o mal” sobre organizada.** Gazeta do Povo, 2016. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/athletico-pr/petraglia-fala-de-vitoria-do-bem-contra-o-mal-sobre-organizada-emm76pncblefdu0bobjcrqxj/>>. Acesso em: 01 mai. 2025.

GE. **Fim do pacto? Athletico manda padre benzer CT para afastar má fase.** GE, 2025. Disponível em: <<https://ge.globo.com/pr/futebol/times/athletico-pr/noticia/2025/07/31/fim-do-pacto-athletico-manda-padre-benzer-ct-para-afastar-ma-fase.ghtml>>. Acesso em: 10 set. 2025.

GE. **Torcidas organizadas do Ceará brigam entre si em empate na Arena Castelão.** GE, 2024. Disponível em: <<https://ge.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/2024/06/21/torcidas-organizadas-do-ceara-brigam-entre-si-em-empate-na-arena-castelao.ghtml>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

GE. **Ingressos na Série B: confira o menor e o maior preço cobrado pelos times nas primeiras rodadas.** GE, 2025. Disponível em: <<https://ge.globo.com/pr/futebol/brasileirao-serie-b/noticia/2025/04/16/ingressos-na-serie-b-confira-o-menor-e-o-maior-preco-cobrado-pelos-times-nas-primeiras-rodadas.ghtml>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

GOMES, Henrique. **BABY (TORCIDA INDEPENDENTE) - TRICOLAÇOS #010.** Tricolaços, 2023. Entrevista. Disponível em: <<https://youtu.be/2Qzzqd3SmHk>>. Acesso em: 19 jan. 2024.

GUEDES, Marcos. **Justiça manda prender presidente e outros 5 torcedores da Mancha Verde.** CNN Brasil, 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/justica-manda-prender-presidente-e-outras-5-torcedores-da-mancha-verde/>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

MACHADO, Heitor. **Da Baixada à Arena: conheça as etapas e mudanças da casa do Athletico até o momento atual.** GE, 2024. Disponível em: <<https://ge.globo.com/pr/futebol/times/athletico-pr/noticia/2024/03/07/da-baixada-a-arena-conheca-as-etapas-e-mudancas-da-casa-do-athletico-ate-o-momento-atual.ghtml>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

MARCHIORI, Guto. **Na Série B, Coritiba supera Vasco, Santos, Botafogo e outros cinco da elite em média de público; veja lista.** GE, 2025. Disponível em: <<https://ge.globo.com/pr/futebol/times/coritiba/noticia/2025/10/09/na-serie-b-coritiba-supera-vasco-santos-botafogo-e-outras-cinco-da-elite-em-media-de-publico-veja-lista.ghtml>>. Acesso em: 10 out. 2025.

MC DAVI. **Tenho libertadores, não alugo estádio.** São Paulo, São Paulo. 2023. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=n-Aqwr2msUA&ab\\_channel=GODOYEXPLODEFUNK](https://www.youtube.com/watch?v=n-Aqwr2msUA&ab_channel=GODOYEXPLODEFUNK)>. Acesso em: 18 mai. 2025.

MOVIMENTO VERDE E AMARELO. **Quem somos.** Movimento verde e amarelo, 2024. Disponível em: <<https://movimentoverdeamarelo.com.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2024.

MOURA, Raul. **Palmeiras é punido por gritos homofóbicos em jogo contra o São Paulo.** CNN Brasil, 2024. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/palmeiras/palmeiras-e-punido-por-gritos-homofobicos-em-jogo-contra-o-sao-paulo/>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

NASCIMENTO, “Guigui”. **Especial Charanga 70 anos - Parte 1.** Fla TV, 2012. Entrevista. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=HfxctXDjdvM&t=4s&ab\\_channel=FLATV](https://www.youtube.com/watch?v=HfxctXDjdvM&t=4s&ab_channel=FLATV)>. Acesso em: 06 nov. 2024.

OS FANÁTICOS BATERIA. **Venha fazer parte da Bateria da Torcida Os Fanáticos!** Curitiba, 23/02/2024. Instagram: @osfanaticosbateria. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/C3sk-EFuWEe/>>. Acesso em: 26 jun. 2025.

PETRAGLIA, Mario Celso. **Petraglia desabafa sobre vice do Athletico-PR para o Flamengo na Libertadores e ironiza adversário.** ESPN, 2023. Disponível em: <[https://www.espn.com.br/futebol/libertadores/artigo/\\_/id/12924587/petraglia-desabafa-vice-athletico-pr-flamengo-libertadores-ironiza-adversario-time-velho](https://www.espn.com.br/futebol/libertadores/artigo/_/id/12924587/petraglia-desabafa-vice-athletico-pr-flamengo-libertadores-ironiza-adversario-time-velho)>. Acesso em: 28 out. 2025.

PREFEITURA DE CURITIBA. **Censo IBGE: Católicos continuam maioria, mas aumenta o número de adeptos de outras religiões em Curitiba.** Curitiba, 2025. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/catolicos-continuam-maioria-mas-aumenta-o-numero-de-adeptos-de-outras-religioes-em-curitiba/77743>>. Acesso em: 17 set. 2025.

QUINTOANDAR. **Conheça os 10 bairros nobres de Curitiba para morar.** Curitiba, 2021. QuintoAndar. Disponível em: <<https://www.quintoandar.com.br/guias/cidades/bairros-nobres-de-curitiba/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

REDAÇÃO DO GE. **Maiores torcidas do Brasil: pesquisa mostra Flamengo na ponta, e Palmeiras mais perto do São Paulo.** GE, 2024. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/noticia/2024/08/21/maiores-torcidas-do-brasil-pesquisa-mostra-flamengo-na-ponta-e-palmeiras-mais-perto-do-sao-paulo.ghtml>>. Acesso em: 24 jun. 2025.

RIBEIRO, Bárbara. **Torcedor do River Plate que mora na Venezuela viaja de carona para jogo na Arena MRV.** O Tempo, 2024. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/sports/atletico/2024/10/22/torcedor-do-river-plate-que-mora-na-venezuela-viaja-de-carona-pa>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

RUDNICK, Fernando. **Pesquisa revela que torcida do Atlético ampliou vantagem sobre a do Coritiba.** Gazeta do Povo, 2017. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/pesquisa-revela-que-torcida-do-atletico-ampliou-vantagem-sobre-a-do-coritiba-8l0fgdbewiztj86czyzw4rwb/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

RUDNICK, Fernando. **Pesquisa mostra índice alto de pessoas de Curitiba que não torcem para times da capital.** Gazeta do Povo, 2017. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/pesquisa-mostra-indice-alto-de-pessoas-de-curitiba-que-nao-torcem-para-times-da-capital-dv78eayd2rtskoo984hyhmvjv/>>. Acesso em: 12 nov. 2024.

TEIXEIRA, Pablo Felipe. **Pablo alfineta Coritiba após título do Athletico no centenário.** UmDois Esportes, 2024. Disponível em: <<https://www.umdoisesportes.com.br/athletico/pablo-alfineta-coritiba-titulo-athletico-centenario/>>. Acesso em: 28 out. 2025.

TERRA. **Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na Arena do Grêmio.** TERRA, 2014. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/santos/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio,a35122e4c2f18410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>>. Acesso em: <07 jun. 2025.

TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS. **Acervo digital.** Letras, 2025. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/>>. Acesso em: 05 jan. 2025.

TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS. **Os Fanáticos.** Curitiba, 2024. Disponível em: <<https://open.spotify.com/album/7fs6DFqIPcD936PV5ar9Mo>>. Acesso em: 14 abr. 2024

TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS. **Atirei o pau nos Coxas**. Curitiba, Paraná. Sem data. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/890931/>>. Acesso em: 14 mai. 2025.

TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS. **Bem-vindo ao Caldeirão**. Curitiba, Paraná. Sem data. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/bem-vindo-ao-caldeirao/>>. Acesso em: 14 out. 2025.

TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS. **E somos a Maior!** Curitiba, Paraná. Sem data. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802842/>>. Acesso em: 14 out. 2025.

TORCIDA ORGANIZADA OS FANÁTICOS. **Não conte histórias, faça parte delas! Seja Sócio Caveira!** 🔥💀. Curitiba, 10/4/2024. Instagram: @osfanaticos\_oficial. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/C5ldCv2u2Oq/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C5ldCv2u2Oq/?img_index=1)>. Acesso em: 24 jun. 2025.

TORCIDA ORGANIZADA GUARDA POPULAR. **Mais que um vício**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sem data. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/internacional-rs/1226993/>>. Acesso em: 20 mai. 2025.

TORCIDA ORGANIZADA TRICOLOR INDEPENDENTE. **Nunca fui rebaixado (Não alugo estádio)**. São Paulo, São Paulo, sem data. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/sao-paulo-futebol-club/1905939/>>. Acesso em: 20 mai. 2025.

UOL. **Atlético-PR coloca mensagem política na Arena, e Petraglia apoia Bolsonaro**. UOL, 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2018/10/06/atletico-pr-deixa-mensagem-politica-no-estadio-e-petraglia-apoia-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 08 set. 2025.

WATERS, Roger. **Another brick in the wall, Part Two**. Reino Unido: Harvest Records, 1979. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/pink-floyd/64541/>>. Acesso em: 20 mai. 2025.

WHITE, Jack. **Seven Nation Army**. EUA, 2003. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/the-white-stripes/67250/>>. Acesso em 20 jun. 2025.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - CAP x Cruzeiro - Caderno de campo nº 1

Jogo: CAP x Cruzeiro

Competição: Campeonato Brasileiro

Rodada: 31<sup>a</sup>

Playlist:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLnCDBxxmMTW7TRbOB32ZugD0oij1ohoZL>

Data: 26/10/24 (sábado)

Horário: 18:30h

Temperatura: 18°

Preço do ingresso: R\$ 60 / R\$ 30

Público: 35.936 pagantes

Renda: R\$ 926.030,00

Retrospecto dos últimos 3 jogos:

Vitórias: 0

Empates: 0

Derrotas: 3

Impressões e fatos descritos

Iniciei o trajeto, da minha residência para a Arena Ligga, a pé, pela avenida Silva Jardim, avenida perpendicular ao estádio, às 16:20h. O trajeto durou aproximadamente 20 minutos. Notei, durante a caminhada, que os pedestres usavam vestes predominantemente pretas ou rubro-negras. Mesmo relativamente distante do estádio ou da presença de torcedores organizados, a cor verde, do principal rival, o Coritiba, não se via presente.

Chegando à praça, localizada em frente do estádio, encontrei meu amigo de graduação e fanático pelo Athletico, Douglas, e sua companheira, Giovana, que faziam as funções de guias e informantes em relação à rotina do torcedor. Nos dirigimos à entrada da arena conforme as orientações que constam no ingresso. Primeiro foi necessário passar por uma revista, depois por uma catraca com reconhecimento facial que logo me identificou e liberou o acesso, não sendo necessário comprovar o ingresso ou alguma documentação para provar a titularidade. A tecnologia foi muito prática e útil para agilizar o tempo. Logo que entrei nos corredores para me dirigir à área onde comprei o ingresso (setor 324), recebi a primeira dica: “aqui na Arena você não precisa ficar no seu setor. Você compra o direito de ficar na região, mas você pode sentar em qualquer lugar da região, só não pode tentar passar pela barreira (uma divisória aparentemente de vidro), ali é o limite. Como compramos na mesma região, vamos sentar com você nesse jogo”. Dito e feito, ao entrar na arquibancada, ficou mais fácil de visualizar a dica.

Sentamos na arquibancada superior, na curva do estádio, relativamente próximo à torcida visitante, no setor 321. Logo ao sentarmos, Douglas me dá a segunda dica: “aqui é o setor das famílias, podemos assistir sentados. Já já você vai ver uma galera levantando e outra galera xingando eles e pedindo para todo mundo sentar, aqui é normal. O pessoal gosta de assistir de boa, assim não atrapalha ninguém”. O setor de fato parecia familiar, contava com muita presença de mulheres e crianças, se não fosse em um campo de futebol, seria possível confundir aquela plateia com a de um teatro infantil, por exemplo. Nesse setor, apesar da maioria dos torcedores usarem o uniforme do clube, Douglas relatou que não é incomum a maioria dos frequentadores utilizarem outras roupas, como, por exemplo, a de trabalho. Ele informou que em dias de semana, quando o jogo é no período noturno, é comum a torcida, daquela área, vir direto do trabalho. Ali era um setor mais tranquilo, mais informal e calmo para “relaxar”, nas palavras dele.

Após sentarmos, aproximadamente às 17h, faltando 1 hora e meia para o início, algumas novidades, pelo menos para mim. Nas redondezas, os torcedores começaram a chegar com bebidas, principalmente cerveja. Na Arena, é permitido o consumo de bebidas alcoólicas. Durante o jogo, entram e saímos para a compra de bebidas e comidas, o clima e os gestos não aparentavam espelhar a realidade do clube na tabela de classificação do campeonato. Muitas fotos, celulares nas mãos, sorrisos entre os pares. Um clima bem familiar e amistoso. Conforme o público entrava, a música ambiente, alternando entre rock e música eletrônica,

era constante<sup>84</sup>. O som estava muito alto e, por vezes, impossibilitava qualquer conversa se não fosse a base do grito, mesmo estando a poucos centímetros da outra pessoa. Na primeira tentativa de conversa com o som estourado, veio a terceira dica: “Quando eles fecham o teto, fica muito difícil de ouvir direito. Fica tudo abafado, tanto o som como nós, pois vai ficar bem quente já já”. O teto da arena, o primeiro a ser retrátil no Brasil, criava um efeito estufa. Som estourado, calor, e Os Fanáticos (TOF) no outro extremo do estádio. Na minha cabeça, era mais provável ouvir a torcida rival, do Cruzeiro, do que a nossa organizada. Durante praticamente o pré-jogo inteiro a música ambiente rivalizava com a bateria da Fanáticos que começou a tocar 1h antes do início do jogo. O resultado era um ruído constante, misturando rock e tambores, mas o som dos alto falantes ganhou se eu for comparar somente o volume e o que chegava até nós.

Durante todo o tempo, as músicas pareciam um espetáculo à parte, vazio em sua arquibancada invisível. O público pouco interagiu antes do jogo iniciar, e na minha primeira impressão, acredito que a maioria dos presentes pouco conheciam as músicas da torcida. Conversando sobre isso com o Douglas, recebi uma informação nova: “durante o jogo, cada setor tem um funcionário do estádio que faz a função de animar a torcida. O dessa área aqui é fixo pelo menos, ele tá aqui todo jogo, daqui a pouco ele aparece e aí começa a pedir pra torcida cantar e fazer barulho.” O animador de festa não apareceu durante o jogo, mas registrei essa informação e fiquei na expectativa de entender melhor essa figura nas próximas partidas.

O horário do jogo se aproximava, nos altos falantes, além da música ambiente, era possível ouvir o locutor pedindo para quem fosse fotossensível se proteger ou se retirar das cadeiras e dirigir aos corredores de acesso à arquibancada. Em breve começaria um evento de luzes e som no gramado. Esse evento faz parte da campanha de marketing relacionado ao “Pacto” do time e também tentou criar um clima de euforia logo antes do início da partida para, do meu ponto de vista, deixar a torcida já aquecida e animada<sup>85</sup>. O evento começou enquanto a torcida tentava emplacar uma música, de repente, silêncio. Muitos torcedores ligaram as lanternas dos celulares e direcionaram para o gramado. Junto com as luzes piscando, começou a tocar “Another brick in the wall (Pt. 2)”, do Pink Floyd. Durante a execução, existiu um misto de silêncio, contemplação e do lado dos Fanáticos, eles

---

<sup>84</sup> <https://youtu.be/-5T0AiR1zig>

<sup>85</sup> <https://youtu.be/zyaJd57hSeU>

performaram assobios e era possível ouvir que eles cantavam as suas músicas<sup>86</sup>. Assim que a música acabou, os jogadores entraram no gramado para iniciar o confronto. De imediato, a TOF puxou uma de suas músicas mais famosas, a “Vai ter festa na Baixada” e emendou os gritos de “Caldeirão!”, outra de suas músicas. Logo as músicas da torcida voltaram a rivalizar com uma música épica e fogos de artifício que anunciavam a entrada dos jogadores. Novamente, o som do alto falante cobriu o som das arquibancadas.

No geral, o “setor família” apresentou um misto de comportamentos: alguns tentavam imitar o que eles conheciam de uma “torcida raiz” ou mesmo de torcida organizada. Dançavam e cantavam o pouco que era possível ouvir. Do lado oposto da TO, quase nada se ouvia com nitidez, com exceção da primeira frase das músicas que os demais torcedores, situados nas arquibancadas centrais, cantavam junto a TOF e, por isso, era possível ouvir. Após a primeira frase, o som se dissipou e tudo era majoritariamente ruído. Dependendo da perspectiva, daria para fazer um estudo etnomusicológico dos ruídos no lugar das canções. Por isso, se tornou um desafio muito grande tentar entender as músicas, ali o que me restou era observar como aquela torcida vibrava e tentava emplacar o seu próprio método de torcer. Um misto de plateia de concerto: sentados e quase sempre em silêncio, com uma plateia de show de rock: pessoas dançando e cantando em torno do limite da sua cadeira e uma torcida como estamos acostumados a ver na televisão: aplausos quando o time tenta uma jogada agressiva ou recupera uma bola difícil, vaias quando o adversário tenta construir o jogo, gritos e explosões de sentimentos quando ocorre um gol. Alguns deles cantavam também, mas só quando a música era uma frase só, no máximo duas, depois paravam e voltavam a contemplar o espetáculo que eles pagaram para assistir. Em poucas palavras, quando o assunto é música, me senti dentro de uma partida de FIFA, de PlayStation ou Xbox. “Uh Caldeirão!” e “Athletico!” foram as mais cantadas durante todo o jogo, mas não parecia algo orgânico ou mesmo imponente se a tentativa era de amedrontar os adversários.

Pelo o que pude perceber, existe, no mínimo, uma briga nada silenciosa entre torcida e quem comanda o som ambiente do estádio. A briga pelo protagonismo deixou o show ainda mais artificial. Os únicos momentos que a TOF e a organização andaram de mãos juntas era quando a torcida adversária tentava emplacar alguma música no pré-jogo e nos momentos de gol. No primeiro caso, a música ambiente diminuía conforme as vaias da arquibancada aumentavam e conseqüentemente cobriam os poucos torcedores cruzeirenses que ali estavam.

---

<sup>86</sup> <https://youtu.be/LWUujFSc0Tc>

No segundo caso, após a explosão da comemoração, o narrador gritava o número da camisa do autor do gol e a torcida respondia em uníssono qual era o nome do jogador.

Trocando em miúdos, o setor família, nesse primeiro mergulho, representou um lugar tranquilo e individualista para assistir um jogo de futebol. Se não fosse o ruído constante que chegava até nós, acredito que com poucas adaptações o setor se tornaria uma plateia de teatro. Por parte da organização do estádio, tudo perfeito e confortável. Eles entregam uma boa experiência para quem almeja conforto e praticidade durante o espetáculo. Nesse jogo em específico, eles entregaram um show de luzes e som antes do jogo começar e no intervalo do jogo, algo atípico de acordo com meus amigos que disseram que esse tipo de ação não aconteceu nem nas últimas finais que o time disputou. Ali, a sensação era de que o público precisava estar imerso e entretido a todo momento, mesmo naqueles dedicados ao descanso dos atletas. Ao final do jogo, o locutor reforça a importância do “pacto”, como uma forma de agradecimento à torcida e de reforçar a campanha de marketing. Nessa noite que o time venceu por 3 a 0, todos estavam felizes e rapidamente se dissiparam pelas ruas do bairro Água Verde.

**APÊNDICE B - CAP x Atlético Mineiro - Caderno de campo nº 2**

Jogo: CAP x Atlético Mineiro

Competição: Campeonato Brasileiro

Rodada: 19 (reposição do jogo)

Playlist:

[https://www.youtube.com/playlist?list=PLnCDBxxmMTW4qhPcx9KNQBXzCLJQ0e\\_i4](https://www.youtube.com/playlist?list=PLnCDBxxmMTW4qhPcx9KNQBXzCLJQ0e_i4)

Data: 16/11/24 (sábado)

Horário: 18:30h

Temperatura: 24°

Preço do ingresso: R\$ 30

Público: 40.935 pagantes (recorde de público)

Renda: R\$ 1.066.695,00

Retrospecto dos últimos 3 jogos:

Vitórias: 1

Empates: 0

Derrotas: 2

Impressões e fatos descritos

Saio de casa às 16h rumo a Ligga Arena pela avenida Silva Jardim. Durante boa parte do caminho, sigo sem a companhia de outros torcedores. Quando me aproximo, cerca de cinco quadras no estádio, encontro, na quadra ao lado, um grupo de torcedores, escoltados pela PM, que cantavam algo incompreensível pela distância. Não havia sinais de violência ou vandalismo.

Ao chegar na praça em frente ao estádio, encontro o casal de amigos athleticanos que são meus guias neste início de pesquisa de campo. Entramos no estádio logo em seguida, pois eles gostam de chegar cedo para garantir um bom lugar no “setor família”, leia-se, o setor 321. Para este jogo, a administração do CAP decidiu fazer uma interação com a torcida

um pouco diferente. Dois dias antes do jogo (quinta-feira), o Athletico publicou nas redes sociais uma nova ação visando melhorar a ambientação no estádio e, também, mostrar para a torcida como ela deve torcer<sup>87</sup>: eles fabricaram e colocaram em cada assento uma bandeirinha intercalando entre uma bandeira vermelha e uma preta. Nessa bandeirinha, havia um adesivo vermelho colado na base para que o torcedor pudesse colocar na lanterna do celular para ser usado em um momento específico que ficaria a cargo do locutor do estádio avisar. Junto a essa estratégia, eles pediram para baixar um aplicativo (Connection FX) pois seria útil durante a execução. Essa ação híbrida<sup>88</sup>, misturando a tradição das bandeirinhas com a tecnologia de um app de celular, parecia não fazer muito sentido num estádio onde o clima estava tenso, afinal, o time estava na zona de rebaixamento e iria enfrentar um adversário que é considerado um dos melhores times do Brasil. Outro ponto interessante é que a ação pressupõe que a torcida possui internet móvel já que a Arena não oferece wi-fi, então o uso do aplicativo pode ser um fracasso se o torcedor não tiver acesso à internet no momento. Na rede social, X (antigo Twitter), João Phillippe, líder de bateria da TOF, critica a ação dizendo que é responsabilidade do torcedor organizar ações como essa, e que isso não é função do clube<sup>89</sup>. Essa discussão eu acho bem importante, visto que mediante a Espetacularização do Futebol, faz sentido o clube mostrar, incentivar e tentar moldar o comportamento do torcedor, assim como faz sentido um membro de Organizadora ir contra a ideia e defender a “liberdade” das arquibancadas.

Sentamos na mesma região que no primeiro jogo que fui. Tudo organizado e sem surpresas. No meu lado direito encontrava-se o casal de amigos, no esquerdo, um senhor com três crianças com os rostos pintados de caveira. Como entramos próximo das 17h e o jogo começaria somente às 18:30h, o estádio ainda estava muito vazio. Aos poucos, o setor começou a encher com muitas famílias com crianças. Mesmo vazio, o som do estádio estava muito alto, estourado, alternando entre rock e música eletrônica<sup>90</sup>. Já o teto estava fechado, deixando o ambiente ainda mais ensurdecido.

Uso desses momentos para conversar com meu amigo, que já foi setorista do CAP em outros tempos, e pergunto sobre a dinâmica das torcidas, se existem grupos que cantam músicas diferentes das puxadas pela TOF, se existe um Movimento ou alguma outra Torcida Organizadora que não dava para observar a olho nu. Ele responde que não há nada do tipo, mas

---

<sup>87</sup> [https://www.instagram.com/reel/DCXrOxjs3B\\_/?igsh=Z2dhOWEwaDJuMjky](https://www.instagram.com/reel/DCXrOxjs3B_/?igsh=Z2dhOWEwaDJuMjky)

<sup>88</sup> [https://youtu.be/b\\_juLtCu59Y](https://youtu.be/b_juLtCu59Y)

<sup>89</sup> <https://x.com/JoaoPhillippe/status/1856847548020891992>

<sup>90</sup> <https://youtu.be/MvBmONUH2vY>

que acreditava, assim como eu, que o fenômeno de Movimento, como o Verde e Amarelo<sup>91</sup> do Brasil, é a cara do Athletico e que não ficaria surpreso se surgisse um Movimento próximo aos camarotes, pois ali oferece um ângulo “mais ostentação” para tirar fotos e gravar vídeos. Entretanto, ele cita que existem alguns pequenos grupos de torcedores que se reúnem e que, antigamente, colocavam faixas de identificação, nas paredes e nas placas de publicidade, como, por exemplo, torcedores de um mesmo bairro, ou de um mesmo gênero. Esse último, no caso, de torcedoras. Durante todo o jogo, não foi possível encontrar essas faixas. Acredito que não seja mais permitido pois dificultaria a visão das marcas de alguns patrocinadores.

Outro ponto que questiono é a ausência das cores do CAP nas arquibancadas que são todas cinzas. Ele me explica que, ainda em 2024, um diretor profissional tentou mudar o layout das arquibancadas, mas que o Petraglia, o presidente, havia barrado a ideia de pintar os assentos. Outra queixa dele é que o Estádio, tanto na fachada externa, quanto na área interna, não possui uma identidade visual que remeta ao CAP e, por isso, evitava tirar fotos para publicar nas redes sociais, pois, para ele, não fazia sentido já que não seria possível alguém identificar de imediato onde ele estava. Enquanto esperamos o início do jogo, me levanto e vou à lanchonete para comprar uma pipoca e uma Pepsi e volto a sentar. Aqui, devido a ordem e facilidade, me sinto em um teatro à espera do início de uma peça.

Chegamos às 18h, a bateria da Fanáticos inicia o seu ritual e começam a tocar. O estádio começa a lotar. Aqui uma nota: o senhor, no meu lado esquerdo, começa a explicar para sua neta algumas coisas que aconteciam na arena. Essa cena é repetida diversas vezes ao decorrer do jogo, principalmente após algum protesto ou música. Não fui capaz de entender tudo o que ele conversava com a neta devido aos sons gerados das arquibancadas, mas era visível a preocupação dele em tentar ressignificar alguns palavrões que ele mesmo falava ao criticar algum jogador. Após gritar, ele olhava para a menina e tentava usar uma palavra parecida em bom e alto som. Por exemplo: após gritar “Caralho, Pablo!”, ele olhava para a menina e soltava um: “Caramba, né?”. Essas foram as poucas interações que consegui ouvir com nitidez pois ele gritava, mas a menina parecia não ligar. Voltando ao ambiente macro, como as cadeiras na maioria dos setores possuem donos, meu amigo conta que é normal os donos chegarem em cima da hora para assistir, pois eles possuíam essa exclusividade como benefício por ser sócio-torcedor. Conversando sobre os sócios, ele me explica que houve um aumento drástico no número de 2017 para cá, devido aos títulos conquistados pelo CAP.

---

<sup>91</sup> <https://movimentoverdeamarelo.com.br/quem-somos/>

Comentou que pulou de 20 e tantos mil para mais de 40 mil, mas que, de acordo com ele, a maioria desses sócios não visitam o estádio com frequência: eles pagam a cadeira para assistir uma final de campeonato sem estresse para caso o clube chegue lá. Ainda no assunto, ele tenta provar esse comentário dizendo que a média de ocupação do estádio gira em torno dos 18 mil e que a média subiu nesses últimos jogos justamente pela diminuição drástica nos preços, o que permitiu a ocupação do espaço por um público de não sócios, onde eu me incluo.

Nessa margem de tempo, entre 18h e 18:30h, algumas características se mantêm as mesmas que do último jogo: show de luzes no gramado, vaias aos jogadores adversários quando entram no campo para aquecer<sup>92</sup>, aplausos para os jogadores da casa. Durante esse período de aquecimento, o locutor pede o apoio do torcedor, reforça a ação da torcida que ocorrerá durante o show de luzes e repassa as instruções. O locutor para de falar, a música volta a tocar. A TOF continua “disputando” o domínio do som contra os alto falantes, a bateria ressoa, escuta-se alguns “Uh Caldeirão!” por poucos segundos, depois o ambiente volta a ser das músicas dos alto falantes. Enquanto os jogadores aquecem, a torcida começa a balançar constantemente as bandeirinhas de forma voluntária, como um gesto de apoio<sup>93</sup>. O estádio parece ganhar vida. Estava bonito. Apesar das críticas na rede social, a TOF não boicotou a ação e também utilizou as bandeirinhas. Enfim chegou a hora dos jogadores entrarem em campo para iniciar o jogo. O hino do clube começa a tocar<sup>94</sup> e as bandeirinhas a balançar. Nesse momento, os Fanáticos parecem cantar outra música, mas não é possível compreender qual e nem mesmo dá para pensar se foi uma tentativa de protesto. Estou muito longe deles e só escuto “ecos” da música. Termina o hino e boa parte da torcida entoia “Uh, Caldeirão!”. Nos altos falantes, uma narração da ação de marketing sobre “o pacto” do clube com a torcida. Essa disputa é frequente. Ainda não entendo o motivo. A narração termina e a torcida volta a cantar “Atlético! Olê lê o, Athletico!” e só param na hora do anúncio da escalação. Nesse momento, apoio. Aplausos. O apoio só cessou no anúncio do técnico, que foi um misto de aplausos e vaias. O momento do técnico não é bom dentro do clube. Termina a narração da escalação e o estádio começa a pulsar ao som de um remix de “Another brick on the wall pt. 2” da banda Pink Floyd. A música acaba. A torcida começa a cantar “Bem-vindo ao Caldeirão<sup>95</sup>” e “Lê le ô, Athletico!”. Em meio a canção, o locutor pede para a

---

<sup>92</sup> <https://youtu.be/NxxNPxwWk0M>

<sup>93</sup> <https://youtu.be/gg904-y9e1M>

<sup>94</sup> <https://youtu.be/rZOTqjLFIIU>

<sup>95</sup> <https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/bem-vindo-ao-caldeirao/>

torcida ligar a lanterna do celular para iniciar a ação de marketing, mas não deu muito certo, a sensação é de que ele foi ignorado<sup>96</sup>.

Para a entrada dos jogadores, um show de pirotecnia e fogos de artifícios. Isso chama a atenção dos torcedores que comemoram. Durante a execução do hino nacional, um mosaico 3D da TOF é exposto enquanto eles cantam algo incompreensível, mas não parecia ser o hino. Nesse momento, as músicas mais complexas não são executadas. Entre o balançar das bandeirinhas, é possível observar performances gestuais durante os gritos de “Athletico!”. Braços esticados à frente do corpo e com as mãos abertas e tremendo enquanto prolongavam as vogais<sup>97</sup>. Aqui, uma observação interessante. Durante todo o jogo observei que o gestual não precisa seguir o tempo do que é cantado, nem mesmo precisa ser próximo de sincronizado. Ninguém pediu para esse gesto ocorrer, não houve uma cobrança, mas os mais animados fizeram a dança organicamente. O corpo se tornou a extensão da voz, independente da afinação e da sincronia com os outros torcedores, as vozes e os gestos são apontados em direção ao campo. Todos estavam atentos e vibrando, alguns literalmente, para apoiar os jogadores.

Assobios, vaias, aplausos. Não há letras complexas para serem entoadas pela torcida, mas as intenções, e os recados das arquibancadas, são claros. Durante todo o jogo, as músicas da TOF são constantemente abafadas por essas expressões populares que deixou o estádio em sincronia por alguns momentos. Nesse momento percebo que as músicas das torcidas são simples, não precisam de grandes análises: se você está no estádio, você sente o que elas representam. Eu não sou athleticano, mas em meio a torcida, torço, vibro e reclamo sobre jogadores que eu ainda não sei os nomes. Por quase 2h, esqueço o que eu não sou, eu apenas vivo o que somos, mesmo que em um papel híbrido, variando entre observador e agente, ou melhor, entre observador e torcedor.

Ainda não aprendi a cantar as letras, não identifico o que os sons da bateria querem dizer e não uso o uniforme do clube. Ali, ninguém que estava ao meu redor se preocupou com isso. A sensação era de que se eu estava com eles e performando alguns rituais, eu era um deles.

Durante o jogo, o atacante do CAP, Pablo errou lances claros que poderiam resultar num gol e a torcida não perdoou. Quase em uníssono, cantaram “Ôooo tomar no cu Pablo!

---

<sup>96</sup> <https://youtu.be/LUYcz3iYpHo>

<sup>97</sup> <https://youtu.be/HSmSH7gHXTM>

Ôooo tomar no cu Pablo!<sup>98</sup>”. Esse não é um canto registrado pela torcida, mas poderia ser, pois soava como uma música devido a performance coletiva do coro. Aos 28 minutos do primeiro tempo, gol do CAP. Tomás Cuello abre o placar. Uma explosão de felicidade, e alívio, acontece. As bandeirinhas demonstraram apoio. A intensidade do balançar representou a felicidade de alguns torcedores. O locutor grita gol e dá o primeiro nome: “Tomás”. A torcida responde, de imediato, e complementa: “Cuello!”. O locutor responde: “Faz barulho Caldeirão!”. Muitos torcedores começam a bater nos vidros, nos assentos, em qualquer coisa que estivesse ao alcance das mãos e que não fossem outras pessoas. Ainda na adrenalina, puxam: “Dalê, dalê dalê e o, Athletico, Athletico, dalê dalê e o!”<sup>99</sup>”.

A partir do primeiro gol, o jogo fica morno, nada de muito interessante ocorre, as músicas se repetem, com ou sem apoio dos torcedores não organizados. A bateria só para de tocar no intervalo. A todo lance a torcida reage com algum sinal de aprovação ou descontentamento. Vaias ou aplausos. O som ambiente, durante todo o jogo, é um misto intenso de ruídos. No intervalo, as luzes se apagam, o locutor pede para todos abrirem o aplicativo para participar do show de luzes que ocorrerá no centro do gramado. Agora a interação é engajada por mais torcedores já que o time está ganhando. Muita música alta, lanternas de celulares e luzes vermelhas piscando. Um show a parte que dura poucos minutos. Apesar de bonito, parece não fazer muito sentido no contexto do jogo, mas é legal de observar<sup>100</sup>.

Começa o segundo tempo. A torcida mais animada, engaja com mais frequência nas músicas puxadas pelos Fanáticos. A atmosfera parece mais leve, apesar do jogo difícil de assistir e, imagino, de se jogar também. A cada lance de ataque do CAP, o ruído de apoio subia o tom. Se a torcida do Atlético Mineiro tentava cantar, a resposta dos torcedores mandantes era automática: vaias até os adversários se calarem. A cada minuto adicional de acréscimo dado pelo juiz, o árbitro era xingado veementemente. Como no último jogo que estive presente, a torcida esporadicamente puxava parte da música Vai ter festa na baixada<sup>101</sup>: “Olê, le, Ola, la, pau no cu do Coxa e do Paraná”. Nas duas vitórias, e em situações de vitória, parece ser importante para os athleticanos cantarem sobre os rivais para reforçar que o CAP é superior aos demais times de Curitiba, mesmo não jogando contra eles. Nos

<sup>98</sup> [https://youtu.be/CG7CIC\\_jDVU](https://youtu.be/CG7CIC_jDVU)

<sup>99</sup> <https://youtu.be/zhah2vxfzYU>

<sup>100</sup> <https://youtu.be/vCrOGV7bVN0>

<sup>101</sup> <https://youtu.be/sbr2E8SWBhk>

acréscimos<sup>102</sup>, organicamente, os torcedores começam a balançar as bandeirinhas em sinal de apoio.

Apita o juiz, fim de jogo na Arena. O estádio explode felicidade, as bandeirinhas não param de tremular. As luzes principais se apagam, tudo fica vermelho. Nos altos falantes o locutor comemora: conseguimos um novo recorde de público. Todos comemoram, o locutor agradece aos torcedores. Na beira do gramado à minha frente, uma cascata de pirotecnia começa a cair. Muitos aplausos. Do outro lado das arquibancadas ouvimos em alto e bom som um comando: “Senta! Senta!”. A solicitação da TOF é bem recebida. Muitos torcedores sentam. Em seguida, os torcedores cantam juntos a música “E somos a maior!”:

E somos a maior!  
Do sul do Brasil!  
E quem não gostar!  
Que vai pra puta que o pariu!  
Fanáticos!  
Athletico!  
Fanáticos!  
Athletico!  
Oleleo Athletico!  
Oleleo Athletico! (OS FANÁTICOS)<sup>103</sup>

Organizados ou não, neste momento somos todos Fanáticos. A união dos torcedores e o bom entendimento da administração do estádio que não disputou o som ambiente com a torcida e ainda ajudou a criar um ambiente favorável com a iluminação, além das bandeirinhas, gerou um clima muito bonito. A sensação, que senti, é a de que o clube não vai ser rebaixado de forma alguma. O pacto está mais vivo do que nunca, a vitória propiciou isso, independente da qualidade do futebol jogado. Retorno caminhando para minha casa em torno das 20h. Durante todo o trajeto, alguns carros não paravam de buzinar e rompiam o silêncio do bairro. Com as janelas abertas, as bandeirinhas pretas e vermelhas tremulavam na avenida. O Athletico estava nas ruas, para a alegria e tristeza da vizinhança.

<sup>102</sup> [https://youtu.be/2\\_sF3ML3wIE](https://youtu.be/2_sF3ML3wIE)

<sup>103</sup> <https://www.letras.mus.br/torcida-organizada-os-fanaticos/802842/>

**APÊNDICE C - CAP x Atlético Goianiense - Caderno de campo nº 3**

Jogo: CAP x Atlético Goianiense

Competição: Campeonato Brasileiro

Rodada: 33ª

Playlist:

[https://youtube.com/playlist?list=PLnCDBxxmMTW49xfGN0vmvSVmaT8m\\_WW6P&si=J-xFjzXKvUMjJ5sT](https://youtube.com/playlist?list=PLnCDBxxmMTW49xfGN0vmvSVmaT8m_WW6P&si=J-xFjzXKvUMjJ5sT)

Data: 20/11/24 (quarta-feira)

Horário: 16:30h

Temperatura: 29°

Preço do ingresso: R\$ 30

Público: 42.177 (novo recorde de público)

Renda: R\$ 1.057.900,00

Retrospecto dos últimos 3 jogos:

Vitórias: 1

Empates: 0

Derrotas: 2

Impressões e fatos descritos

Hoje o jogo é de tarde, às 16:30h. Esse foi o primeiro jogo nesse horário que frequentei. Saio de casa às 15:10h, chego na arena em torno das 15:40h, um pouco mais em cima do horário se comparado aos jogos anteriores. Durante o caminho, encontro uma quantidade maior de torcedores devido a proximidade do início do jogo. Ao lado de algumas entradas, no boulevard, uma banda cover canta Foo Fighters no meio de uma massa de torcedores rubro-negros. O cover não era a única a tocar música, pois disputava com as playlists das lojas, mas a banda era a única possível ouvir a distância.

Entro na arena, me dirijo ao setor 321, o “setor família”, para me encontrar com meus 2 amigos, e guias, que haviam entrado mais cedo para garantir bons lugares para assistir ao jogo. Aqui, um adendo. Apesar do forte calor, a previsão era de chuva e, por isso, o teto do estádio já se encontrava fechado, criando uma sensação de estar dentro de uma estufa: Sol, aglomeração de pessoas e pouca ventilação. Sento ao lado do corredor, essa é uma informação importante. Ao todo, mais de 42 mil pessoas, recorde histórico de público da arena. Após sentar, observo o estádio cheio, barulhento. A expectativa era de casa cheia. O setor da torcida visitante foi realocado para os camarotes. O espaço, antes rival, estava preenchido por athleticanos. Todos os setores, onde havia aglomeração, eram rubro-negros.

Conversando com meu amigo sobre essa mudança na disposição da arquibancada, ele logo me avisa: “Hoje só conseguimos lugar aqui. Quem senta nas primeiras cadeiras ao lado do corredor tem que assistir o jogo em pé porque o pessoal já vai se aglomerar ao seu lado e tapar sua visão. Não estranhe se der confusão, é normal devido a muvuca”. Dito e feito, próximo ao início do jogo, já me encontrava em pé. Para esse jogo, a administração da arena colocou sacos plásticos vermelhos e pretos, num formato semelhante a um cotonete, nos assentos para a plateia encher e utilizar para torcer, semelhante a ideia da bandeirinha usada no jogo contra o Atlético Mineiro. A ideia, apesar de visualmente bela e impactante, era um pouco problemática. Após inflar o saco plástico, ele ocupava muito espaço.

Durante o pré-jogo, na narração da escalação, o técnico dessa vez foi aplaudido. Parece que o torcedor resolveu apoiar o técnico, a vitória contra o CAM deve ter sido um incentivo e tanto para isso. Terminando a escalação dos jogadores do CAP, o DJ colocou “Another brick on the wall pt. 2” do Pink Floyd. Essa execução parece ser protocolar nesse momento do ritual. Entretanto, ao contrário das minhas últimas experiências, durante a execução, no refrão, o DJ reduziu drasticamente o volume. De imediato, boa parte da torcida respondeu imediatamente “Hey Coxa, vai tomar no cu!”. Essa foi a primeira vez que notei essa interação e soou bem interessante, pois soou como se a arena e a torcida estivessem em sintonia, mesmo que num possível improviso. Depois dessa adaptação do refrão, o volume voltou a ficar muito alto durante o restante da versão da música tocada.

Começa a execução do hino do clube, algumas observações. Aqui vale a pena pontuar dois acontecimentos: o primeiro, é que a torcida, como um todo, não canta junto a reprodução, eles apenas assobiam após ouvir “Athletico!”. O segundo ponto, que não foi inédito, é que durante a execução nos alto falantes, a TOF não canta o hino, ela canta músicas

próprias, e disputa o espaço sonoro, durante boa parte da música. Notei essa característica no jogo passado, e hoje novamente. Perguntei ao meu guia e ele respondeu que isso era comum da Fanáticos, que eles sempre tentavam interromper o hino, mas não sabia o motivo que levava isso a ocorrer. Perguntei se ele tinha alguma hipótese, já que tem uma vasta vivência como torcedor e setorista, mas ele disse que não tinha, mas que também gostaria, pois era estranho a TO do CAP tentar encobrir o hino do CAP. Após o término da canção, de imediato, iniciou-se, dessa vez em áudio e vídeo no telão, a reprodução da campanha de marketing sobre o pacto do clube com a torcida.

Em seguida, inicia-se os protocolos para o início do jogo, sendo um deles a execução do hino nacional. Assim que começou a execução, no outro lado do estádio e em frente a TOF, iniciou-se um evento à parte: houve uma explosão de papéis para o céu e o disparo de fumaças pretas e vermelhas que cobriram todo o estádio. Apesar de esteticamente ser um evento bonito, ficou difícil de respirar por alguns minutos devido a pouca circulação de ar, já que o teto da arena estava fechado. Porém, nem isso desmotivou a torcida que engajou na ação: a maioria dos cotonetes plásticos foram jogados em direção ao campo durante a execução do hino, além de ser uma interação saudável, e bem vista, entre os torcedores, também foi uma maneira de se livrar daquele objeto que estava ocupando espaço. Este foi o pré-jogo: em pé, amontado com outras pessoas, respirando fumaça e com muito calor. Uma experiência praticamente oposta às outras duas, no mesmo setor. A diferença se formou por alguns centímetros, se estivesse três cadeiras ao lado e sentado, a experiência poderia ter sido incrível, mesmo com calor e respirando fumaça, mas ao me sentir no meio da “muvuca”, algo próximo de um estádio tradicional, “raiz”, me senti muito desconfortável, pois a todo momento tinha que lidar com fatores externos que não me permitiu torcer, como estava aprendendo a torcer nos jogos anteriores.

Inicia-se o jogo, as arquibancadas estavam mais barulhentas que o comum, questionei o meu amigo se ele achava que o público mudava devido ao horário, pois o estádio estava mais “vivo”, ele concordou e explicou que acreditava que mudava o público sim, já que o horário, e o preço, permitia a participação de um público mais jovem, ainda mais em um feriado. Isso me fez pensar no tempo de locomoção e em como os jogos às 18:30h já realiza uma primeira filtragem: os jovens que trabalham aos finais de semana não conseguem ir ao jogo. Eles, em geral, não possuem o mesmo poder aquisitivo se comparado aos dos

sócios-torcedores. Essa é uma percepção muito incipiente e que pretendo observar em outras oportunidades com jogos acontecendo no período da tarde.

Durante todo o primeiro tempo, nada de muito novo que valha a pena destacar, somente duas cenas: 1) no momento em que o CAP estava sendo pressionado constantemente pelo time adversário. Nesse momento a torcida cantou: “vamos correr, vamos suar, se não o bicho vai pegar”. Essa música teve uma boa adoção em outros setores e foi a primeira vez que ouvi na arena. 2) No primeiro tempo teve pênalti para o CAP. O atacante Di Yorio, que não tem prestígio com a torcida, chamou a responsabilidade na cobrança e errou a finalização.

No final do primeiro tempo, Tomás Cuello, que adquiriu prestígio com a torcida nos últimos jogos, abriu o placar no jogo. Um alívio. Muita comemoração, a mesma interação entre locutor e torcida. Este locutor, de acordo com meu guia, é uma invenção, no Brasil, do Athletico. Deu tão certo que o clube Botafogo copiou, e isso motivou a torcida do Athletico a fazer piadas sobre a cópia do time carioca.

Termina o primeiro tempo, e com ele a minha imersão dentro da arena neste jogo. Estava passando mal. Por ter que assistir o jogo em pé, aglomerado e com dificuldades de respirar, optei por sair. Acredito que dê para considerar essa experiência como algo próximo de um “estádio raíz”, em arquibancadas lotadas e sem locais apropriados para sentar. Confesso que entre as duas experiências, observo com bons olhos a espetacularização da experiência e a aproximação de uma imersão teatral.

Ao sair da Arena, ainda durante o intervalo do jogo, notei que em um apartamento no prédio rente ao estádio, encontrava-se um senhor sem camiseta na sacada olhando para a rua e, mesmo sem querer, ouvindo os ruídos vindos do estádio. Mesmo em um momento calmo do espetáculo, o som era ensurdecedor. Não é uma opção não ouvir, a não ser que se utilize protetores auriculares em sua própria residência durante o dia. Para morar nas proximidades, acredito que deveria ser um pré-requisito ser torcedor do clube para criar uma resistência e assim evitar transformar o som em violência sonora com frequência.

**APÊNDICE D - CAP x Criciúma - Caderno de campo nº 4**

Jogo: CAP x Criciúma

Competição: Campeonato Brasileiro, série B

Rodada: 2ª

Posição ou fase da competição: Não identificado

Playlist:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLnCDBxxmMTW4QaloMO789i8Qmbp75bsN6>

Data: 10/04/2025

Horário: 19h

Temperatura: 17°

Preço do ingresso: R\$ 30 (voucher) ou R\$ 150 / R\$ 75

Público: 15.390

Renda: R\$ 267.355,00

Retrospecto dos últimos 3 jogos:

Vitórias: 1

Empates: 1

Derrotas: 1

Impressões e fatos descritos

Apesar de ser o primeiro jogo do campeonato em casa, a expectativa era de casa vazia se eu fosse comparar aos outros jogos que frequentei. Os motivos são diversos: Série B, eliminação recente na semifinal do Campeonato Paranaense, ingressos a 150 reais, horário ruim (19h) e também a TO Fanáticos só conseguiu a liberação para frequentar a arena horas antes do início do jogo. Cheguei próximo das 18:15, desta vez fui acompanhado da minha esposa, que é musicista.

A primeira impressão ao entrar no estádio é de que o jogo não atrairia mais que dez mil pessoas. Chegamos no setor 321 (setor “família”) e ele estava praticamente vazio, muito

diferente do que eu estava habituado. Aos poucos, o estádio foi sendo preenchido pelas cores do Athletico. Os Fanáticos, aos poucos, ocuparam o espaço destinado a eles e, minutos antes da cerimônia de abertura do jogo começar, eles começaram a tocar e cantar. Ao iniciar a performance, o som do estádio cessou, mas acredito que foi apenas uma coincidência, pois segundos depois desse fato, os altos falantes começaram a tocar o hino nacional. A cerimônia começou. A única coisa que me chamou a atenção foi que no meu setor, a maioria dos torcedores se levantaram em reverência ao ouvir o hino nacional, alguns até cantaram. Esse ato “patriótico” era algo que eu não havia percebido nas outras oportunidades. É possível que isso seja um sintoma que sinaliza a mudança de público, do “povão” que pagaram 30 reais para assistir ao jogo em 2024 para os “patriotas” classe média, sócios e não sócios que pagaram 150 reais num ingresso de jogo de série B, em 2025, que iniciou às 19h no estádio situado na regional central da cidade. Isso é algo que irei observar com mais afinco nas próximas oportunidades.

No setor 321, os torcedores não pareciam preocupados em usar o uniforme do clube: diria que pelo menos 40% do setor estava usando roupas sociais ou trajes básicos que usamos em escritórios. Em relação a música da TO, pouco se escuta, só é possível ouvir a bateria e alguns ecos das vozes do grupo. Em alguns momentos foi possível observar algum torcedor tentando cantar junto, mas foram raras vezes. O que pode ser interessante é que esses torcedores que tentaram acompanhar, normalmente, estavam acompanhados de um ou mais amigo/familiar. Os torcedores que foram sozinhos, pelo menos os que eu pude observar, não demonstraram nenhuma interação mais ávida em relação a torcer. Por exemplo, não cantavam, não levantavam das cadeiras para protestar, não xingavam em voz alta. A única exceção foram nos momentos de gols. No gol, todos se levantam por poucos segundos, gritam, aplaudem, voltam a sentar e retomam o silêncio. A ideia de não incomodar e ser “educado” parece prevalecer ao “modo raíz de se torcer”. Uma característica interessante da torcida é que quanto mais distante do setor da Organizada, mais pessoas assistem ao jogo sentados. Em alguns momentos dava a sensação de que era algo combinado e muito bem organizado.

No tocante às músicas, não houve nenhuma performance executada no setor, salvo por uma pessoa ou duas que cantaram uns 2 versos aleatoriamente e se calaram em seguida. As produções sonoras, essas sim mais constantes pelo estádio inteiro, eram de sons de aplausos, vaias e gritos de “uh!” quando alguma jogada de quase gol ocorria.

O jogo terminou 2x1 para o CAP, o time e o técnico pressionado, comemoraram a vitória junto a torcida, que rapidamente se levantaram para ir embora do jogo. Na saída do estádio, nenhuma música. O entretenimento acabou.

**APÊNDICE E - CAP x Brusque - Caderno de campo nº 5**

Jogo: CAP x Brusque

Competição: Copa do Brasil 2025

Rodada: n/a

Posição ou fase da competição: Dezesesseis avos de final

Playlist:

[https://youtube.com/playlist?list=PLnCDBxxmMTW7BzAfGP\\_DvFBz1At4VVF8o&si=gOQF1bnVZLxEDchr](https://youtube.com/playlist?list=PLnCDBxxmMTW7BzAfGP_DvFBz1At4VVF8o&si=gOQF1bnVZLxEDchr)

Data: 20/05/2025

Horário: 19:30h

Temperatura: 15°

Preço do ingresso: R\$ 30 (voucher) ou R\$ 150 / R\$ 75

Público: 17.670

Renda: R\$ 383.420,00

Retrospecto dos últimos 3 jogos:

Vitórias: 0

Empates: 1

Derrotas: 2

Impressões e fatos descritos

O jogo, pela Copa do Brasil, foi programado para às 19:30h de uma terça-feira, o que por si só, na realidade de Curitiba, já se torna um problema de logística para muitos torcedores. Como moro perto da Ligga Arena, não tive problemas com atrasos. Fui caminhando para o estádio e cheguei próximo das 18:45.

O boulevard estava lotado como de praxe, mas o estádio em si, vazio. No setor 321, a maior parte do público era de idosos e famílias, destaco aqui a presença das mulheres. A minha percepção é de que havia uma quantidade similar de mulheres e homens. Desse

público, observei que a maior parte dos idosos estavam usando alguma camiseta do CAP, enquanto entre os mais jovens, isso não era comum. Tinham sim muitos jovens uniformizados, mas também haviam aqueles que estavam com roupas casuais ou sociais, como se estivesse vindo do trabalho direto para o estádio.

Próximo das 19h, o locutor da arena começou a interagir com a torcida e pediu para que fizéssemos barulho, a famosa frase “Faz barulho Caldeirão!”, mas houve pouca adesão na 321. Quando eu bati na cadeira e olhei para o lado, percebi que eu era um dos únicos a fazer isso e fiquei constrangido, a sensação era de que eu estava torcendo errado e incomodando os torcedores. Parei imediatamente. Após essa interação, a música ambiente do estádio voltou a tocar, sempre muito alto, sempre em inglês. O fim do pré-jogo se aproxima e, com ele, iniciou-se o protocolo de início do jogo. O locutor pede para nos levantarmos e respeitarmos a cerimônia da execução dos hinos. De imediato, quase todos se levantam e participam daquele momento. Talvez essa seja a música com maior engajamento do estádio.

Começa o jogo. A TOF não para de tocar e cantar. Logo no primeiro minuto: gol. A torcida enlouquece por poucos segundos, mas em seguida, todos sentam. Durante o resto do jogo, o setor 321 se manteve em silêncio. Algumas palmas, um ou outro tentando cantar com a TOF, mas nada que se destaque. Ao longo do jogo, por a arena ter uma acústica ruim e eu estar no lado oposto da TO, o ruído das músicas começaram a me incomodar. A sensação era semelhante a de um barulho urbano constante, como se estivessem construindo um prédio ao lado da minha casa e eu fosse obrigado a ouvir aqueles barulhos que não faziam sentido. Quando eu conseguia ouvir e entender as letras, não me incomodava, mas isso foram poucas às vezes até o final do jogo, que foi um dos poucos momentos que a torcida voltou a se manifestar com mais ênfase.

Fim de jogo, 1x0, o CAP se classificou para a próxima fase da Copa do Brasil. Após o apito final, de imediato todo o público começou a se mover para a saída. Nos corredores internos da Arena, ainda era possível ouvir a bateria da TOF, mas ninguém parecia ligar. Assim acabou o jogo, ao lado de pessoas que prezavam pelo silêncio, assim como aqueles que estavam sentados no setor 321.

**APÊNDICE F - CAP x São Paulo - Caderno de campo nº 6**

Jogo: CAP x São Paulo

Competição: Copa do Brasil 2025

Rodada: n/a

Posição ou fase da competição: Segundo jogo das Oitavas de final

Playlist: Não possui

Data: 06/08/2025

Horário: 19:30h

Temperatura: 9°

Preço do ingresso: R\$ 30 (voucher) ou R\$ 150 / R\$ 75

Sócio-torcedor: foi possível comprar mais 4 ingressos por R\$ 75 cada nos setores RED ou GOLD

Público: 30.078

Renda: R\$ 1.543.590,00

Retrospecto dos últimos 3 jogos:

Vitórias: 0

Empates: 2

Derrotas: 1

Impressões e fatos descritos

Hoje foi um dia atípico na arena: o jogo era contra o time pelo qual eu torço e ao qual pertenço. Por ser um clássico de muita rivalidade entre as torcidas, fui com mais cautela para o estádio. A minha performance como torcedor do CAP, e não do São Paulo, teria que ser perfeita, visto que se por um momento eu falhasse, a minha integridade física estaria em grande risco já que eu estaria em meio aos torcedores athleticanos.

Cheguei próximo das 18:30h no setor 321, sentei em uma fileira ainda vazia da arquibancada e fiquei observando a entrada dos demais torcedores. Aos poucos, muitos

jovens ocuparam o setor, o que já me sinalizou que esse jogo de eliminatória seria de casa cheia, ou seja, a 321 estaria diferente, assim como em 2024. Sozinho, não me aventurei a pegar o meu celular pois caso eu olhasse as redes sociais, algum torcedor que sentasse próximo a mim poderia identificar que eu era são-paulino, e se eu filmasse demais, poderia gerar um estranhamento: por que um athleticano tá filmando sem parar o estádio? Essas atitudes foram comuns nos outros jogos, mas nesse, não me aventurei, não me sentia seguro pois, em minha cabeça, eu era um infiltrado e temia ser identificado caso minha performance não fosse igual a dos outros.

De longe, eu observava a torcida são paulina que lotou o setor adversário. Um sentimento de inveja, e orgulho, me preenchia. A cada música cantada pelos visitantes, a minha vontade era de cantar junto, de sorrir e torcer como nunca antes eu havia sentido vontade. Mesmo à distância e em um ambiente hostil, eu pertencia ao lado deles. Não reconhecia os rostos de nenhum são-paulino, tampouco podia me manifestar, mas eu cantava todas as músicas em minha mente, em sinergia, como se estivesse em um lugar familiar, em um lugar especial. Em meio a essa catarse intrapessoal, os athleticanos ao meu lado xingavam os adversários, alguns cantavam músicas athleticanas e aplaudiam os jogadores rubro-negros. Eu, como bom torcedor, reproduzia comportamentos semelhantes. Na minha mente tocava uma música são paulina, na minha boca saía uma athleticana, dizendo o oposto do que eu gostaria de cantar.

Começou o jogo. Meus gestos seguiram os dos meus pares. Palmas e gritos de “Athletico!” saíram do meu corpo. Aos 4 minutos do primeiro tempo, o juiz expulsa o Rafael, o goleiro do São Paulo. Eu, que vi o lance ocorrer bem na minha frente, comemorei fingindo estar em êxtase como os demais, mas na minha cabeça eu queria “matar” o árbitro que prejudicou o meu time, a meu ver, sem critério algum. A partir de então, a ansiedade e o nervosismo tomam conta de meu ser. Considero ir embora no intervalo do jogo pois sentia que a qualquer momento a minha performance poderia falhar e eu não conseguiria mais esconder que eu era são-paulino! Nessa altura, o casal que estava ao meu lado xingando o São Paulo a todo momento, já tinham se tornado meus parceiros de arquibancada. A todo lance um deles conversava comigo como se eu fosse um grande amigo, um grande torcedor... como se eu fosse um athleticano. Um deles. Que agonia! Eles eram legais, mas O MEU time estava sofrendo em campo, como eu poderia manter o meu disfarce, e a minha sanidade, por mais um tempo sendo que estávamos com um jogador a menos? E se o São Paulo fizesse um

gol com um jogador a menos? E se ele fosse eliminado? Pior, e se fosse para os pênaltis? Em todos os outros jogos que torci pelo CAP isso não era uma preocupação. Sofreria com eles, comemoraria com eles. Agora, eu precisava ser um deles, pertencendo ao adversário. Como essa performance, extremamente repulsiva em minha cabeça, poderia ser continuada por mais um tempo? A cada provocação da torcida são paulina que cantava “Série B” para os athleticanos, eu queria cantar junto e rir, mas de minha boca só saía “Athletico!”.

Como dá para notar, esse diário de campo não é sobre torcer, mas sim sobre os conflitos de pertencer ao outro, enquanto preciso torcer contra o outro, pelo menos enquanto estou dentro do estádio. Apesar de toda a tensão e crise nas identidades, existiram momentos de alívio. A cada erro dos jogadores, dos dois times, eu desabafava e botava para fora um pouco da minha tensão e ansiedade xingando um jogador, algo incomum vindo do meu personagem. Sempre que meus pares xingavam um atleta, eu xingava junto. Mesmo torcendo para o Athletico naquele momento, eu conseguia torcer para o São Paulo através da ofensa. A cada jogada de perigo que o time da casa executava de forma errada, eu soltava algo como “Meu Deus! Como esse cara errou isso?”. Apesar do tom de voz passar uma mensagem de protesto e raiva, eu estava feliz. Ah, eu estava muito feliz! Infelizmente a felicidade como são-paulino durou pouco.

Durante o segundo tempo, o Athletico fez um gol, o que levaria o jogo para os pênaltis. Na comemoração, aplaudi e comemorei junto com o casal que estava ao meu lado. Veja bem, eu tinha que festejar! O jogo foi para os pênaltis e o goleiro athleticano, o Santos, defendeu as 3 primeiras cobranças e encerrou a competição: o CAP venceu o São Paulo para a festa na Arena da Baixada, para a minha tristeza enquanto são-paulino e para o meu alívio enquanto ser humano: agora eu poderia ir embora e parar de torcer contra o que eu sou: um são-paulino convicto, quase totalmente irracional, mas que felizmente consegui disfarçar por quase duas horas e saí ileso, apenas fisicamente, da Arena da Baixada.

Essa experiência, agonizante, me fez refletir ainda mais sobre o torcer e pertencer. Torcer é uma opção, é a performance de uma expectativa e é efêmera, pode ser delimitada no tempo e espaço. Pertencer é outra coisa. Pertencer está intimamente ligado ao ser o que se é, atemporal e pode ser um ponto fixo de suas identidades. Eu posso ser filho, marido, pai, pesquisador, entusiasta de outros esportes e torcedor do Athletico enquanto estou dentro da Arena da Baixada, mas em todas essas identidades, eu ainda sou são-paulino.

Esse relato de experiência não estava previsto para ocorrer, essa seria uma experiência que eu guardaria para mim. No entanto, ao me colocar como um infiltrado e, acima disso, como um impostor, pude reforçar quem eu sou e, principalmente, entender na prática o torcer e o pertencer a uma torcida e/ou a um clube de futebol. Durante todo o jogo, torci pelo Athletico Paranaense. Durante todo o jogo, pertenci, como sempre, ao São Paulo.